

OVELHAS DO MINHO

— Minho Sheep Breeds





OVELHAS DO MINHO

— Minho Sheep Breeds

Município de Ponte de Lima
Municipality of Ponte de Lima

Associação Concelhia das Feiras Novas
Council Association of Feiras Novas

Associação dos Criadores de Bovinos de Raça Barrosã
Barrosã Cattle Breeders Association

FICHA TÉCNICA

— Credits

TÍTULO TITLE
Ovelhas do Minho Minho Sheep Breeds

EDITOR EDITOR
Município de Ponte de Lima · Associação Concelhia das Feiras Novas · Associação dos Criadores de Bovinos de Raça Barrosã

AUTORES AUTHORS
Nuno Vieira e Brito · Adelino Gouveia · José Leite
Virgínia Ribeiro · José da Mota Alves · Rui Dantas

COLABORAÇÃO ESPECIAL SPECIAL COLABORATION
José Paulo Abreu · Susana Guedes Pombo
Município de Cabeceiras de Basto

EQUIPA TÉCNICA TECHNICAL TEAM
Albano Beja-Pereira · Guida Fonseca · Mafalda Pacheco
Conceição Silva · Miguel Leite · Nuno Monteiro
Tiago Dias · Rui Ramalhete

TRADUÇÃO TRANSLATION
Liliana Fonte

TIRAGEM PRINTING RUN
1000 exemplares copies

DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN
Moodystudio

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS PRINTING AND WORKMANSHIP
Gráfica da Graciosa

DEPÓSITO LEGAL COPYRIGHT
?

ISBN ISBN
978-972-8846-90-9

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY
© Aberdeen University: pág. 32 [B5]
© Adelino Gouveia: págs. 36 · 38 · 41 · 49 · 54 · 70 · 89
© Amândio Vieira: págs. 4 · 24 · 129 · 133 · 136
© Arquivo AMIBA: pág. 117
© Asef-m-m: págs. 26 · 33 [B1]
© Biblioteca Apostolica Vaticana: pág. 16
© Feldstein: pág. 8
© José Pessoa. Museu de Évora – Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo. DGPC: pág. 110
© Julia Maudlin: pág. 32 [A3]
© Luís Vieira/InvestBraga: pág. 64
© Manuel Correia. Arquivo Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto [Casa da Lã – Bucos]: págs. 12 · 46 · 68 · 73 · 83 · 100-101 · 113 · 114
© Metropolitan Museum of Art: págs. 32-33 [A1 · A2 · B2]
© Minneapolis Institute of Art: pág. 14
© Mosteiro de São Martinho de Tibães: págs. 18 · 32 [2] · 127
© Musée du Louvre: págs. 32-33 [B3]
© Musei Vaticani: pág. 32 [B4]
© Nuno Monteiro: págs. 20 · 63 · 84
© ÖNB - Österreichische Nationalbibliothek: pág. 122 [1-4]
© Rufus46: págs. 28 · 33 [1]
© Rui Dantas: págs. 7 · 11 · 23 · 32 [2] · 43 · 51 · 56 · 65 · 77 · 79 · 81 · 86 · 93 · 97 · 108
© Rui Pedro Dantas: págs. 53 · 57 · 59 [1-6] · 61 · 66 · 99
© Salva a Lã Portuguesa: págs. 83 [2-11] · 99 [2-13]
© S. Reznichenko: pág. 31
© The Trustees of the British Museum: pág. 32 [A4]
© Virgínia Ribeiro: pág. 44

As ideias expressas nos textos deste livro apenas responsabilizam os seus autores.
Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa.
The ideas expressed in this book are the sole responsibility of its authors.
This book obeys the grammatical rules of the Portuguese Language Spelling Agreement.

© Todos os direitos reservados.
© All rights reserved.

Este livro é um tributo a um povo que resiste,
que sobrevive às privações, ao isolamento e ao abandono;
que conserva a biodiversidade, a paisagem e o ambiente;
que mantém a gastronomia e os produtos de qualidade,
que persiste nos costumes e nas tradições;
este é um povo humilde, mas heroico,
personificado pelo nosso companheiro de sempre,
o Presidente da Direção da AMIBA (1990-2021),
Armando da Rocha Pires (**o Armandinho da Poça**).

This book is a tribute to the people who resist,
***survives** deprivation, isolation and abandonment;*
protects *biodiversity, landscape and environment;*
maintains *the gastronomy and quality products,*
persists *in customs and traditions;*
this is a humble but heroic people,
personified by our old companion,
Chairman of the Board of AMIBA (1990-2021),
*Armando da Rocha Pires (***Armandinho da Poça***).*



MENSAGEM

— Message

É com enorme honra e satisfação, à semelhança do sucedido noutros desafios que me têm sido colocados, que aceitei escrever algumas palavras para inclusão numa publicação que centra a sua atenção nas nossas raças autóctones, um património nacional de valor inestimável se quisermos atender, como se impõe, a critérios de ordem socioeconómica associados a motivações de natureza produtiva, científica e cultural e a questões ambientais.

Para a presente publicação que, entre outros objetivos, visa apresentar, divulgar, preservar e valorizar os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho e da raça Churra do Minho, decidi, em linha com o que tenho feito anteriormente, por entender que é uma obrigação do poder político, conferir um contributo em jeito de alerta para a cada vez mais premente necessidade e importância da manutenção, de forma continuada, dos esforços que se exigem à conservação, melhoramento e valorização da globalidade das raças autóctones.

Como já tive oportunidade de referir, em anteriores publicações, as raças autóctones foram decisivas na construção e configuração das paisagens rurais e, por conseguinte, estão intimamente ligadas às populações rurais - com as quais estabelecem uma relação com elevado grau de dependência-, aos seus modos de vida, costumes e tradições. Neste seguimento, é fácil vislumbrar uma relação

É com enorme honra e satisfação, à semelhança do sucedido noutros desafios que me têm sido colocados, que aceitei escrever algumas palavras para inclusão numa publicação que centra a sua atenção nas nossas raças autóctones, um património nacional de valor inestimável se quisermos atender, como se impõe, a critérios de ordem socioeconómica associados a motivações de natureza produtiva, científica e cultural e a questões ambientais.

Para a presente publicação que, entre outros objetivos, visa apresentar, divulgar, preservar e valorizar os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho e da raça Churra do Minho, decidi, em linha com o que tenho feito anteriormente, por entender que é uma obrigação do poder político, conferir um contributo em jeito de alerta para a cada vez mais premente necessidade e importância da manutenção, de forma continuada, dos esforços que se exigem à conservação, melhoramento e valorização da globalidade das raças autóctones.

Como já tive oportunidade de referir, em anteriores publicações, as raças autóctones foram decisivas na construção e configuração das paisagens rurais e, por conseguinte, estão intimamente ligadas às populações rurais - com as quais estabelecem uma relação com elevado grau de dependência-, aos seus modos de vida, costumes e tradições. Neste seguimento, é fácil vislumbrar uma relação de

de causa/efeito entre o declínio das populações rurais, em resultado de um conjunto de razões de natureza histórica, económica, social e cultural, e a significativa redução dos efetivos das diferentes raças autóctones que, lamentavelmente, na sua quase totalidade, possuem um estatuto de "ameaçadas de risco de extinção".

A contínua redução do peso do setor primário na economia, acrescida do natural envelhecimento das populações rurais, de condições de vida e de trabalho pouco atrativas e da falta de atenção, do poder político central, para com as áreas e populações rurais, têm resultado numa crescente e preocupante disfuncionalidade dos espaços rurais que têm dificultado a viabilização e perpetuação de muitos dos ativos que tão bem os caracterizam.

Estes ativos, onde se incluem as raças autóctones, têm sido decisivos no sucesso obtido por determinados territórios que, em resultado da implementação de iniciativas de desenvolvimento rural e de reconstrução social, conseguiram, de forma astuciosa, alcançar níveis de visibilidade e de notoriedade que, entre outros impactes, lhes conferem a atratividade e o investimento imprescindíveis à dinamização socioeconómica e, consequentemente, à melhoria das condições de vida das suas populações.

Neste quadro, permito-me, mais uma vez, referir que o Município de Ponte de Lima continuará a desenvolver todos os esforços, dentro das suas atribuições, para manter uma forte aposta na preservação e valorização dos recursos endógenos. No caso das raças autóctones, como se compreenderá, por um lado, o Município dará prioridade ao estabelecimento de parcerias que apoiem a atividade das associações de criadores e de outras entidades ligadas ao setor primário, no âmbito da prestação de um serviço essencial ao território. Por outro lado, manterá projetos/iniciativas próprias, como por exemplo a Quinta Pedagógica

de causa/efeito entre o declínio das populações rurais, em resultado de um conjunto de razões de natureza histórica, económica, social e cultural, e a significativa redução dos efetivos das diferentes raças autóctones que, lamentavelmente, na sua quase totalidade, possuem um estatuto de "ameaçadas de risco de extinção".

A contínua redução do peso do setor primário na economia, acrescida do natural envelhecimento das populações rurais, de condições de vida e de trabalho pouco atrativas e da falta de atenção, do poder político central, para com as áreas e populações rurais, têm resultado numa crescente e preocupante disfuncionalidade dos espaços rurais que têm dificultado a viabilização e perpetuação de muitos dos ativos que tão bem os caracterizam.

Estes ativos, onde se incluem as raças autóctones, têm sido decisivos no sucesso obtido por determinados territórios que, em resultado da implementação de iniciativas de desenvolvimento rural e de reconstrução social, conseguiram, de forma astuciosa, alcançar níveis de visibilidade e de notoriedade que, entre outros impactes, lhes conferem a atratividade e o investimento imprescindíveis à dinamização socioeconómica e, consequentemente, à melhoria das condições de vida das suas populações.

Neste quadro, permito-me, mais uma vez, referir que o Município de Ponte de Lima continuará a desenvolver todos os esforços, dentro das suas atribuições, para manter uma forte aposta na preservação e valorização dos recursos endógenos. No caso das raças autóctones, como se compreenderá, por um lado, o Município dará prioridade ao estabelecimento de parcerias que apoiem a atividade das associações de criadores e de outras entidades ligadas ao setor primário, no âmbito da prestação de um serviço essencial ao território. Por outro lado, manterá projetos/iniciativas próprias, como por exemplo a Quinta Peda-



de Pentieiros, a Bolsa de Terras Agroflorestais, o mercado de gado da feira quinzenal e feiras temáticas, o Mercado Agrolimiano on-line e procurará dar novos passos, como seja a implementação de um sistema de incentivos à produtividade/defesa dos territórios de montanha.

Na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima, e de cidadão profundo admirador das raças autóctones, finalizo expressando o meu sincero e sentido agradecimento a todos aqueles que de tudo têm feito, muitos de forma apaixonada, em prol das nossas raças autóctones de ovinos. Refiro-me, naturalmente, aos Criadores, à Associação de Criadores de Bovinos da Raça Barrosã, que detém a responsabilidade da identificação, inventariação, caraterização e registo genealógico destes ovinos e ainda a vários elementos da academia.

gógica de Pentieiros, a Bolsa de Terras Agroflorestais, o mercado de gado da feira quinzenal e feiras temáticas, o Mercado Agrolimiano on-line e procurará dar novos passos, como seja a implementação de um sistema de incentivos à produtividade/defesa dos territórios de montanha. Na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima, e de cidadão profundo admirador das raças autóctones, finalizo expressando o meu sincero e sentido agradecimento a todos aqueles que de tudo têm feito, muitos de forma apaixonada, em prol das nossas raças autóctones de ovinos. Refiro-me, naturalmente, aos Criadores, à Associação de Criadores de Bovinos da Raça Barrosã, que detém a responsabilidade da identificação, inventariação, caraterização e registo genealógico destes ovinos e ainda a vários elementos da academia.

Victor Mendes

Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima

The Mayor of Ponte de Lima



PREÂMBULO

— Foreword

Com uma forte imagem religiosa, em particular nas religiões que seguem um só Deus ou Senhor, o Deus de Abraão, como o Cristianismo, o Judaísmo ou o Islamismo, a figura da ovelha (do cordeiro e do pastor, também) conduz-nos mais a interpretações éticas, filosóficas e sociais do que, objetivamente, a sistemas produtivos e recursos genéticos. Na Sociedade Antiga eminentemente pastoril, particularmente no Médio Oriente, a ovelha (ou o cordeiro) era, para além de fonte de alimentação e rendimento, um instrumento expiador de pecados, de agradecimento divino ou de comemoração Pascal. Os jovens iniciavam a sua vida como pastores, simbolizando a relevância de guardar animais, numa transposição dos sacerdotes que guardam almas.
A domesticação dos ovinos é das mais ancestrais nas espécies animais e ocorreu dentro de comunidades sedentárias vocacionadas para a agricultura primitiva. Com origem no sudoeste da Ásia, onde cereais (trigo, cevada), legumes (leguminosas, ervilhas, lentilhas) e frutas (figos) foram

Com uma forte imagem religiosa, em particular nas religiões que seguem um só Deus ou Senhor, o Deus de Abraão, como o Cristianismo, o Judaísmo ou o Islamismo, a figura da ovelha (do cordeiro e do pastor, também) conduz-nos mais a interpretações éticas, filosóficas e sociais do que, objetivamente, a sistemas produtivos e recursos genéticos. Na Sociedade Antiga eminentemente pastoril, particularmente no Médio Oriente, a ovelha (ou o cordeiro) era, para além de fonte de alimentação e rendimento, um instrumento expiador de pecados, de agradecimento divino ou de comemoração Pascal. Os jovens iniciavam a sua vida como pastores, simbolizando a relevância de guardar animais, numa transposição dos sacerdotes que guardam almas. A domesticação dos ovinos é das mais ancestrais nas espécies animais e ocorreu dentro de comunidades sedentárias vocacionadas para a agricultura primitiva. Com origem no sudoeste da Ásia, onde cereais (trigo, cevada), legumes (leguminosas, ervilhas, lentilhas) e frutas (figos) foram

←

Mosaico de "o Bom Pastor". Mausoléu de Gala Placídia (esposa do imperador romano Constâncio III), Séc. V. Ravena. Itália. *Mosaic of "the Good Shepherd". Mausoleum of Gala Placidia (wife of Roman Emperor Constantius III), 5th century. Ravenna. Italy.*

domesticados entre 12.000 a.C. e 10.000 a.C., seguiram-se as ovelhas, cabras, porcos e bovinos entre 10.500 e 10.000 a.C.

De acordo com os achados arqueológicos, as ovelhas chegaram ao norte da Península Ibérica com o advento da agricultura há sete milénios atrás e, ao longo do tempo, dividiram-se em ramos (merina, churra e bordaleira) e raças, adaptadas a diferentes ecossistemas e, com o recurso a processos de seleção e melhoramento, numa contínua valorização dos seus produtos e aptidões.

Também no Minho, esta adaptação a ecossistemas de maior ou menor altitude se observou, com as bordaleiras em zonas agricolamente mais favoráveis, de várzea e meia-encosta, e as churras, em zonas de montanha, num isolamento geográfico que se manifesta na sua diversidade genética. Mas o Minho, zona rica de festas e tradições, de nobres e senhores, privilegia o gado bovino, mesmo quando se assistiu às enormes transformações agrícolas do século passado, com a intensificação agrícola e o apogeu da produção leiteira.

E, assim, no Minho, as ovelhas e suas raças não se valorizavam, estando particularmente vocacionadas para a limpeza de pequenas áreas, alguma silvo-pastorícia em zonas de montanha e para o autoconsumo, mesmo que o cabrito domine na gastronomia minhota, que não destaca particularmente o borrego. Pois não era conselho de agricultor não produzir "gado que anda de cabeça baixa"?

Ora, com a mudança observada na agricultura e nos seus sistemas produtivos, o abandono da atividade e, consequentemente, dos terrenos agrícolas, o ressurgir de uma preocupação na sustentabilidade dos sistemas que inclua as raças locais (em particular as autóctones), bem-adaptadas ao meio, aproxima-se, assim, uma oportunidade para as Ovelhas do Minho.

Este Livro pretende, pois, ser simultaneamente um contri-

domesticados entre 12.000 a.C. e 10.000 a.C., seguiram-se as ovelhas, cabras, porcos e bovinos entre 10.500 e 10.000 a.C.

De acordo com os achados arqueológicos, as ovelhas chegaram ao norte da Península Ibérica com o advento da agricultura há sete milénios atrás e, ao longo do tempo, dividiram-se em ramos (merina, churra e bordaleira) e raças, adaptadas a diferentes ecossistemas e, com o recurso a processos de seleção e melhoramento, numa contínua valorização dos seus produtos e aptidões.

Também no Minho, esta adaptação a ecossistemas de maior ou menor altitude se observou, com as bordaleiras em zonas agricolamente mais favoráveis, de várzea e meia-encosta, e as churras, em zonas de montanha, num isolamento geográfico que se manifesta na sua diversidade genética. Mas o Minho,

zona rica de festas e tradições, de nobres e senhores, privilegia o gado bovino, mesmo quando se assistiu às enormes transformações agrícolas do século passado, com a intensificação agrícola e o apogeu da produção leiteira.

E, assim, no Minho, as ovelhas e suas raças não se valorizavam, estando particularmente vocacionadas para a limpeza de pequenas áreas, alguma silvo-pastorícia em zonas de montanha e para o autoconsumo, mesmo que o cabrito domine na gastronomia minhota, que não destaca particularmente o borrego. Pois não era conselho de agricultor não produzir "gado que anda de cabeça baixa"?

Ora, com a mudança observada na agricultura e nos seus sistemas produtivos, o abandono da atividade e, consequentemente, dos terrenos agrícolas, o ressurgir de uma preocupação na sustentabilidade dos sistemas que inclua as raças locais (em particular as autóctones), bem-adaptadas ao meio, aproxima-se, assim, uma oportunidade para as Ovelhas do Minho.

Este Livro pretende, pois, ser simultaneamente um contri-

buto para o estudo, proteção, melhoramento e divulgação das raças, e um alerta para a necessidade de valorizar um património genético que, durante séculos, se viu desprotegido, senão mesmo, ignorado. Após a divulgação das Galinhas de Portugal (também gado de cabeça baixa) esta preocupação em dar a conhecer o meio rural e as raças locais, que o Município de Ponte de Lima tem demonstrado, é um serviço público inestimável e que perdurará para o tempo Futuro.

Saibamos nós Portugueses e, em particular os Minhotos, dar valor ao animal dócil, produtivo e habituado ao(s) sacrifício(s).

buto para o estudo, proteção, melhoramento e divulgação das raças, e um alerta para a necessidade de valorizar um património genético que, durante séculos, se viu desprotegido, senão mesmo, ignorado. Após a divulgação das Galinhas de Portugal (também gado de cabeça baixa) esta preocupação em dar a conhecer o meio rural e as raças locais, que o Município de Ponte de Lima tem demonstrado, é um serviço público inestimável e que perdurará para o tempo Futuro.

Saibamos nós Portugueses e, em particular os Minhotos, dar valor ao animal dócil, produtivo e habituado ao(s) sacrifício(s).



Nuno Vieira e Brito[1]

Presidente da Direção da AMIBA

Chairman of the Board of AMIBA



1 Professor Coordenador da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima (IPVC). *Coordinater Professor of Escola Superior Agrária de Ponte de Lima*



INDÍCE
— Contents

Mensagem *Message* — 5

Preâmbulo *Foreword* — 9

1 **Introdução** *Introduction* — 15

2 **Origem** *Origins* — 27

CARACTERIZAÇÃO GENÉTICA *GENETIC CHARACTERIZATION* — 39

→ Biodiversidade do Minho *Biodiversity of the* Minho *region* — 42

3 **Livro Genealógico** *Herd Book* — 45

4 **As Raças** *The Breeds* — 67

BORDALEIRA DE ENTRE DOURO E MINHO *BORDALEIRA DE ENTRE DOURO E MINHO BREED* — 69

→ Caracterização e Demografia das Explorações *Characterization and Demography of the Exploitations* — 71

→ Demografia *Demography* — 75

→ Padrão e Biometria *Standard and Biometrics* — 76

→ Caracterização Produtiva e Reprodutiva *Productive and Reproductive Characterization* — 78

→ Leite *Milk* — 80

→ Lã *Wool* — 82

CHURRA DO MINHO *CHURRA DO MINHO BREED* — 85

→ Caracterização e Demografia das Explorações *Characterization and Demography of the Exploitations* — 87

→ Demografia *Demography* — 91

→ Padrão e Biometria *Standard and Biometrics* — 92

→ Caracterização Produtiva e Reprodutiva *Productive and Reproductive Characterization* — 94

→ Leite *Milk* — 96

→ Lã *Wool* — 98

BALINDO PELOS MONTES, OU À MESA COM PRAZER *Bleating through the hills, or at the table with pleasure* — 103

5 **História, Tradições e Gastronomia** *History, Traditions and Gastronomy* — 109

Agradecimentos *Acknowledgements* — 132

Bibliografia Consultada *Literature Reviewed* — 134



Recipiente de porcelana em forma de carneiro. Séc. III-VII a.C.. China.
Ram-shaped vessel, 3rd-7th century BC. China. Minneapolis Institute of Art.

1

INTRODUÇÃO
— *Introduction*

"Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado."

"Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são
contentes, Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes."

ALBERTO CAEIRO
Eu Nunca Guardei Rebanhos



1

INTRODUÇÃO

— Introduction

A domesticação dos animais e plantas foi um passo essencial no controlo da natureza, duma relevância semelhante à descoberta do fogo ou da utilização das ferramentas, e mais do que um processo de usurpação de recursos, consistiu numa dádiva generosa da natureza. Não existem dúvidas, no entanto, do papel fundamental que as comunidades agrícolas, que substituíram as últimas sociedades de caçadores-coletores, desenvolveram na domesticação e dispersão das espécies animais. O elevado número de raças animais existentes na Península Ibérica são o fruto de influências de ocupações múltiplas e sucessivas ao longo da história. A origem dos ovinos ibéricos modernos é conhecida por ser muito complexa, visto que são o fruto de diferentes ascendências que acompanharam as múltiplas incursões que atingiram este território ao longo da história. A Península Ibérica, pela sua localização entre o Atlântico e o Mediterrâneo, estabeleceu, desde sempre, contactos privilegiados com os povos do Norte de África, que dominavam a arte de navegar (Gregos, Fenícios e Cartagineses).

A domesticação dos animais e plantas foi um passo essencial no controlo da natureza, duma relevância semelhante à descoberta do fogo ou da utilização das ferramentas, e mais do que um processo de usurpação de recursos, consistiu numa dádiva generosa da natureza. Não existem dúvidas, no entanto, do papel fundamental que as comunidades agrícolas, que substituíram as últimas sociedades de caçadores-coletores, desenvolveram na domesticação e dispersão das espécies animais. O elevado número de raças animais existentes na Península Ibérica são o resultado de influências de ocupações múltiplas e sucessivas ao longo da história. A origem dos ovinos ibéricos modernos é conhecida por ser muito complexa, visto que são o fruto de diferentes ascendências que acompanharam as múltiplas incursões que atingiram este território ao longo da história. A Península Ibérica, pela sua localização entre o Atlântico e o Mediterrâneo, estabeleceu, desde sempre, contactos privilegiados com os povos do Norte de África, q.

←

Ilustração em pergaminho do Séc. V com pastores e rebanhos, numa edição das "Geórgicas" de Virgílio. *Illustration on parchment from the 5th century with shepherds and flocks, in a edition of Virgílio's "Georgics". Biblioteca Apostolica Vaticana*



Pintura do Presépio. Adoração dos Pastores. Capela de Sta. Gertrudes. Igreja do Mosteiro de Tibães. *Painting of the Nativity Scene. Adoration of the Shepherds. Chapel of St. Gertrude. Church of the Monastery of Tibães.*

Foi sugerido que os ovinos domésticos originados na Ásia alcançaram pela primeira vez a Península ao longo da costa oriental do Mediterrâneo e mais tarde, outros ovinos chegaram através de distintas migrações, cruzando os Pirenéus (no Norte) e também pela costa do Mediterrâneo. No início da nossa era, do Norte da Europa, vieram, por mar e terra, Celtas, Suevos e Visigodos que exerceram grande influência, durante séculos, mesmo durante a longa ocupação moura (711-1492), que, no noroeste de Portugal, teve, no entanto, uma importância relativamente reduzida.

Plínio e Estrabão, escritores romanos, referiam que a produção pecuária no Noroeste de Portugal era constituída de bovinos, cavalos, porcos e ovelhas, por esta ordem de importância. Assim, a produção de ovinos, no Noroeste peninsular, sempre assumiu um cariz secundário, complementar à atividade principal de criação de bovinos, com um objetivo essencialmente de autoconsumo.

Apesar das influências destes povos, provenientes de regiões tão diversas e com culturas, hábitos e tradições tão diferentes, o tipo de agricultura e pecuária praticada nesta região manteve, ao longo destes séculos, as caraterísticas já referidas pelos escritores romanos: Agricultura de subsistência e produção de bovinos, equinos e suínos.

A dispersão da agricultura e das suas práticas ocorreu muito rapidamente na Península Ibérica, em particular ao longo do Mediterrâneo e na costa Portuguesa. Zona de solos férteis e fecundos, rica, populosa, acrescida da introdução de novas culturas, trazidas principalmente das Américas (como o milho) e a abundância em recursos genéticos bovinos, os ovinos não se apresentavam como produção de referência no Entre Douro e Minho, concentrando-se em zonas mais montanhosas, como a Serra da Estrela ou menos fértil agricolamente, como o Alentejo.

Foi sugerido que os ovinos domésticos originados na Ásia alcançaram pela primeira vez a Península ao longo da costa oriental do Mediterrâneo e mais tarde, outros ovinos chegaram através de distintas migrações, cruzando os Pirenéus (no Norte) e também pela costa do Mediterrâneo. No início da nossa era, do Norte da Europa, vieram, por mar e terra, Celtas, Suevos e Visigodos que exerceram grande influência, durante séculos, mesmo durante a longa ocupação moura (711-1492), que, no noroeste de Portugal, teve, no entanto, uma importância relativamente reduzida.

Plínio e Estrabão, escritores romanos, referiam que a produção pecuária no Noroeste de Portugal era constituída de bovinos, cavalos, porcos e ovelhas, por esta ordem de importância. Assim, a produção de ovinos, no Noroeste peninsular, sempre assumiu um cariz secundário, complementar à atividade principal de criação de bovinos, com um objetivo essencialmente de autoconsumo.

Apesar das influências destes povos, provenientes de regiões tão diversas e com culturas, hábitos e tradições tão diferentes, o tipo de agricultura e pecuária praticada nesta região manteve, ao longo destes séculos, as caraterísticas já referidas pelos escritores romanos: Agricultura de subsistência e produção de bovinos, equinos e suínos.

A dispersão da agricultura e das suas práticas ocorreu muito rapidamente na Península Ibérica, em particular ao longo do Mediterrâneo e na costa Portuguesa. Zona de solos férteis e fecundos, rica, populosa, acrescida da introdução de novas culturas, trazidas principalmente das Américas (como o milho) e a abundância em recursos genéticos bovinos, os ovinos não se apresentavam como produção de referência no Entre Douro e Minho, concentrando-se em zonas mais montanhosas, como a Serra da Estrela ou menos fértil agricolamente, como o Alentejo.

A intensificação da agricultura com a produção leiteira, mui-



A intensificação da agricultura com a produção leiteira, muito relevante na última metade do século passado, fruto de orografia (rios), clima e produção forrageira, veio ainda diminuir a importância dos ovinos no Minho, afastando-os para as zonas marginais e mais pobres de montanha. Até ao último quartel do século XX, virtude do grande isolamento político e social, Portugal era um país de cariz marcadamente rural, com uma população relativamente jovem, pouco instruída e fracos recursos, em que as zonas rurais se continuavam pouco desenvolvidas, de difícil acesso e muito deprimidas.

Foi com base nesta realidade que, nos anos 1970-1990, se iniciaram os trabalhos de inventariação e conservação da maioria das raças pecuárias nacionais, através de ações conduzidas pela Direção Geral de Pecuária (atual DGAV) em parceria com as Direções Regionais de Agricultura do território a que correspondia cada raça. Na última década do século XX, a gestão dos Livros Genealógicos e dos Planos de Conservação e Melhoramento Genético foi transferida para as Associações de Criadores que se iam formando para proteger, melhorar, promover e comercializar as respetivas raças.

Neste período, a crescente mecanização agrícola, a emigração massiva dos mais jovens, a adesão à Comunidade Europeia e a abertura à globalização vieram modificar profundamente a fisionomia nosso país. A alteração demográfica, geográfica e sociológica da população que se seguiu, conduziu a uma progressiva desertificação humana das zonas rurais, ao abandono da atividade agrícola e ao envelhecimento da população destes territórios. A pastorícia, consequência da exigência de atenção humana permanente e pouca atratividade deste trabalho, viu diminuída de forma ainda mais expressiva a sua importância, traduzida numa enorme redução de efetivos das raças de ovinos e caprinos.

to relevante na última metade do século passado, fruto de orografia (rios), clima e produção forrageira, veio ainda diminuir a importância dos ovinos no Minho, afastando-os para as zonas marginais e mais pobres de montanha. Até ao último quartel do século XX, virtude do grande isolamento político e social, Portugal era um país de cariz marcadamente rural, com uma população relativamente jovem, pouco instruída e fracos recursos, em que as zonas rurais se continuavam pouco desenvolvidas, de difícil acesso e muito deprimidas.

Foi com base nesta realidade que, nos anos 1970-1990, se iniciaram os trabalhos de inventariação e conservação da maioria das raças pecuárias nacionais, através de ações conduzidas pela Direção Geral de Pecuária (atual DGAV) em parceria com as Direções Regionais de Agricultura do território a que correspondia cada raça. Na última década do século XX, a gestão dos Livros Genealógicos e dos Planos de Conservação e Melhoramento Genético foi transferida para as Associações de Criadores que se iam formando para proteger, melhorar, promover e comercializar as respetivas raças.

Neste período, a crescente mecanização agrícola, a emigração massiva dos mais jovens, a adesão à Comunidade Europeia e a abertura à globalização vieram modificar profundamente a fisionomia nosso país. A alteração demográfica, geográfica e sociológica da população que se seguiu, conduziu a uma progressiva desertificação humana das zonas rurais, ao abandono da atividade agrícola e ao envelhecimento da população destes territórios. A pastorícia, consequência da exigência de atenção humana permanente e pouca atratividade deste trabalho, viu diminuída de forma ainda mais expressiva a sua importância, traduzida numa enorme redução de efetivos das raças de ovinos e caprinos. A AMIBA, que, por delegação do Estado Português, já fazia a gestão do Plano de Melhoramento Genético da raça

A AMIBA, que, por delegação do Estado Português, já fazia a gestão do Plano de Melhoramento Genético da raça Barrosã desde 1993, alarmada pelas informações que recolhia junto dos seus associados, do abandono, deterioração e desaparecimento dos rebanhos de ovinos, propôs a elaboração de um levantamento das características e localização e importância dos efetivos ovinos ainda existentes. A justificação para a conservação destes recursos genéticos assenta, em questões de natureza biológica, cultural, ambiental, social e económica e resulta da necessidade de garantir a futura moldagem do material genético aos condicionalismos ambientais, da diversidade como elemento indispensável para fazer face a um futuro incerto, das características únicas das raças locais (indispensáveis nos sistemas de agricultura sustentável, já que estão bem adaptadas a condições adversas), da associação que têm à cultura local e aos produtos tradicionais.

As duas raças ovinas do Minho, em conjunto com as outras 48 raças pecuárias nacionais, constituem, aliás, uma das principais razões para Portugal ser considerado uma região 'Hot spot' de biodiversidade pela FAO [Organização para a Agricultura e Alimentação das Nações Unidas]. As raças autóctones portuguesas são uma questão de soberania nacional, protegidas por legislação nacional e comunitária, e a sua criação é apoiada por medidas destinadas à promoção e conservação destes recursos genéticos, designadamente os que estão em risco de extinção (Portaria n.º 55/2015).

Os trabalhos de inventariação, iniciados em 2001, viriam a conduzir, no ano seguinte, à criação do Registo Zootécnico da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, mais tarde elevado a Livro Genealógico. No início destes trabalhos, verificou-se que a população ovina desta região era constituída por 2 tipos bastante diferentes de animais, com designações diferentes para cada variedade ou subtipo:

Barrosã desde 1993, alarmada pelas informações que recolhia junto dos seus associados, do abandono, deterioração e desaparecimento dos rebanhos de ovinos, propôs a elaboração de um levantamento das características e localização e importância dos efetivos ovinos ainda existentes. A justificação para a conservação destes recursos genéticos assenta, em questões de natureza biológica, cultural, ambiental, social e económica e resulta da necessidade de garantir a futura moldagem do material genético aos condicionalismos ambientais, da diversidade como elemento indispensável para fazer face a um futuro incerto, das características únicas das raças locais (indispensáveis nos sistemas de agricultura sustentável, já que estão bem adaptadas a condições adversas), da associação que têm à cultura local e aos produtos tradicionais.

As duas raças ovinas do Minho, em conjunto com as outras 48 raças pecuárias nacionais, constituem, aliás, uma das principais razões para Portugal ser considerado uma região 'Hot spot' de biodiversidade pela FAO [Organização para a Agricultura e Alimentação das Nações Unidas]. As raças autóctones portuguesas são uma questão de soberania nacional, protegidas por legislação nacional e comunitária, e a sua criação é apoiada por medidas destinadas à promoção e conservação destes recursos genéticos, designadamente os que estão em risco de extinção (Portaria n.º 55/2015).

Os trabalhos de inventariação, iniciados em 2001, viriam a conduzir, no ano seguinte, à criação do Registo Zootécnico da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, mais tarde elevado a Livro Genealógico. No início destes trabalhos, verificou-se que a população ovina desta região era constituída por 2 tipos bastante diferentes de animais, com designações diferentes para cada variedade ou subtipo:

→ **VÁRZEA** *Animais de porte pequeno a médio, de cor*





→ **VÁRZEA** Animais de porte pequeno a médio, de cor branca ou totalmente negra (raros), com uma lã de características intermédias (bordaleira), habitando as zonas da várzea até meia encosta, criadas em pequenos rebanhos (média de 15 animais), normalmente explorados em conjunto com os bovinos;

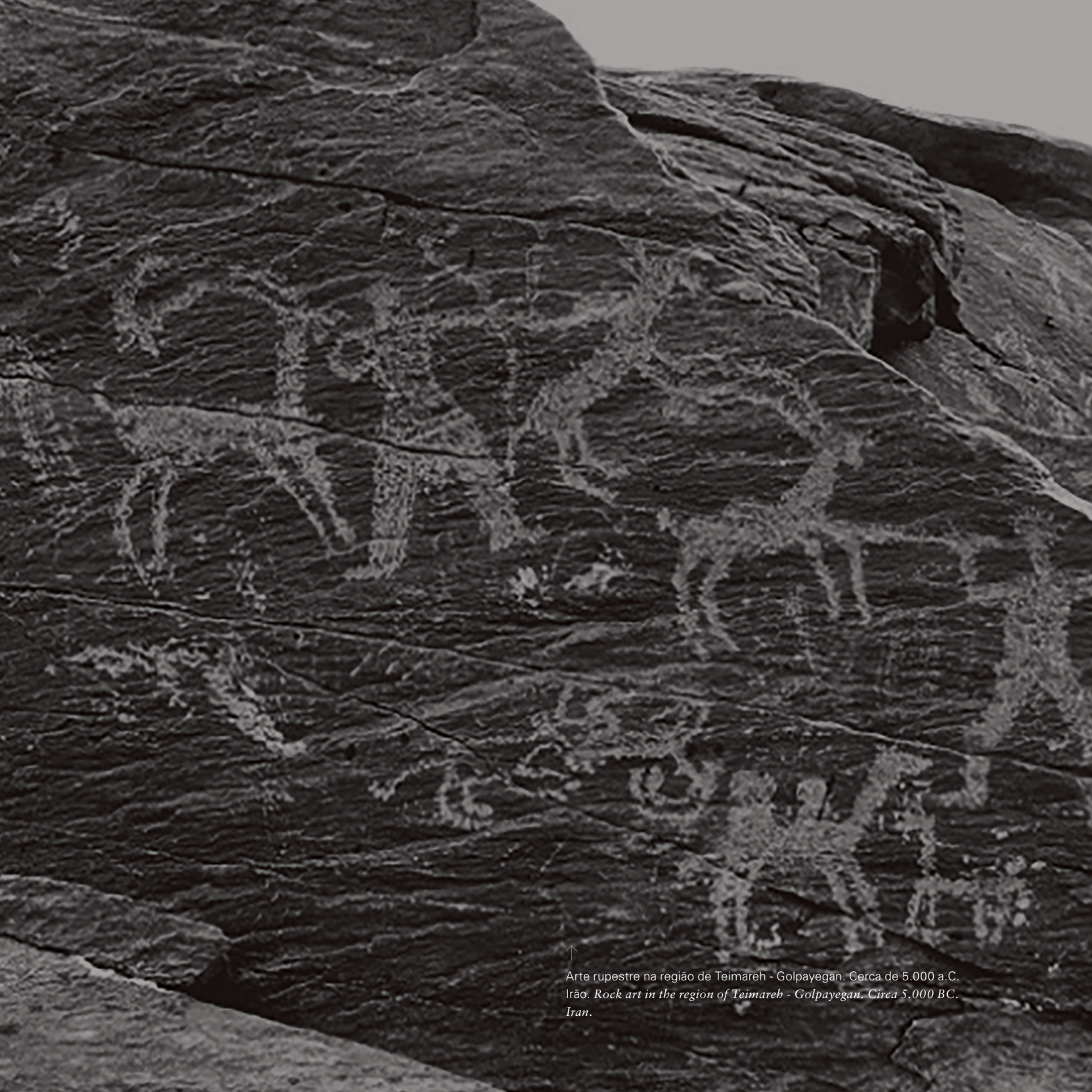
→ **MONTE** Animais de porte muito pequeno, de cor branca ou totalmente negra (raros), com uma lã do tipo churro, habitando as zonas de meia-encosta alta e montanha, criadas em rebanhos numerosos (muitas vezes acima de 100 animais), pastoreando os terrenos baldios, em vezeira conjunta com as cabras de raça Bravia.

No ano 2007, para melhor conservar as caraterísticas, melhorar as produções e promover as suas especificidades, foram reconhecidas como raças diferentes estas duas variedades, mantendo a variedade da Várzea a designação de Bordaleira de Entre Douro e Minho e variedade do Monte o nome de Churra do Minho.
Atualmente, a criação ovina no nosso território de minifúndio continua a ter uma importância secundária, sendo normalmente utilizada, em associação com outras espécies, para limpeza de terrenos e para a produção de borregos (anhos) para consumo local, com o aproveitamento do estrume para hortas e jardins.
Os resilientes agricultores do Minho, que continuam a acarinhar, proteger e produzir as raças autóctones portuguesas, consubstanciam as palavras de Darwin, que referiu a *"maravilhosa habilidade e perseverança demonstrada pelos homens que deixaram um monumento duradouro de seu sucesso no estado atual dos nossos animais domesticados"*.

branca ou totalmente negra (raros), com uma lã de características intermédias (bordaleira), habitando as zonas da várzea até meia encosta, criadas em pequenos rebanhos (média de 15 animais), normalmente explorados em conjunto com os bovinos;

→ **MONTE** *Animais de porte muito pequeno, de cor branca ou totalmente negra (raros), com uma lã do tipo churro, habitando as zonas de meia-encosta alta e montanha, criadas em rebanhos numerosos (muitas vezes acima de 100 animais), pastoreando os terrenos baldios, em vezeira conjunta com as cabras de raça Bravia.*

No ano 2007, para melhor conservar as caraterísticas, melhorar as produções e promover as suas especificidades, foram reconhecidas como raças diferentes estas duas variedades, mantendo a variedade da Várzea a designação de Bordaleira de Entre Douro e Minho e variedade do Monte o nome de Churra do Minho.
Atualmente, a criação ovina no nosso território de minifúndio continua a ter uma importância secundária, sendo normalmente utilizada, em associação com outras espécies, para limpeza de terrenos e para a produção de borregos (anhos) para consumo local, com o aproveitamento do estrume para hortas e jardins.
Os resilientes agricultores do Minho, que continuam a acarinhar, proteger e produzir as raças autóctones portuguesas, consubstanciam as palavras de Darwin, que referiu a "maravilhosa habilidade e perseverança demonstrada pelos homens que deixaram um monumento duradouro de seu sucesso no estado atual dos nossos animais domesticados".



Arte rupestre na região de Teimareh - Golpayegan. Cerca de 5.000 a.C. Irão. *Rock art in the region of Teimareh - Golpayegan. Circa 5.000 BC. Iran.*

2

ORIGEM
— *Origins*

"Sob este céu criador
De manhã virgiliana,
Apetece ser pastor
E tocar flauta de cana;

Não, pastor d'autos d'amor,
D'éclogas frias e velhas,
Mas verdadeiro pastor
De verdadeiras ovelhas..."

AUGUSTO GIL
Luar de Janeiro



2

ORIGEM

— Origins

A domesticação foi o processo pelo qual os povos foram ganhando o controlo sobre a reprodução e a produção de animais e plantas. Além de garantir proteção (domesticação do lobo em cão doméstico), o objetivo da domesticação dos animais centrou-se em assegurar alimentos (carne, leite e ovos) e matérias primas (ossos, peles, pelo e lã) de forma regular e previsível.

Este foi um processo co-evolutivo: uma vez que tanto os humanos como as espécies domesticadas se foram reciprocamente moldando ao longo do tempo (a tolerância à lactose foi aumentando ao longo de gerações pelo alargamento do uso alimentar de laticínios); mutualístico: ambos (homens e animais/plantas) tiraram vantagem do processo, vendo as suas populações aumentarem em número e atributos; biocultural: os animais e plantas passaram a ter um lugar de destaque na cultura e tradições dos povos que os moldaram biologicamente, através de seleção e melhoramento dirigidos; e multigeracional: este é um processo moroso, extenso e persistente de aprofundamento e aperfeiçoamento que ainda decorre nos nossos dias.

A domesticação foi o processo pelo qual os povos foram ganhando o controlo sobre a reprodução e a produção de animais e plantas. Além de garantir proteção (domesticação do lobo em cão doméstico), o objetivo da domesticação dos animais centrou-se em assegurar alimentos (carne, leite e ovos) e matérias primas (ossos, peles, pelo e lã) de forma regular e previsível.

Este foi um processo co-evolutivo: uma vez que tanto os humanos como as espécies domesticadas se foram reciprocamente moldando ao longo do tempo (a tolerância à lactose foi aumentando ao longo de gerações pelo alargamento do uso alimentar de laticínios); mutualístico: ambos (homens e animais/plantas) tiraram vantagem do processo, vendo as suas populações aumentarem em número e atributos; biocultural: os animais e plantas passaram a ter um lugar de destaque na cultura e tradições dos povos que os moldaram biologicamente, através de seleção e melhoramento dirigidos; e multigeracional: este é um processo moroso, extenso e persistente de aprofundamento e aperfeiçoamento que ainda decorre nos nossos dias.

←

Muflão Europeu (*Ovis orientalis orientalis*) *European Mouflon (*Ovis orientalis orientalis*)*

O início da domesticação das espécies pecuárias (após a domesticação do cão), deu-se no final da última glaciação (glaciação de Würm), durante o Neolítico, por volta de 11.000 a.C. - 8.000 a.C., provavelmente na região denominada de ''Levante'' ou ''Crescente Fértil'', nos territórios que hoje se situam entre o Egito e a Turquia, incluindo Chipre, e constituiu um dos eventos mais cruciais na história da humanidade. Nesta região, teriam ocorrido importantes eventos de domesticação animal em que se incluíam a cabra, a ovelha e a vaca. A evidência zooarqueológica mais antiga da presença de ovelhas, em ambiente doméstico, vem de povoados existentes nas cordilheiras de Zagros e nos montes Tauro.
Estudos genéticos, em que foram examinados os cariótipos das várias espécies de ovelhas selvagens existentes, mostrou claramente que as ovelhas domésticas atuais derivariam do muflão asiático (*Ovis orientalis*) da Anatólia, em vez das outras espécies selvagens asiáticas, tais como o Urial (*Ovis vignei*) e o Argali (*Ovis ammon*).
A continuação de estudos utilizando técnicas mais recentes, através da análise de variações de sequências de mtDNA (DNA mitocondrial), confirmaram essas descobertas iniciais, reforçando a contribuição, no início do processo de domesticação para as ovelhas domésticas, do Muflão do sudoeste asiático e excluindo quaisquer contribuições de Urial e Argali.
Evidências arqueológicas indicam que terá havido uma provável disseminação dos animais domesticados nesta região, pelos povos do neolítico do Próximo Oriente e por toda a Europa. A dispersão teria tomado 2 rotas principais: a primeira, por terra, atravessando o centro do continente europeu, até ao vale do Danúbio, e a segunda, por mar e/ou terra, ao longo da costa do Mediterrâneo.
A primeira aparição, de ossos de ovelhas domésticas, em jazidas próximas de povoações, na parte ocidental da Europa Mediterrânea, data de aproximadamente 5.400 a.C., e

O início da domesticação das espécies pecuárias (após a domesticação do cão), deu-se no final da última glaciação (glaciação de Würm), durante o Neolítico, por volta de 11.000 a.C. - 8.000 a.C., provavelmente na região denominada de "Levante" ou ''Crescente Fértil'', nos territórios que hoje se situam entre o Egito e a Turquia, incluindo Chipre, e constituiu um dos eventos mais cruciais na história da humanidade. Nesta região, teriam ocorrido importantes eventos de domesticação animal em que se incluíam a cabra, a ovelha e a vaca. A evidência zooarqueológica mais antiga da presença de ovelhas, em ambiente doméstico, vem de povoados existentes nas cordilheiras de Zagros e nos montes Tauro.
Estudos genéticos, em que foram examinados os cariótipos das várias espécies de ovelhas selvagens existentes, mostrou claramente que as ovelhas domésticas atuais derivariam do muflão asiático (Ovis orientalis) da Anatólia, em vez das outras espécies selvagens asiáticas, tais como o Urial (Ovis vignei) e o Argali (Ovis ammon).
A continuação de estudos utilizando técnicas mais recentes, através da análise de variações de sequências de DNA mitocondrial (mtDNA), confirmaram essas descobertas iniciais, reforçando a contribuição, no início do processo de domesticação para as ovelhas domésticas, do Muflão do sudoeste asiático e excluindo quaisquer contribuições de Urial e Argali.
Evidências arqueológicas indicam que terá havido uma provável disseminação dos animais domesticados nesta região, pelos povos do neolítico do Próximo Oriente e por toda a Europa. A dispersão teria tomado 2 rotas principais: a primeira, por terra, atravessando o centro do continente europeu, até ao vale do Danúbio, e a segunda, por mar e/ou terra, ao longo da costa do Mediterrâneo.
A primeira aparição, de ossos de ovelhas domésticas, em jazidas próximas de povoações, na parte ocidental da Europa Mediterrânea, data de aproximadamente 5.400



Argali (*Ovis ammon*)

B4

Cabo de marfim do báculo usado por Papa Gregório I, o Papa que ajudou a estabelecer o cristianismo na Inglaterra durante o Séc. VI.

Ivory handle of the crosier used by Pope Gregory I, the Pope who helped establish Christianity in England during the 6th century.





B5

Iluminura de um carneiro. Bestiário de Aberdeen. Séc. XII.

Illumination of a ram. Bestiary of Aberdeen. 12th century.



2

Pormenor de mísula, "as misericórdias", com a forma de cabeça de carneiro de cadeira do Coro Alto. c. 1666-1668. Mosteiro de Tibães. Braga.

Detail of corbel, "the mercies", in the shape of a ram's head from a chair of the High Choir. c. 1666-1668. Monastery of Tibães. Portugal.



A4

Vaso antigo para beber (ríton), com figuras vermelhas de cerâmica e cabeça de carneiro. 480-470 a.C. Ática. Grécia.

Pottery red-figured rhyton 480-470BC. Attica. Greece.



A3

Oferta de carneiros ao rei. Baixo-relevo na Escadaria de Apadana Oriental. c. 520–485 a.C. Persépolis. Irão.

Tribute to the King. Bas-relief on the East Apadana Staircase. c. 550–330 BC. Persepolis. Iran.



A2

Vaso cosmético em terracota. Século VI a.C. Período Arcaico Cultura Grega Oriental.

Terracotta cosmetic vase. 6th century BC. Period Archaic Culture East Greek Medium.





B3

Baixo relevo do Altar de Domitius Ahenobarbus. Suovetaurile — sacrifício de um porco, um carneiro e um touro. Mármore. Séc. II a.C. Roma.

The Altar of Domitius Ahenobarbus. Suovetaurile - sacrifice of a pig, a ram and a bull. Marble. 2nd century BC. Rome.



B2

Anel celta de ouro com 2 cabeças de carneiro. Séc IV a.C.

Celtic Gold Ring with 2 rams heads. 4th century BC.



B1

Gravuras Rupestres de Golpayegan. 5000 a.C. Irão.

Golpayegan petroglyphs. 5000 BC. Iran.



1

Ovis orientalis Gmelin, Muflão-asiático. Carneiro selvagem do sudoeste da Ásia, ancestral do carneiro doméstico.

Asian mouflon. Southwest Asian wild sheep, Ancestor of domestic sheep.

A1

Cabeça de carneiro. 3500–3100 a.C. Período Uruk tardio. Mesopotâmia meridional.

Head of a ram. 3500–3100 BC. Late Uruk Period. Southern Mesopotamian.



acredita-se que seja o reflexo de colonização marítima dos povos provenientes da zona do Levante.

Muitos desses colonos (fenícios, gregos, cartagineses, romanos e berberes – a maioria deslocando-se pelo mar), que vieram para a Península Ibérica, provavelmente introduziram novas espécies de animais e novas raças pecuárias. Alguns povoadores, além de ter trazido os seus animais, podem ter melhorado os animais já existentes, através de cruzamentos com os seus, ou pela importação de animais de outros locais por onde passassem.

Aquela que é considerada como a raça ovina mais antiga do mundo, a raça Merina, teve o seu melhoramento mais significativo na Península Ibérica e deverá o seu nome à tribo Berbere *Beni Merin*, do Norte de África, que a terá introduzido, por altura da ocupação árabe de 711 a 1492, em se estabeleceu com enorme preponderância, no sul da península. Neste período, conhecido como "revolução agrícola árabe", foram introduzidas novas técnicas (especialmente relacionadas com a irrigação), novas culturas (cana-de-açúcar, arroz, algodão e citrinos) e animais distintos (sendo os cavalos árabes os mais notórios e estudados).

O estudo dos padrões de diversidade genética das raças de ovinos modernos da Península Ibérica poderá ajudar a perceber melhor o contributo e a influência dos povos que colonizaram este território, entre os 3 principais ramos ibéricos de ovelhas: Merino, Churra e Bordaleiro.

Análises feitas no início do século XX, através do estudo do mtDNA de 7 raças portuguesas, revelaram um alto nível de diversidade genética e a presença de linhagens que só eram encontradas no Próximo Oriente e na Ásia. O mesmo tipo de resultados também foi encontrado em cabras domésticas, aportando provas moleculares de um importante contributo genético desta região nas populações animais da Península Ibérica.

A combinação destes estudos genéticos com as evidências arqueológicas, encontradas principalmente no Sul de

a.C., e acredita-se que seja o reflexo de colonização marítima dos povos provenientes da zona do Levante.

Muitos desses colonos (fenícios, gregos, cartagineses, romanos e berberes – a maioria deslocando-se pelo mar), que vieram para a Península Ibérica, provavelmente introduziram novas espécies de animais e novas raças pecuárias. Alguns povoadores, além de ter trazido os seus animais, podem ter melhorado os animais já existentes, através de cruzamentos com os seus, ou pela importação de animais de outros locais por onde passassem.

Aquela que é considerada como a raça ovina mais antiga do mundo, a raça Merina, teve o seu melhoramento mais significativo na Península Ibérica e deverá o seu nome à tribo Berbere Beni Merin, do Norte de África, que a terá introduzido, por altura da ocupação árabe de 711 a 1492, em se estabeleceu com enorme preponderância, no sul da península. Neste período, conhecido como "revolução agrícola árabe", foram introduzidas novas técnicas (especialmente relacionadas com a irrigação), novas culturas (cana-de-açúcar, arroz, algodão e citrinos) e animais distintos (sendo os cavalos árabes os mais notórios e estudados).

O estudo dos padrões de diversidade genética das raças de ovinos modernos da Península Ibérica poderá ajudar a perceber melhor o contributo e a influência dos povos que colonizaram este território, entre os 3 principais ramos ibéricos de ovelhas: Merino, Churra e Bordaleiro.

Análises feitas no início do século XX, através do estudo do mtDNA de 7 raças portuguesas, revelaram um alto nível de diversidade genética e a presença de linhagens que só eram encontradas no Próximo Oriente e na Ásia. O mesmo tipo de resultados também foi encontrado em cabras domésticas, aportando provas moleculares de um importante contributo genético desta região nas populações animais da Península Ibérica.

Portugal e Espanha, apontam para que, durante o longo período de ocupação muçulmana, a Península Ibérica tenha sido um dos mais importantes centros de desenvolvimento e melhoramento da espécie ovina.

Desde o início da domesticação desta espécie (9.000 a.C.-7.000 a.C.) até à atualidade, o muflão asiático (*Ovis orientalis*), foi selecionado e melhorado, em todos os continentes, ramificando-se numa enorme quantidade e diversidade de raças, algumas, entretanto já extintas. Segundo o Relatório da FAO sobre o Estado e Tendências dos Recursos Genéticos do ano 2020, há 1.376 raças de ovelhas em todo o Mundo, das quais mais de 687 (50%) apenas na Europa e Cáucaso.

O Regulamento (EU) 2016/1012 define raça como uma

A combinação destes estudos genéticos com as evidências arqueológicas, encontradas principalmente no Sul de Portugal e Espanha, apontam para que, durante o longo período de ocupação muçulmana, a Península Ibérica tenha sido um dos mais importantes centros de desenvolvimento e melhoramento da espécie ovina.

Desde o início da domesticação desta espécie (9.000 a.C.-7.000 a.C.) até à atualidade, o muflão asiático (Ovis orientalis), foi selecionado e melhorado, em todos os continentes, ramificando-se numa enorme quantidade e diversidade de raças, algumas, entretanto já extintas. Segundo o Relatório da FAO sobre o Estado e Tendências dos Recursos Genético Animais do ano 2020, há 1.376

Estado e tendências dos recursos genéticos ovinos
Status and trends of sheep genetic resources

Raças de ovelhas *Sheep breeds*	**África** *Africa*	**América Latina e Caraíbas** *Latin America & the Caribbean*	**América do Norte** *North America*	**Ásia** *Asia*	**Europa e Cáucaso** *Europe & the Caucasus*	**Pacífico Sul** *Southwest Pacific*	**Próximo e Médio Oriente** *Near & Middle East*	**Mundo** *World*
LOCAIS LOCAL	97	64	21	263	615	38	48	1146
REGIONAIS OU TRANSFRONTEIRIÇAS REGIONAL TRANSBOUNDARY	24	9	4	14	72	4	4	131
INTERNACIONAIS INTERNATIONAL TRANSBOUNDARY								99
EXTINTAS EXTINCT	5	0	2	6	94	2	1	110

Estado de conservação *Risk status*	**Sem informação** *Unknown*	**Estado crítico** *Critical*	**Estado crítico · conservadas** *Critical-maintained*	**Em perigo** *Endangered*	**Em perigo · conservadas** *Endangered-mantained*	**Vulnerável** *Vulnerable*	**Sem risco** *Not at risk*	**Extinta** *Extinct*
NÚMERO DE RAÇAS NUMBER OF BREEDS	647	103	13	171	51	90	299	110

Adaptado de FAO - Status and Trends of Animal Genetic Resources (2020).
Adapted from FAO - Status and Trends of Animal Genetic Resources (2020).



população de animais suficientemente homogénea para serem considerados como distintos dos outros animais da mesma espécie, por um ou mais grupos de criadores, que acordaram na inscrição desses animais em livros genealógicos; com informação detalhada sobre os respetivos ascendentes conhecidos, com o objetivo de reproduzir as suas características hereditárias por meio de reprodução, troca e seleção no quadro dum programa de melhoramento.

Do mesmo Regulamento, podemos inferir que raças autóctones são raças estabelecidas num determinado território, adaptadas a contextos biofísicos específicos e que devem ser conservadas por representarem recursos genéticos animais muito valiosos e constituírem uma parte importante da biodiversidade agrícola de determinada área geográfica, fornecendo uma base essencial para o desenvolvimento sustentável do setor da pecuária.

O reconhecimento ou certificação de um produto, indivíduo ou população é um assunto cada vez mais atual, pertinente e frequente, uma vez que estes assumem um valor económico relevante, mas reveste-se de alguma complexidade, dado que a maior parte da diversidade genética das espécies domésticas existe no seio das populações e não entre populações, determinado pela evolução mais ou menos recente da domesticação e da diferenciação entre raças.

Pelo tipo, tamanho e qualidade da lã que a reveste, cada população de ovinos, pode classificar-se em 3 ramos ou troncos:

→ **MERINO** lã fina, muito frisada, sugosa e de toque suave, com madeixas cilíndricas ou quadradas;

→ **CHURRO** lã grosseira, com pelos grossos, compridos, cábrios e lisos, reunidos em madeixas pontiagudas;

→ **BORDALEIRO** lâ de caraterísticas intermédias, de ma-

raças de ovelhas em todo o Mundo, das quais mais de 687 (50%) apenas na Europa e Cáucaso.

O Regulamento (EU) 2016/1012 define raça como uma população de animais suficientemente homogénea para serem considerados como distintos dos outros animais da mesma espécie, por um ou mais grupos de criadores, que acordaram na inscrição desses animais em livros genealógicos; com informação detalhada sobre os respetivos ascendentes conhecidos, com o objetivo de reproduzir as suas características hereditárias por meio de reprodução, troca e seleção no quadro dum programa de melhoramento.

Do mesmo Regulamento, podemos inferir que raças autóctones são raças estabelecidas num determinado território, adaptadas a contextos biofísicos específicos e que devem ser conservadas por representarem recursos genéticos animais muito valiosos e constituírem uma parte importante da biodiversidade agrícola de determinada área geográfica, fornecendo uma base essencial para o desenvolvimento sustentável do setor da pecuária.

O reconhecimento ou certificação de um produto, indivíduo ou população é um assunto cada vez mais atual, pertinente e frequente, uma vez que estes assumem um valor económico relevante, mas reveste-se de alguma complexidade, dado que a maior parte da diversidade genética das espécies domésticas existe no seio das populações e não entre populações, determinado pela evolução mais ou menos recente da domesticação e da diferenciação entre raças.

Pelo tipo, tamanho e qualidade da lã que a reveste, cada população de ovinos, pode classificar-se em 3 ramos ou troncos:

→ **MERINO** *lã fina, muito frisada, sugosa e de toque suave, com madeixas cilíndricas ou quadradas;*

→ *CHURRO lã grosseira, com pelos grossos, compridos,*

deixas sugosas e cilíndricas, constituídas por fêveras finas e macias, com raros e curtos pelos cábrios.

No Minho, região Noroeste de Portugal estão presentemente reconhecidas oficialmente 2 raças de ovinos pertencentes a 2 ramos distintos:

→ A BORDALEIRA DE ENTRE DOURO E MINHO animais de estatura pequena a média, geralmente bem conformados, criados em pequenos rebanhos juntamente com os bovinos de raça Barrosã, que ocupam preferencialmente, as zonas de meia encosta ou os vales, que raramente ultrapassam os 600 m de altitude; e

→ A CHURRA DO MINHO animais de pequena ou muito pequena dimensão (a raça mais pequena de Portugal), vulgarmente com fraca conformação corporal, pastoreando os montes e os baldios, em conjunto com os caprinos de raça Bravia, nas zonas mais altas (acima de 700 m) das serras do Minho.

cábrios e lisos, reunidos em madeixas pontiagudas;

→ *BORDALEIRO lâ de caraterísticas intermédias, de madeixas sugosas e cilíndricas, constituídas por fêveras finas e macias, com raros e curtos pelos cábrios.*

No Minho, região Noroeste de Portugal estão presentemente reconhecidas oficialmente 2 raças de ovinos pertencentes a 2 ramos distintos:

→ *A BORDALEIRA DE ENTRE DOURO E MINHO animais de estatura pequena a média, geralmente bem conformados, criados em pequenos rebanhos juntamente com os bovinos de raça Barrosã, que ocupam preferencialmente, as zonas de meia encosta ou os vales, que raramente ultrapassam os 600 m de altitude; e*

→ *A CHURRA DO MINHO animais de pequena ou muito pequena dimensão (a raça mais pequena de Por*



CARATERIZAÇÃO GENÉTICA

— Genetic Caracterization

Recentes estudos genéticos confirmaram que a chegada das primeiras espécies pecuárias à Península Ibérica se tratou de um processo complexo e muito interessante, uma vez que se crê terem sido utilizadas as duas rotas migratórias neolíticas – a continental e a marítima.

Assim, os primeiros animais domésticos a entrar na Península Ibérica foram os pequenos ruminantes - ovinos e caprinos – vindos do Mediterrâneo, através da rota marítima. Consequentemente, as primeiras ovelhas da Península Ibérica, foram-se instalando principalmente na costa mediterrânea. Posteriormente, uma segunda vaga de expansão neolítica terá entrado nesta região pelo interior, seguindo a rota continental, ocupando principalmente a região Norte da Península.

Desde estas primeiras introduções de espécies domesticadas, muitos outros exemplares podem ter sido trazidos para esta região ao longo da história, tantos quanto os diferentes povos que se estabeleceram na Península Ibérica, como os gregos, fenícios, celtas, cartagineses, romanos, vândalos, visigodos, árabes mouros e povos da Europa Central (na reconquista cristã). Para além destes, Portugal teve também uma história muito rica de comércio ultramarino durante os últimos cinco séculos e alguns animais podem ter chegado de terras tão distantes como a África ou o Sul da Ásia.

Foram poucos os estudos genéticos realizados sobre a origem das raças de ovinos do Minho – Churra do Minho e Bordaleira de Entre Douro e Minho - e apenas um incluiu representantes destas raças minhotas. Nesse ensaio, as principais conclusões são a maior proximidade genética destas raças com algumas raças francesas e italianas, e o claro distanciamento com as raças Merino. Curiosamente,

Recentes estudos genéticos confirmaram que a chegada das primeiras espécies pecuárias à Península Ibérica se tratou de um processo complexo e muito interessante, uma vez que se crê terem sido utilizadas as duas rotas migratórias neolíticas – a continental e a marítima.

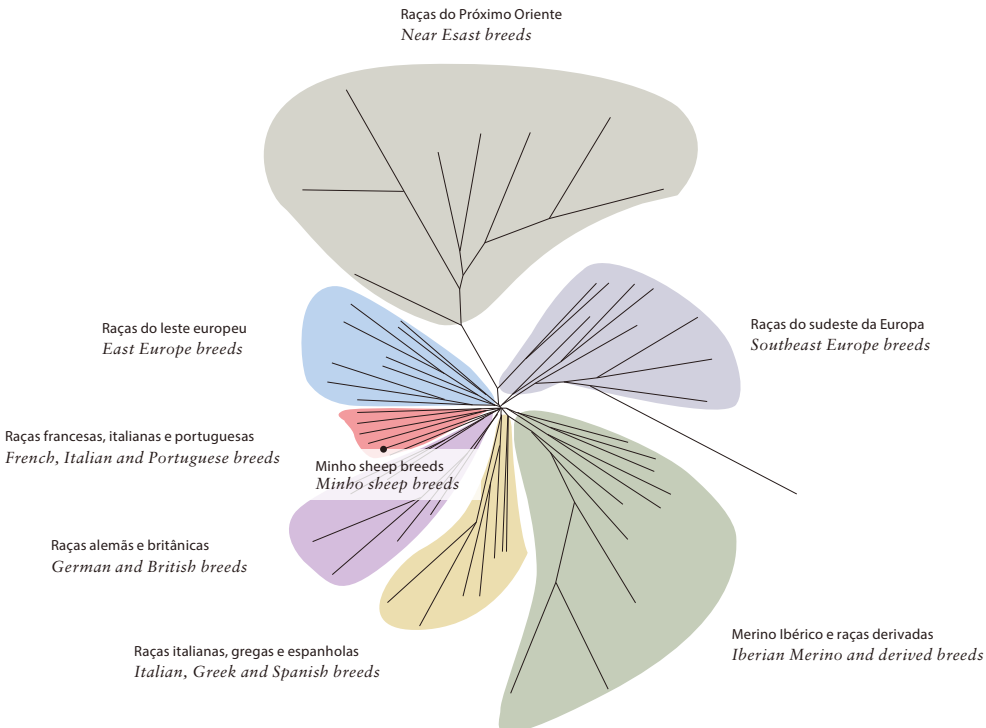
Assim, os primeiros animais domésticos a entrar na Península Ibérica foram os pequenos ruminantes - ovinos e caprinos – vindos do Mediterrâneo, através da rota marítima. Consequentemente, as primeiras ovelhas da Península Ibérica, foram-se instalando principalmente na costa mediterrânea. Posteriormente, uma segunda vaga de expansão neolítica terá entrado nesta região pelo interior, seguindo a rota continental, ocupando principalmente a região Norte da Península.

Desde estas primeiras introduções de espécies domesticadas, muitos outros exemplares podem ter sido trazidos para esta região ao longo da história, tantos quanto os diferentes povos que se estabeleceram na Península Ibérica, como os gregos, fenícios, celtas, cartagineses, romanos, vândalos, visigodos, árabes mouros e povos da Europa Central (na reconquista cristã). Para além destes, Portugal teve também uma história muito rica de comércio ultramarino durante os últimos cinco séculos e alguns animais podem ter chegado de terras tão distantes como a África ou o Sul da Ásia.

Foram poucos os estudos genéticos realizados sobre a origem das raças de ovinos do Minho – Churra do Minho e Bordaleira de Entre Douro e Minho - e apenas um incluiu representantes destas raças minhotas. Nesse ensaio, as principais conclusões são a maior proximidade genética destas raças com algumas raças francesas e italianas, e o claro distanciamento com as raças Merino. Curiosamen-

as ovelhas do Minho estão mais próximas das raças britânicas, alemãs e da Europa de Leste, do que de outras raças espanholas (incluindo o merino), o que aponta para uma origem mais continental europeia destas raças do norte de Portugal.

te, as ovelhas do Minho estão mais próximas das raças britânicas, alemãs e da Europa de Leste, do que de outras raças espanholas (incluindo o merino), o que aponta para uma origem mais continental europeia destas raças do norte de Portugal.



Dendrograma de vizinhança mostrando o posicionamento das raças ovinas do Minho em relação às raças ovinas locais do Próximo Oriente e da Europa. *Unrooted neighbor-joining dendrogram showing the positioning of the Minho sheep breeds in relation to local sheep breeds from Near East and Europe.*



A Biodiversidade do Minho

— *A biodiversidade do Minho*

A região minhota, abençoada pela natureza, é presenteada por terras férteis, clima atlântico, abundância de água, mas também por uma enorme biodiversidade que, obrigatoriamente, devemos preservar. Esta biodiversidade gera, naturalmente, grandes desafios e responsabilidade, nomeadamente aos detentores de ovinos, pelo modo como são mantidos e geridos os efetivos de animais.

Como resultado da evolução desta espécie animal, fruto da sua adaptação, ao longo do tempo, às condições ambientais, mas também pela seleção intuitiva por parte das populações residentes como modo de fazerem face às necessidades alimentares e de trabalho, estão reconhecidas duas raças autóctones de ovinos na região do Minho, a raça Bordaleira de Entre Douro e Minho e a raça Churra do Minho.

As raças autóctones portuguesas fazem parte de um património histórico e cultural e são parte integrante do meio rural, onde têm um papel importantíssimo no equilíbrio dos ecossistemas e na fixação das populações, bem como em diversas atividades de carácter gastronómico, social e cultural, e as raças características da região do Minho não são exceção.

As raças autóctones de ovinos no sistema de pecuária de montanha, como é o caso das raças Bordaleira de Entre Douro e Minho e a raça Churra do Minho, são possíveis criar, manter e melhorar em territórios onde não é possível exercer outro tipo de atividade; associado a sistema de vezeira e a outros sistemas agro-silvo-pastoris, tirando o melhor, e por vezes único, proveito que estes nossos territórios têm para oferecer.

O desafio que se coloca para o futuro destas raças autóctones é grande e requer o envolvimento de todos, com especial aposta na formação, na inovação e na tecnologia, ma-

A região minhota, abençoada pela natureza, é presenteada por terras férteis, clima atlântico, abundância de água, mas também por uma enorme biodiversidade que, obrigatoriamente, devemos preservar. Esta biodiversidade gera, naturalmente, grandes desafios e responsabilidade, nomeadamente aos detentores de ovinos, pelo modo como são mantidos e geridos os efetivos de animais.

Como resultado da evolução desta espécie animal, fruto da sua adaptação, ao longo do tempo, às condições ambientais, mas também pela seleção intuitiva por parte das populações residentes como modo de fazerem face às necessidades alimentares e de trabalho, estão reconhecidas duas raças autóctones de ovinos na região do Minho, a raça Bordaleira de Entre Douro e Minho e a raça Churra do Minho.

As raças autóctones portuguesas fazem parte de um património histórico e cultural e são parte integrante do meio rural, onde têm um papel importantíssimo no equilíbrio dos ecossistemas e na fixação das populações, bem como em diversas atividades de carácter gastronómico, social e cultural, e as raças características da região do Minho não são exceção.

As raças autóctones de ovinos no sistema de pecuária de montanha, como é o caso das raças Bordaleira de Entre Douro e Minho e a raça Churra do Minho, são possíveis criar, manter e melhorar em territórios onde não é possível exercer outro tipo de atividade; associado a sistema de vezeira e a outros sistemas agro-silvo-pastoris, tirando o melhor, e por vezes único, proveito que estes nossos territórios têm para oferecer.

O desafio que se coloca para o futuro destas raças autóctones é grande e requer o envolvimento de todos, com especial aposta na formação, na inovação e na tecnologia,



ximizando assim o potencial produtivo, em harmonia com o ambiente, sem colocar os recursos naturais sob pressão nos territórios onde as mesmas são originárias.

Não poderemos, no entanto, esquecer a importância de dar a conhecer ao consumidor a importância do consumo sustentável de alimentos, provenientes de cadeias curtas de distribuição, de produtos sazonais, com baixa pegada carbónica, socialmente e ecologicamente produzidos, evitando desperdícios alimentares, contribuindo ativamente para um menor desperdício de recursos.

Estamos certos de que, com empenho e muito trabalho, características que tão bem definem as gentes desta terra, o futuro das raças de ovinos do Minho será risonho e uma mais-valia económica para os criadores que a elas se dedicam.

maximizando assim o potencial produtivo, em harmonia com o ambiente, sem colocar os recursos naturais sob pressão nos territórios onde as mesmas são originárias.

Não poderemos, no entanto, esquecer a importância de dar a conhecer ao consumidor a importância do consumo sustentável de alimentos, provenientes de cadeias curtas de distribuição, de produtos sazonais, com baixa pegada carbónica, socialmente e ecologicamente produzidos, evitando desperdícios alimentares, contribuindo ativamente para um menor desperdício de recursos.

Estamos certos de que, com empenho e muito trabalho, características que tão bem definem as gentes desta terra, o futuro das raças de ovinos do Minho será risonho e uma mais-valia económica para os criadores que a elas se dedicam.

SUSANA GUEDES POMBO
Diretora-Geral de Alimentação e Veterinária
Director-General of Food and Veterinary



3

LIVRO GENEALÓGICO

— *Herd Book*

"O campo, como dantes, não se esmalta
De boninas azuis, brancas, vermelhas;
Não chove ao pasto já, que há de água falta;
As mansas e pacíficas ovelhas
Sem ti perecem e o céu também lhes falta,
Não acham flor as melífluas abelhas;
Com lágrimas que manam dos meus olhos
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna pois já, pastora, a este prado,
E restituirás esta alegria;
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarás também a fonte fria.
Torna, vem já, meu sol tão desejado,
Farás a noite escura em claro dia;
E alegra já esta magoada vida,
Em tua ausência toda consumida."

CAMÕES
Lírica



3

LIVRO GENEALÓGICO

— Herd Book

No início do seculo XXI, os técnicos da Associação dos Criadores de Bovinos de Raças Barrosã (AMIBA), durante os trabalhos de implementação do Plano de Melhoramento Genético da raça Barrosã, constataram a existência de uma população de ovinos *"de pequeno porte, de lã grosseira, rústicos e resistentes"*, que *"acompanhavam as vacas, nos campos e nos montes, durante a pastagem"*. Tudo indicava tratar-se de exemplares da raça ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho, que se considerava extinta.

Em 2002, confirmada a sua existência e reconhecida como raça autóctone pela DGV (Direção Geral de Veterinária – atual DGAV – Direção Geral de Alimentação e Veterinária), foi constituído o Livro Genealógico da Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, sendo a sua gestão confiada à AMIBA. Esta associação assumiu a definição e implementação do Programa de Conservação, Seleção e Melhoramento da Raça Ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho.

Um Livro Genealógico (LG) é constituído por informação estruturada, onde se encontram inscritos os reprodutores puros de uma determinada raça, as suas caraterísticas produtivas e reprodutivas, bem como a indicação dos seus ascendentes e descendentes. Este registo é supervisionado pelos serviços oficiais e dirigido por um Secretário Técnico, que garante a fidelidade da informação recolhida

No início do seculo XXI, os técnicos da Associação dos Criadores de Bovinos de Raças Barrosã (AMIBA), durante os trabalhos de implementação do Plano de Melhoramento Genético da raça Barrosã, constataram a existência de uma população de ovinos "de pequeno porte, de lã grosseira, rústicos e resistentes", que "acompanhavam as vacas, nos campos e nos montes, durante a pastagem". Tudo indicava tratar-se de exemplares da raça ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho, que se considerava extinta.

Em 2002, confirmada a sua existência e reconhecida como raça autóctone pela DGV (Direção Geral de Veterinária – atual DGAV – Direção Geral de Alimentação e Veterinária), foi constituído o Livro Genealógico da Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, sendo a sua gestão confiada à AMIBA. Esta associação assumiu a definição e implementação do Programa de Conservação, Seleção e Melhoramento da Raça Ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho.

Um Livro Genealógico (LG) é constituído por informação estruturada, onde se encontram inscritos os reprodutores puros de uma determinada raça, as suas caraterísticas produtivas e reprodutivas, bem como a indicação dos seus ascendentes e descendentes. Este registo é supervisionado pelos serviços oficiais e dirigido por um Secretário Técnico, que garante a fidelidade da informação recolhida

e zela pela boa execução das ações de preservação, melhoramento e promoção da raça.

Na prossecução dos trabalhos de inventariação, caraterização e conservação da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, verificou-se, no entanto, uma relevante diferença entre animais que pastoreavam as regiões mais baixas do solar (Noroeste Peninsular), zonas identificadas como de várzea, e animais que pastoreavam regiões de maior altitude, com relevos e climas mais agrestes, identificadas como zonas de montanha.

Com efeito, diferenças como estatura, características do velo, rusticidade, e resistência, foram indicadores fundamentais de distinção para que, em setembro de 2007, a DGV reconhecesse o que, até então, eram consideradas duas variedades dentro da Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, Várzea e Monte, como duas raças distintas: a variedade de várzea manteve-se como raça Bordaleira de Entre Douro e Minho e a variedade de monte deu origem à raça Churra do Minho.

Esta decisão aprovou o início dos trabalhos de conservação e a implementação do Livro Genealógico da Raça Churra do Minho, terminando com o cruzamento com animais da outra variedade e permitindo a adoção de ações orientadas exclusivamente para esta população. Simultaneamente possibilitou a consolidação, diferenciação e aprofundamento dos trabalhos de melhoramento da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho.

Estas raças apresentam características especiais de adaptação a condições particulares, muitas vezes adversas, e que se expressam como resistência a doenças, tolerância climática, capacidade para utilizar alimento de baixo valor nutritivo e sobreviver com reduzidas quantidades de alimento e água. Foram estas as principais motivações para a resistência dos criadores na introdução e/ou cruzamentos com raças de maior porte (autóctones ou exóticas).

e zela pela boa execução das ações de preservação, melhoramento e promoção da raça.

Na prossecução dos trabalhos de inventariação, caraterização e conservação da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, verificou-se, no entanto, uma relevante diferença entre animais que pastoreavam as regiões mais baixas do solar (Noroeste Peninsular), zonas identificadas como de várzea, e animais que pastoreavam regiões de maior altitude, com relevos e climas mais agrestes, identificadas como zonas de montanha.

Com efeito, diferenças como estatura, características do velo, rusticidade, e resistência, foram indicadores fundamentais de distinção para que, em setembro de 2007, a DGV reconhecesse o que, até então, eram consideradas duas variedades dentro da Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, Várzea e Monte, como duas raças distintas: a variedade de várzea manteve-se como raça Bordaleira de Entre Douro e Minho e a variedade de monte deu origem à raça Churra do Minho.

Esta decisão aprovou o início dos trabalhos de conservação e a implementação do Livro Genealógico da Raça Churra do Minho, terminando com o cruzamento com animais da outra variedade e permitindo a adoção de ações orientadas exclusivamente para esta população. Simultaneamente possibilitou a consolidação, diferenciação e aprofundamento dos trabalhos de melhoramento da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho.

Estas raças apresentam características especiais de adaptação a condições particulares, muitas vezes adversas, e que se expressam como resistência a doenças, tolerância climática, capacidade para utilizar alimento de baixo valor nutritivo e sobreviver com reduzidas quantidades de alimento e água. Foram estas as principais motivações para a resistência dos criadores na introdução e/ou cruzamentos com raças de maior porte (autóctones ou exóticas).



As raças exóticas manifestam-se como incapazes de se adaptar e resistir aos mais inóspitos habitats, à parca quantidade e reduzida variedade alimentar, não sendo atrativas para os criadores do Minho Terá sido esta a principal razão que permitiu a salvaguarda da extinção das raças de ovinos autóctones do Noroeste de Portugal.

Complementarmente, o Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (PDR), área 3. «Ambiente, eficiência no uso dos recursos e clima», medida 7. «Agricultura e recursos naturais», ação 7.8 «Recursos genéticos», instituiu o apoio 7.8.1 «Manutenção de raças autóctones em risco» no qual as raças Bordaleira de Entre Douro e Minho (BEDM) e Churra do Minho (CM) estão classificadas como ameaçadas de extinção - Grau B "Ameaçada" (relativo ao risco de extinção) - indicador da necessidade de implementar mecanismos que revertam esta tendência ameaçadora.

O Estado Português, através da Portaria N.º 55/2015, regulamentou a ajuda que *"visa contribuir para a melhoria da viabilidade das explorações em zonas rurais com poucas alternativas, para a melhoria do ambiente e da paisagem rural, tendo em conta os sistemas extensivos a que estão associadas. Estas explorações pecuárias são exemplo da multifuncionalidade na atividade agrícola e constituem um contributo indispensável para os sistemas de produção em equilíbrio com o ambiente, pelo que importa promover a conservação in situ destes recursos genéticos animais autóctones, designadamente os que estão em risco de extinção"*.

As raças exóticas manifestam-se como incapazes de se adaptar e resistir aos mais inóspitos habitats, à parca quantidade e reduzida variedade alimentar, não sendo atrativas para os criadores do Minho Terá sido esta a principal razão que permitiu a salvaguarda da extinção das raças de ovinos autóctones do Noroeste de Portugal.

Complementarmente, o Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (PDR), área 3. «Ambiente, eficiência no uso dos recursos e clima», medida 7. «Agricultura e recursos naturais», ação 7.8 «Recursos genéticos», instituiu o apoio 7.8.1 «Manutenção de raças autóctones em risco» no qual as raças Bordaleira de Entre Douro e Minho (BEDM) e Churra do Minho (CM) estão classificadas como ameaçadas de extinção - Grau B "Ameaçada" (relativo ao risco de extinção) - indicador da necessidade de implementar mecanismos que revertam esta tendência ameaçadora.

O Estado Português, através da Portaria N.º 55/2015, regulamentou a ajuda que "visa contribuir para a melhoria da viabilidade das explorações em zonas rurais com poucas alternativas, para a melhoria do ambiente e da paisagem rural, tendo em conta os sistemas extensivos a que estão associadas. Estas explorações pecuárias são exemplo da multifuncionalidade na atividade agrícola e constituem um contributo indispensável para os sistemas de produção em equilíbrio com o ambiente, pelo que importa promover a conservação in situ destes recursos genéticos animais autóctones, designadamente os que estão em risco de extinção".

IDENTIFICAÇÃO E INSCRIÇÃO NA SEÇÃO PRINCIPAL

— *Identificação e inscrição na Seção Principal*

Classe Nascimentos

Classe Nascimentos

A identificação animal e a inequívoca verificação dos dados genealógicos são reconhecidas como a base em que assenta o funcionamento dos Livros Genealógicos, ao abrigo das normas do Plano de Melhoramento Genético (PMG). Assim, todas as identificações utilizadas nas raças BEDM e CM são autenticadas pela DGAV como identificações oficiais e, sendo individuais, permitem a rastreabilidade de cada animal.

A identificação animal e a inequívoca verificação dos dados genealógicos são reconhecidas como a base em que assenta o funcionamento dos Livros Genealógicos, ao abrigo das normas do Plano de Melhoramento Genético (PMG). Assim, todas as identificações utilizadas nas raças BEDM e CM são autenticadas pela DGAV como identificações oficiais e, sendo individuais, permitem a rastreabilidade de cada animal.





Nestas raças, o processo tem início logo após o nascimento dos cordeiros, através da colocação, pelo criador, de uma marca auricular individual da exploração (brinco de nascimento). Os brincos têm cor diferente para cada raça: a BEDM tem cor azul e a raça CM cor amarela. Neles estão impressos a inicial da raça (B ou C), um número sequencial único e a marca da exploração.

ex. 

A marca auricular é colocada na orelha direita dos anhos e registado pelo criador no "Livro de Nascimentos e Pesagens da Exploração", fornecido pela Secretaria Técnica. Aí é registado o número atribuído ao animal, a data de nascimento, o sexo, a mãe, o pai, o peso ao nascimento e a coloração da pelagem. Este registo, após transposição da informação para a base de dados do LG [programa *Genpro Online*], na classe de nascimentos, corresponde ao início da rastreabilidade de cada animal.
Esta primeira identificação individual acompanha o animal até à idade máxima de 9 meses, devendo obrigatoriamente ser substituída pela identificação oficial definitiva (Decreto-Lei n.º 142/2006 e alterações posteriores).

Nestas raças, o processo tem início logo após o nascimento dos cordeiros, através da colocação, pelo criador, de uma marca auricular individual da exploração (brinco de nascimento). Os brincos têm cor diferente para cada raça: a BEDM tem cor azul e a raça CM cor amarela. Neles estão impressos a inicial da raça (B ou C), um número sequencial único e a marca da exploração.

ex. 

A marca auricular é colocada na orelha direita dos anhos e registado pelo criador no "Livro de Nascimentos e Pesagens da Exploração", fornecido pela Secretaria Técnica. Aí é registado o número atribuído ao animal, a data de nascimento, o sexo, a mãe, o pai, o peso ao nascimento e a coloração da pelagem. Este registo, após transposição da informação para a base de dados do LG [programa Genpro Online], na classe de nascimentos, corresponde ao início da rastreabilidade de cada animal.
Esta primeira identificação individual acompanha o animal até à idade máxima de 9 meses, devendo obrigatoriamente ser substituída pela identificação oficial definitiva (Decreto-Lei n.º 142/2006 e alterações posteriores).

Classe Adultos
Classe Adultos

Os detentores dos animais da espécie ovina devem identificar os seus animais até à idade de 6 meses, podendo este prazo ser prorrogado até aos 9 meses, no caso das explorações em regime extensivo ou ao ar livre, não podendo, em caso algum, deixar a exploração sem estarem identificados., Todos os ovinos após esta idade, deverão ser identificados através do uso de um sistema individual, indelével e definitivo, de carácter nacional, sendo constituída por um identificador eletrónico [um bolo ruminal ou uma marca auricular

Os detentores dos animais da espécie ovina devem identificar os seus animais até à idade de 6 meses, podendo este prazo ser prorrogado até aos 9 meses, no caso das explorações em regime extensivo ou ao ar livre, não podendo, em caso algum, deixar a exploração sem estarem identificados., Todos os ovinos após esta idade, deverão ser identificados através do uso de um sistema individual, indelével e definitivo, de carácter nacional, sendo constituída por um identificador eletrónico [um bolo ruminal ou uma marca



eletrónica - situação pontual] e adicionalmente uma marca auricular de material inalterável, infalsificável e facilmente legível aplicada no pavilhão auricular esquerdo.
Esta identificação definitiva (composta por bolo ruminal e marca auricular) deve ser efetuada pela Secretaria Técnica das raças ovinas Bordaleira de Entre Douro e Minho e Churra do Minho, na visita às explorações para proceder à escolha e registo na Classe de Adultos. Desta forma fica garantida a integridade e conexão da informação já introduzida na altura da inscrição na Classe de Nascimentos.
Na mesma ocasião, para efeitos de registo na Classe de Adultos, procede-se à colocação de uma marca auricular auxiliar (brinco), onde constam as iniciais da raça e o número sequencial correspondente ao registo nesta classe. A inscrição dos animais deve ser suportada por uma classificação morfológica que avalie e quantifique as suas caraterísticas face ao Padrão da Raça.

auricular eletrónica - situação pontual] e adicionalmente uma marca auricular de material inalterável, infalsificável e facilmente legível aplicada no pavilhão auricular esquerdo. Esta identificação definitiva (composta por bolo ruminal e marca auricular) deve ser efetuada pela Secretaria Técnica das raças ovinas Bordaleira de Entre Douro e Minho e Churra do Minho, na visita às explorações para proceder à escolha e registo na Classe de Adultos. Desta forma fica garantida a integridade e conexão da informação já introduzida na altura da inscrição na Classe de Nascimentos. Na mesma ocasião, para efeitos de registo na Classe de Adultos, procede-se à colocação de uma marca auricular auxiliar (brinco), onde constam as iniciais da raça e o número sequencial correspondente ao registo nesta classe. A inscrição dos animais deve ser suportada por uma classificação morfológica que avalie e quantifique as suas características face ao Padrão da Raça.



Classificação para inscrição na Classe de Adultos
Classificação para inscrição na Classe de Adultos

Na classificação morfológica, a pontuação de cada parâmetro é obtida multiplicando os pontos da classificação pelo respetivo índice, sendo a pontuação total a soma de todas as pontuações consideradas e deverá ser igual ou superior a 70 no caso das fêmeas e a 80 no caso dos machos.

Na classificação morfológica, a pontuação de cada parâmetro é obtida multiplicando os pontos da classificação pelo respetivo índice, sendo a pontuação total a soma de todas as pontuações consideradas e deverá ser igual ou superior a 70 no caso das fêmeas e a 80 no caso dos machos.

Índices e classificações (Classe de Adultos)
Índices e classificações (Classe de Adultos)

	Índices *Indices*	
	Fêmeas *Fêmeas*	**Machos** *Machos*
ASPETO GERAL ASPETO GERAL		
Características étnicas *Características étnicas*	2	2,5
Cabeça, pescoço e tronco *Cabeça, pescoço e tronco*	1	1
Membros e aprumos *Membros e aprumos*	1	1
Velo *Velo*	1	1
Desenvolvimento geral *Desenvolvimento geral*	2	2,5
CARACTERÍSTICAS LEITEIRAS CARACTERÍSTICAS LEITEIRAS		
Forma e desenvolvimento do úbere *Forma e desenvolvimento do úbere*	1	-
Tamanho e implantação dos tetos *Tamanho e implantação dos tetos*	1	-
CARACTERÍSTICAS SEXUAIS CARACTERÍSTICAS SEXUAIS		
Forma/integridade - órgãos reprodutores *Forma/integridade - órgãos reprodutores*	1	2
TOTAL TOTAL	10	10

Classificação *Classificação*	
MUITO BOM MUITO BOM	9 – 10
BOM BOM	7 – 8
REGULAR REGULAR	5 – 6
DEFICIENTE DEFICIENTE	3 – 4
MAU MAU	0 – 2



Controlos de performance (pesagens)
Controlos de performance (pesagens)

O controlo de desempenho tem como objetivo medir a variação de peso ocorrida durante o período de aleitamento, por forma a calcular os pesos de referência ajustados às idades padrão (30 dias e 70 dias) e permitir estimar valores genéticos para os efeitos maternos e para os efeitos diretos.
A determinação do peso normalizado dos borregos aos 30 dias (cálculo dos efeitos maternos) é feita através da pesagem nas primeiras 24 horas de vida (ou o peso ao nascimento de referência da raça) e uma pesagem entre os 21 e os 46 dias.
O peso normalizado aos 70 dias (cálculo de efeitos genéticos diretos) é calculado utilizando uma pesagem realizada entre os 59 e os 92. Estas duas pesagens devem ser realizadas com um intervalo superior a 30 dias.
Os controlos de performance têm sempre de ser baseados em 2 pesagens efetivas, sendo que uma delas tem que coincidir com o intervalo de um dos pesos de referência. Estes controlos devem ser realizados num número significativo de explorações aderentes ao LG e abranger pelo menos 15% dos animais inscritos na classe nascimentos anualmente, para que se consiga assegurar um controlo representativo da raça.

O controlo de desempenho tem como objetivo medir a variação de peso ocorrida durante o período de aleitamento, por forma a calcular os pesos de referência ajustados às idades padrão (30 dias e 70 dias) e permitir estimar valores genéticos para os efeitos maternos e para os efeitos diretos.
A determinação do peso normalizado dos borregos aos 30 dias (cálculo dos efeitos maternos) é feita através da pesagem nas primeiras 24 horas de vida (ou o peso ao nascimento de referência da raça) e uma pesagem entre os 21 e os 46 dias.
O peso normalizado aos 70 dias (cálculo de efeitos genéticos diretos) é calculado utilizando uma pesagem realizada entre os 59 e os 92. Estas duas pesagens devem ser realizadas com um intervalo superior a 30 dias.
Os controlos de performance têm sempre de ser baseados em 2 pesagens efetivas, sendo que uma delas tem que coincidir com o intervalo de um dos pesos de referência. Estes controlos devem ser realizados num número significativo de explorações aderentes ao LG e abranger pelo menos 15% dos animais inscritos na classe nascimentos anualmente, para que se consiga assegurar um controlo representativo da raça.



Classificação Morfológica Linear
Classificação Morfológica Linear

Utilizada como um instrumento de avaliação morfológica, a classificação morfológica linear permite avaliar as caraterísticas individuais, os seus aspetos diferenciadores relativamente à população ou raça, como suporte para a melhoria da conformação dos animais, e rebanhos, orientando o criador na opção da conservação ou refugo, tendo a conta a melhoria efetivo.
Esta avaliação tenta descrever cada indivíduo a uma determinada idade, a partir da observação de 12 parâmetros morfológicos, avaliados numa escala de 1 a 9. A amplitude destas notas representa os extremos biológicos de cada um dos caracteres em observação e uma pontuação, alta ou baixa, tem significado relativo.
Assim, a classificação baseada na utilização de medidas biométricas pode ser um indicador das diferenças entre raças e contribuir para uma melhor compreensão das diferenças dos sistemas de produção, no que diz respeito ao ambiente, à nutrição e sistemas reprodutivos.
A classificação linear avalia o animal segundo três aspetos:

→ **CONFORMAÇÃO E FORMATO** O conceito de conformação em vida é obtido através da observação de diferentes partes do animal, numa perspetiva de relacionar a morfologia com a respetiva peça de carcaça.
A descrição do formato tem como funções a análise do sistema músculo-esquelético e uma abordagem produtiva, nomeadamente através da avaliação da capacidade de ingestão e respiratória.
Os parâmetros analisados são:

ESTRUTURA (ALTURA À CERNELHA)	Distância, medida na vertical, estre a superfície de apoio do membro anterior e o garrote do animal.
LARGURA DE PEITO	Comprimento medido na horizontal da distância entre as duas extremidades proximais dos úmeros.

Utilizada como um instrumento de avaliação morfológica, a classificação morfológica linear permite avaliar as caraterísticas individuais, os seus aspetos diferenciadores relativamente à população ou raça, como suporte para a melhoria da conformação dos animais, e consequentemente dos rebanhos, orientando o criador na opção da conservação ou refugo dos animais, tendo a conta a melhoria do seu efetivo.
Esta avaliação tenta descrever cada indivíduo, a uma determinada idade, a partir da observação de 12 parâmetros morfológicos, avaliados numa escala de 1 a 9. A amplitude destas notas representa os extremos biológicos de cada um dos caracteres em observação e uma pontuação, alta ou baixa, tem um significado relativo não tendo que ser considerada em absoluto como desejável ou indesejável.
Assim, classificação baseada na utilização de medidas biométricas pode ser um indicador das diferenças entre raças e contribuir para uma melhor compreensão das diferenças dos sistemas de produção, no que diz respeito ao ambiente, à nutrição e sistemas reprodutivos.
A classificação linear avalia o animal segundo três grandes aspetos:








COMPRIMENTO CORPORAL	Distância entre a ponta do úmero e o ísquion.
ESTRUTURA E QUALIDADE DO OSSO (POSTERIOR)	O perímetro da canela nos membros posteriores.
COMPRIMENTO DA GARUPA	Distância entre a ponta dos íliones e a ponta dos ísquiones.
LARGURA DA GARUPA	Medição da largura da garupa ao nível dos íliones.
ÂNGULO DA GARUPA	O ângulo definido pela linha que liga o ílion ao ísquion, e a linha do plano horizontal dorso-lombar do animal.

→ **FUNCIONALIDADE** A classificação da funcionalidade assenta na observação da qualidade dos aprumos posteriores. Refletem a aptidão do animal em adaptar-se às condições e tipo de exploração, bem como a sua função reprodutiva. Devem observar-se as seguintes caraterísticas:

CURVATURA DOS CURVILHÕES LATERAL	O ângulo formado pelo membro anterior, utilizando como referências o alinhamento entre a ponta da anca e o curvilhão e o ângulo formado pelo curvilhão.
ALINHAMENTO DOS CURVILHÕES	O alinhamento dos membros posteriores em relação a um plano vertical.
LOCOMOÇÃO	Avaliar a amplitude da passada do animal.

→ **REPRODUÇÃO (ÚBERE / TESTÍCULOS)** O objetivo é selecionar ovelhas capazes de amamentar os seus borregos sem dificuldade, evitando a intervenção humana e favorecendo uma boa longevidade das mães. Nos carneiros avalia-se o perímetro testicular, diretamente relacionado com a fertilidade.
Os parâmetros observados são:

ALTURA E INSERÇÃO DO ÚBERE (FÊMEAS)	A distância entre a base da vulva e o ponto superior do tecido da glândula mamária.
TETOS SUPRANUMERÁRIOS	O número de tetos existentes no animal.
DIÂMETRO TESTICULAR (MACHOS)	Medição do perímetro escrotal.

As características morfológicas dos animais são moldadas pela adaptabilidade aos vários fatores que influenciam a sua alimentação, reprodução e sobrevivência. A análise das classificações morfológicas lineares feitas em rebanhos BEDM e CM permitiu determinar uma elevada diferenciação entre raças.

Genotipagem por microssatélites
Genotipagem por microssatélites

Simultaneamente ao registo na Classe de Adultos, é feita a recolha de material (tecido do pavilhão auricular) para caraterização genética do animal (genotipagem) e para eventual controlo de filiação. Esta análise tem como finalidade validar as informações prestadas pelo criador, devendo para tal ser determinado o genótipo de todos os reprodutores masculinos e do maior número de fêmeas possível.
O conhecimento da filiação dos animais, é necessário para uma avaliação e seleção genética eficaz, uma vez que estas têm por base a análise de registos produtivos e reprodutivos individuais, que devem ser verídicos e exatos, o que, em muitos casos, só se consegue mediante validação genética da paternidade. Esta análise permite ainda avaliar o grau de consanguinidade de cada indivíduo e da população geral, dado o conhecimento das genealogias.

Simultaneamente ao registo na Classe de Adultos, é feita a recolha de material (tecido do pavilhão auricular) para caraterização genética do animal (genotipagem) e para eventual controlo de filiação. Esta análise tem como finalidade validar as informações prestadas pelo criador, devendo para tal ser determinado o genótipo de todos os reprodutores masculinos e do maior número de fêmeas possível.
O conhecimento da filiação dos animais, é necessário para uma avaliação e seleção genética eficaz, uma vez que estas têm por base a análise de registos produtivos e reprodutivos individuais, que devem ser verídicos e exatos, o que, em muitos casos, só se consegue mediante validação genética da paternidade. Esta análise permite ainda avaliar o grau de consanguinidade de cada indivíduo e da população geral, dado o conhecimento das genealogias.



Avaliação Genética
Avaliação Genética

Com base na informação recolhida pela Secretaria Técnica, nomeadamente, registos de genealogias, partos e pesagens é calculado o valor genético de cada animal para determinado caracter. Este valor representa a valia desse animal como reprodutor (expresso nas respetivas unidades de medida, isto é, kg, dias, %, entre outras) e deve ser interpretado como a superioridade ou inferioridade genética para a característica em causa, relativamente à média da população.

Nestas raças são avaliadas as seguintes caraterísticas:

- Capacidade maternal para o peso aos 70 dias;
- Capacidade de crescimento para o peso aos 70 dias;
- Prolificidade.

A precisão da estimativa do valor genético dá-nos a ideia da confiança com que estimámos o valor genético do animal para determinado caracter. Quanto mais informação sobre o animal (por exemplo, vários registos de intervalos entre partos) e sobre os seus parentes (mãe, irmãs, filhas, avós, etc.) houver, mais precisa será a estimativa do seu valor genético.

O valor genético para a capacidade maternal deverá ser o maior possível (mais positivo). Pretende-se que os reprodutores transmitam aos descendentes a capacidade para, quando forem adultos, desmamarem animais mais pesados.

Os valores genéticos para a capacidade de crescimento são tanto melhores quanto maiores forem esses valores (mais positivos). Pretende-se que os reprodutores transmitam aos descendentes uma boa capacidade de crescimento até e após o desmame (mais pesados).

O valor genético para a prolificidade deverá ser o maior possível (mais positivo). Pretende-se que o número de borregos nascidos por parto seja mais elevado.

Com base na informação recolhida pela Secretaria Técnica, nomeadamente, registos de genealogias, partos e pesagens é calculado o valor genético de cada animal para determinado caracter. Este valor representa a valia desse animal como reprodutor (expresso nas respetivas unidades de medida, isto é, kg, dias, %, entre outras) e deve ser interpretado como a superioridade ou inferioridade genética para a característica em causa, relativamente à média da população.

Nestas raças são avaliadas as seguintes caraterísticas:

- *Capacidade maternal para o peso aos 70 dias;*
- *Capacidade de crescimento para o peso aos 70 dias;*
- *Prolificidade.*

A precisão da estimativa do valor genético dá-nos a ideia da confiança com que estimámos o valor genético do animal para determinado caracter. Quanto mais informação sobre o animal (por exemplo, vários registos de intervalos entre partos) e sobre os seus parentes (mãe, irmãs, filhas, avós, etc.) houver, mais precisa será a estimativa do seu valor genético.

O valor genético para a capacidade maternal deverá ser o maior possível (mais positivo). Pretende-se que os reprodutores transmitam aos descendentes a capacidade para, quando forem adultos, desmamarem animais mais pesados.

Os valores genéticos para a capacidade de crescimento são tanto melhores quanto maiores forem esses valores (mais positivos). Pretende-se que os reprodutores transmitam aos descendentes uma boa capacidade de crescimento até e após o desmame (mais pesados).

O valor genético para a prolificidade deverá ser o maior possível (mais positivo). Pretende-se que o número de borregos nascidos por parto seja mais elevado.

Inseminação Artificial / recolha de material para o Banco Português de Germoplasma Animal

Inseminação Artificial / recolha de material para o Banco Português de Germoplasma Animal

A avaliação genética, além da avaliação morfológica, é determinante na seleção dos reprodutores masculinos, sendo a colheita de sémen para o Banco Português de Germoplasma Animal ou para a Inseminação Artificial algumas das ações realizadas com base nesta avaliação. Pretende-se ainda valorizar genética e economicamente as novas gerações por forma a manter o interesse na sua produção e assim salvaguardar o futuro destas raças.

O trabalho de seleção compreende ainda a definição de técnicas reprodutivas através de programas de acasalamento, nomeadamente com cobrição controlada, separação dos machos das fêmeas – efeito macho, escolha de épocas de cobrição, e com o recurso à inseminação artificial, sempre tendo em conta o mérito genético e o grau de parentesco entre os animais do rebanho.

A avaliação genética, além da avaliação morfológica, é determinante na seleção dos reprodutores masculinos, sendo a colheita de sémen para o Banco Português de Germoplasma Animal ou para a Inseminação Artificial algumas das ações realizadas com base nesta avaliação. Pretende-se ainda valorizar genética e economicamente as novas gerações por forma a manter o interesse na sua produção e assim salvaguardar o futuro destas raças.

O trabalho de seleção compreende ainda a definição de técnicas reprodutivas através de programas de acasalamento, nomeadamente com cobrição controlada, separação dos machos das fêmeas – efeito macho, escolha de épocas de cobrição, e com o recurso à inseminação artificial, sempre tendo em conta o mérito genético e o grau de parentesco entre os animais do rebanho.



Promoção das raças
Promoção das raças

Para divulgação das características e promoção da raça, a AMIBA realiza anualmente, em diferentes locais, diversas atividades incluindo exposições, concursos pecuários, publicações, estudos e colóquios.
Um dos eventos mais importantes para a promoção das raças é o concurso nacional (organizado no decurso da Feira Internacional Agrícola AGRO – Braga, em parceria com a InvestBraga - Agência para a Dinamização Económica, EM.), em que se pretende orientar os criadores para o tipo e características étnicas mais desejáveis, estimular a produção de ovinos, valorizar o esforço dos criadores na manutenção destas raças autóctones e promover a raça como componente importante na fixação das populações e defesa do mundo rural.

Para divulgação das características e promoção da raça, a AMIBA realiza anualmente, em diferentes locais, diversas atividades incluindo exposições, concursos pecuários, publicações, estudos e colóquios.
Um dos eventos mais importantes para a promoção das raças é o concurso nacional (organizado no decurso da Feira Internacional Agrícola AGRO – Braga, em parceria com a InvestBraga - Agência para a Dinamização Económica, EM.), em que se pretende orientar os criadores para o tipo e características étnicas mais desejáveis, estimular a produção de ovinos, valorizar o esforço dos criadores na manutenção destas raças autóctones e promover a raça como componente importante na fixação das populações e defesa do mundo rural.







4

AS RAÇAS
— *The Breeds*

"Entre as meigas ovelhas pobrezinhas,
que eu guardo, pelos montes, uma existe
que anda, longe, balindo, sempre triste,
e vive só das ervas mais sequinhas..

Que pressentes na alma? que adivinhas?
Etérea voz de dor acaso ouviste?
Que foi que tu, nas nuvens, descobriste?
Não és irmã das outras ovelhinhas!

TEIXEIRA DE PASCOAIS
A uma ovelha



I

RAÇA BORDALEIRA DE ENTRE DOURO E MINHO

— Bordaleira de Entre Douro e Minho Breed

Os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho enquadram-se no grupo dos ovinos bordaleiros, também denominado na região do Minho como "*bordaleiras comuns*", "*ovelhas da várzea*", ou mesmo "*ovelhas do carro*" ou "*mansas*", pois usualmente acompanham os bovinos quer no trabalho quer nas pastagens. Estes animais são geralmente bem conformados, mas medianamente desenvolvidos.

Nesta região do Noroeste de Portugal, os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho ocupam as zonas de meia encosta ou de várzea, ou seja, as de maior produtividade da região do Entre Douro e Minho. As várzeas, em vales que raramente ultrapassam os 600 m, destacam-se os das bacias do Minho, do Lima, do Cávado e do Ave, encontrando-se também alguns exemplares mais a sul. É, no entanto, interessante referir que os animais de maior pureza étnica encontrados, pertencem geralmente a explorações das zonas de meia encosta, estando este facto intimamente relacionado com a situação de maior isolamento e menor produtividade das explorações.

A região de várzea é classificada como tendo um clima do tipo Atlântico moderado, caracterizado por Verões relativamente frescos e Invernos pouco rigorosos, com amplitudes térmicas anuais que raramente ultrapassam os 10 °C, e ocorrendo precipitações abundantes, especialmente no Outono

Os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho enquadram-se no grupo dos ovinos bordaleiros, também denominado na região do Minho como "bordaleiras comuns", "ovelhas da várzea", ou mesmo "ovelhas do carro" ou "mansas", pois usualmente acompanham os bovinos quer no trabalho quer nas pastagens. Estes animais são geralmente bem conformados, mas medianamente desenvolvidos.

Nesta região do Noroeste de Portugal, os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho ocupam as zonas de meia encosta ou de várzea, ou seja, as de maior produtividade da região do Entre Douro e Minho. As várzeas, em vales que raramente ultrapassam os 600 m, destacam-se os das bacias do Minho, do Lima, do Cávado e do Ave, encontrando-se também alguns exemplares mais a sul. É, no entanto, interessante referir que os animais de maior pureza étnica encontrados, pertencem geralmente a explorações das zonas de meia encosta, estando este facto intimamente relacionado com a situação de maior isolamento e menor produtividade das explorações.

A região de várzea é classificada como tendo um clima do tipo Atlântico moderado, caracterizado por Verões relativamente frescos e Invernos pouco rigorosos, com amplitudes térmicas anuais que raramente ultrapassam os 10 °C, e ocorrendo precipitações abundantes, especialmente no Ou-

e Inverno. Os solos desta região, embora pobres (geralmente deficientes em fósforo, magnésio e cálcio), permitem uma razoável produção forrageira possibilitando a obtenção de resultados zootécnicos humildes, mas significativos.
O solar da raça, que outrora se estendia da fronteira com a Galiza ao distrito de Aveiro, atualmente encontra-se confinado a alguns concelhos dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo e Vila Real.

tono e Inverno. Os solos desta região, embora pobres (geralmente deficientes em fósforo, magnésio e cálcio), permitem uma razoável produção forrageira possibilitando a obtenção de resultados zootécnicos humildes, mas significativos.
O solar da raça, que outrora se estendia da fronteira com a Galiza ao distrito de Aveiro, atualmente encontra-se confinado a alguns concelhos dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo e Vila Real.



Caraterização das Explorações
Caraterização das Explorações

A Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho é criada em pequenas unidades agrícolas, normalmente para autoconsumo, constituindo-se em pequenos rebanhos que são explorados como complemento dos bovinos, geralmente considerados como a principal produção das explorações. Estes rebanhos, ao pastorear em conjunto, permitem um maior aproveitamento das disponibilidades forrageiras e uma rentabilização dos excedentes.

A população da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho encontra-se atualmente mais exposta ao risco de extinção, quer devido ao abandono da atividade agrícola pela população mais jovem, quer mesmo pela introdução de reprodutores masculinos de outras raças que permitem a obtenção de superiores e mais rápidos resultados produtivos.

A dimensão das explorações caracteriza-se por pequenos efetivos que raramente ultrapassam as 15 fêmeas. Nas aldeias em que existem vários rebanhos pequenos ainda é comum haver apenas um ou dois reprodutores masculinos para todos os rebanhos, uma vez que se torna pouco viável a manutenção de um macho para beneficiar duas ou três fêmeas. Estes reprodutores são normalmente propriedade do maior criador, pastoreando durante todo o ano com o seu rebanho e permitindo, no início ou no final do dia, o benefício dos animais dos criadores vizinhos.

Estes animais alimentam-se de ervas espontâneas que encontram nas pastagens dos campos minhotos, onde também aproveitam o restolho do milho, as beiradas dos caminhos e fazem o aproveitamento do coberto vegetal existente entre as linhas nas vinhas e pomares. No regresso ao estábulo, a alimentação normalmente é complementada com feno, e nas alturas de partos ou maior escassez

A Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho é criada em pequenas unidades agrícolas, normalmente para autoconsumo, constituindo-se em pequenos rebanhos que são explorados como complemento dos bovinos, geralmente considerados como a principal produção das explorações. Estes rebanhos, ao pastorear em conjunto, permitem um maior aproveitamento das disponibilidades forrageiras e uma rentabilização dos excedentes.

A população da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho encontra-se atualmente mais exposta ao risco de extinção, quer devido ao abandono da atividade agrícola pela população mais jovem, quer mesmo pela introdução de reprodutores masculinos de outras raças que permitem a obtenção de superiores e mais rápidos resultados produtivos.

A dimensão das explorações caracteriza-se por pequenos efetivos que raramente ultrapassam as 15 fêmeas. Nas aldeias em que existem vários rebanhos pequenos ainda é comum haver apenas um ou dois reprodutores masculinos para todos os rebanhos, uma vez que se torna pouco viável a manutenção de um macho para beneficiar duas ou três fêmeas. Estes reprodutores são normalmente propriedade do maior criador, pastoreando durante todo o ano com o seu rebanho e permitindo, no início ou no final do dia, o benefício dos animais dos criadores vizinhos.

Estes animais alimentam-se de ervas espontâneas que encontram nas pastagens dos campos minhotos, onde também aproveitam o restolho do milho, as beiradas dos caminhos e fazem o aproveitamento do coberto vegetal existente entre as linhas nas vinhas e pomares. No regresso ao estábulo, a alimentação normalmente é complementada com feno, e nas alturas de partos ou maior escassez

alimentar, podem também receber algum milho e outros subprodutos produzidos na exploração.

A mais ou menos constante qualidade e quantidade de alimento permite reduzir o período de retorno destas ovelhas, o que se traduz numa reduzida sazonalidade e consequentemente numa ocorrência dos partos ao longo do ano.

A rentabilização deste efetivo deve-se prioritariamente à sua produção de carne, quer por venda dos borregos em talhos da região, quer para autoconsumo.

Para além da produção de carne, é importante referir a produção de estrume para fertilização das hortas e a limpeza e manutenção dos campos, funções que viabilizam a sua existência e permitem a conservação da paisagem típica da região minhota. A lã, do tipo bordaleiro, de mediana qualidade, numa época em que se encontra muito desvalorizada, representa mais um encargo do que um rendimento, sendo ainda utilizada para a confeção de tapetes e cobertores, vendidos nas feiras locais tradicionais.

A pequena dimensão das explorações, aliada ao consequente baixo encabeçamento, à falta de reprodutores selecionados, reduzida escolaridade e envelhecimento dos produtores, dificulta e torna mais dispendiosas as ações de melhoramento. É fundamental o trabalho de preservação e melhoramento genético deste património autóctone tão importante para a manutenção da biodiversidade, característica desta região.

alimentar, podem também receber algum milho e outros subprodutos produzidos na exploração.

A mais ou menos constante qualidade e quantidade de alimento permite reduzir o período de retorno destas ovelhas, o que se traduz numa reduzida sazonalidade e consequentemente numa ocorrência dos partos ao longo do ano.

A rentabilização deste efetivo deve-se prioritariamente à sua produção de carne, quer por venda dos borregos em talhos da região, quer para autoconsumo.

Para além da produção de carne, é importante referir a produção de estrume para fertilização das hortas e a limpeza e manutenção dos campos, funções que viabilizam a sua existência e permitem a conservação da paisagem típica da região minhota. A lã, do tipo bordaleiro, de mediana qualidade, numa época em que se encontra muito desvalorizada, representa mais um encargo do que um rendimento, sendo ainda utilizada para a confeção de tapetes e cobertores, vendidos nas feiras locais tradicionais.

A pequena dimensão das explorações, aliada ao consequente baixo encabeçamento, à falta de reprodutores selecionados, reduzida escolaridade e envelhecimento dos produtores, dificulta e torna mais dispendiosas as ações de melhoramento. É fundamental o trabalho de preservação e melhoramento genético deste património autóctone tão importante para a manutenção da biodiversidade, característica desta região.



Número de Criadores, Fêmeas e Machos na classe de Adultos
Breeders, Females and Males in Adults Class

Distrito *District*	Criadores *Breeders*	Fêmeas *Females*	Machos *Males*	Total *Total*	%
BRAGA	71	2036	107	2143	40%
CASTELO BRANCO	1	80	5	85	2%
PORTO	7	85	7	92	2%
VIANA DO CASTELO	75	1952	95	2047	38%
VILA REAL	12	928	36	964	18%
TOTAL	166	5081	250	5331	

Concelho *County*	Criadores *Breeders*	Fêmeas *Females*	Machos *Males*	Total *Total*	%
CABECEIRAS DE BASTO	13	670	27	697	13%
VIEIRA DO MINHO	26	730	38	768	14%
VILA VERDE	13	327	21	348	7%
ARCOS DE VALDEVEZ	23	285	21	306	6%
PAREDES DE COURA	10	408	16	424	8%
PONTE DE LIMA	8	306	17	323	6%
VIANA DO CASTELO	9	368	12	380	7%
MONTALEGRE	8	498	21	519	10%
VILA POUCA DE AGUIAR	1	245	7	252	5%
TOTAL	111	3837	180	4017	75%

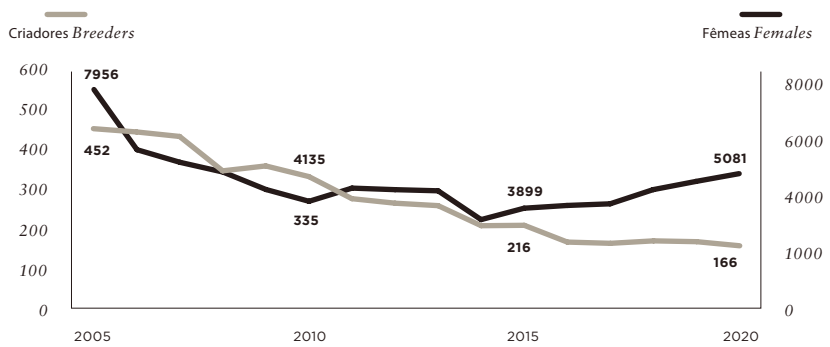


Demografia *Demografia*

Atualmente a raça BEDM tem cerca de 5300 animais inscritos na Classe de Adultos, em 166 criadores, localizados essencialmente nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Vila Real, possuindo alguns rebanhos pouco significativos no Porto e Castelo Branco.
Enquanto que o número de animais se tem mantido relativamente estável, com uma pequena tendência de subida (tanto o número de fêmeas reprodutoras como o número de machos), o número de criadores tem sofrido um decréscimo considerável ao longo dos últimos 10 anos, diminuindo de 452 criadores em 2005 para 166 criadores ativos no início de 2021 (em 2007 os criadores da variedade "brava" ou "do Monte" foram integrados no LG da raça Churra do Minho).

Atualmente a raça BEDM tem cerca de 5300 animais inscritos na Classe de Adultos, em 166 criadores, localizados essencialmente nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Vila Real, possuindo alguns rebanhos pouco significativos no Porto e Castelo Branco.
Enquanto que o número de animais se tem mantido relativamente estável, com uma pequena tendência de subida (tanto o número de fêmeas reprodutoras como o número de machos), o número de criadores tem sofrido um decréscimo considerável ao longo dos últimos 10 anos, diminuindo de 452 criadores em 2005 para 166 criadores ativos no início de 2021 (em 2007 os criadores da variedade "brava" ou "do Monte" foram integrados no LG da raça Churra do Minho).

Número de Criadores e Fêmeas na classe de Adultos
Breeders and Females in Adults Class



Padrão e biometria
Padrão e biometria

As características dos ovinos de raça BEDM são definidas por um padrão, que é utilizado como parâmetro para avaliar e classificar os animais, que pela sua conformação, mais se aproximam do ideal definido para a raça. O padrão dita as características físicas ideais da raça para os seguintes atributos étnicos e morfológicos:

- ASPECTO GERAL Animais de tamanho médio, geralmente de cor totalmente branca, mas podendo também ser de cor inteiramente preta.
- CABEÇA Perfil reto. Pequena e adelgaçada para o focinho. Em geral, deslanada com uma poupa no frontal. Olhos grandes e salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos sempre com cornos, e em espiral, apertada junto à cabeça. Fêmeas sempre sem cornos.
- PESCOÇO Comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes apresenta uma ligeira barbela. Má ligação ao tronco.
- TRONCO De médias dimensões transversais. Costelas medianamente arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e pouco descaída.
- ÚBERE Médio e globoso, com tetos regularmente desenvolvidos e bem implantados.
- MEMBROS Curtos e regularmente aprumados. Desprovidos de lã abaixo dos joelhos e dos curvilhões. Nádega medianamente musculada.
- VELO Heterogéneo, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. Velo medianamente fechado e compacto, de madeixas sugosas e cilíndricas, constituídas por fêveras finas, macias e sugosas, com raros e curtos pelos cábrios. A coloração do velo pode ser branca ou, excecionalmente, preta.
- TAMANHO De dimensão média, as fêmeas pesam em sensivelmente 35 kg e os machos 43 kg, o peso ao nascimento ronda os 3kg.

As características dos ovinos de raça BEDM são definidas por um padrão, que é utilizado como parâmetro para avaliar e classificar os animais, que pela sua conformação, mais se aproximam do ideal definido para a raça. O padrão dita as características físicas ideais da raça para os seguintes atributos étnicos e morfológicos:

- *ASPECTO GERAL Animais de tamanho médio, geralmente de cor totalmente branca, mas podendo também ser de cor inteiramente preta.*
- *CABEÇA Perfil reto. Pequena e adelgaçada para o focinho. Em geral, deslanada com uma poupa no frontal. Olhos grandes e salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos sempre com cornos, e em espiral, apertada junto à cabeça. Fêmeas sempre sem cornos.*
- *PESCOÇO Comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes apresenta uma ligeira barbela. Má ligação ao tronco.*
- *TRONCO De médias dimensões transversais. Costelas medianamente arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e pouco descaída.*
- *ÚBERE Médio e globoso, com tetos regularmente desenvolvidos e bem implantados.*
- *MEMBROS Curtos e regularmente aprumados. Desprovidos de lã abaixo dos joelhos e dos curvilhões. Nádega medianamente musculada.*
- *VELO Heterogéneo, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. Velo medianamente fechado e compacto, de madeixas sugosas e cilíndricas, constituídas por fêveras finas, macias e sugosas, com raros e curtos pelos cábrios. A coloração do velo pode ser branca ou, excecionalmente, preta.*

Medidas biométricas (cm) *Medidas biométricas (cm)*	**Fêmeas** *Fêmeas*	**Machos** *Machos*
ALTURA DO GARROTE ALTURA DO GARROTE	63,50	72,11
ALTURA A MEIO DO DORSO ALTURA A MEIO DO DORSO	63,33	72,83
ALTURA NO INÍCIO DA GARUPA ALTURA NO INÍCIO DA GARUPA	65,50	73,04
ALTURA DO PEITO ALTURA DO PEITO	33,83	41,05
COMPRIMENTO ESCÁPULO-ISQUIAL COMPRIMENTO ESCÁPULO-ISQUIAL	70,83	77,02
COMPRIMENTO DA GARUPA COMPRIMENTO DA GARUPA	21,33	26,06
COMPRIMENTO DO TRONCO COMPRIMENTO DO TRONCO	59,33	68,10
LARGURA DO PEITO LARGURA DO PEITO	22,50	26,13
LARGURA BI-ILÍACA LARGURA BI-ILÍACA	20,01	23,10
LARGURA BI-ISQUIÁTICA LARGURA BI-ISQUIÁTICA	12,83	13,03
PERÍMETRO TORÁCICO PERÍMETRO TORÁCICO	82,02	87,11
PERÍMETRO DA CANELA PERÍMETRO DA CANELA	8,50	9,50
PESO VIVO PESO VIVO (KG)	35,18	43,40

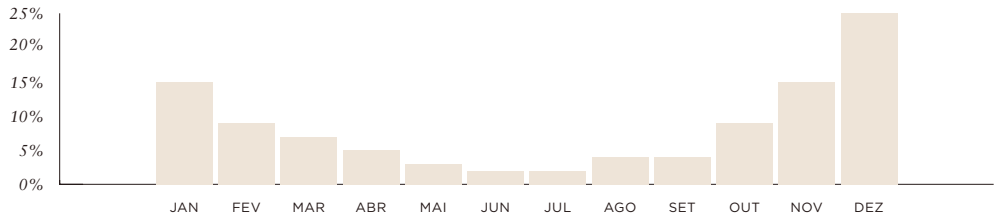


Características produtivas e reprodutivas
Características produtivas e reprodutivas

A raça ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho não apresenta sazonalidade reprodutiva (concentração das cobrições e, consequentemente, de partos), embora se observe uma acumulação de partos em novembro e dezembro. Normalmente o ritmo reprodutivo é de um parto por ano e a principal época de cobrição inicia-se na primavera, observando-se os partos a partir do outono, de maneira a que a comercialização dos borregos coincida com o Natal.

A raça ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho não apresenta sazonalidade reprodutiva (concentração das cobrições e, consequentemente, de partos), embora se observe uma acumulação de partos em novembro e dezembro. Normalmente o ritmo reprodutivo é de um parto por ano e a principal época de cobrição inicia-se na primavera, observando-se os partos a partir do outono, de maneira a que a comercialização dos borregos coincida com o Natal.

Nascimentos por mês (%)
Births per month (%)



As ovelhas são colocadas à primeira cobrição normalmente antes do ano de idade, parindo pela primeira vez antes dos 15 meses e são refugadas por volta dos 10 anos. A mais ou menos constante qualidade e quantidade de alimento permite reduzir o período de retorno destas ovelhas.
A distribuição da idade das fêmeas ao parto é típica dos ovinos, em que a maioria dos partos se regista quando as fêmeas têm entre 2 e 5 anos, embora algumas fêmeas ainda se mantenham em produção para além dos 10 anos de idade (±10%). A maioria dos machos reprodutores são pais

As ovelhas são colocadas à primeira cobrição normalmente antes do ano de idade, parindo pela primeira vez antes dos 15 meses e são refugadas por volta dos 10 anos. A mais ou menos constante qualidade e quantidade de alimento permite reduzir o período de retorno destas ovelhas.
A distribuição da idade das fêmeas ao parto é típica dos ovinos, em que a maioria dos partos se regista quando as fêmeas têm entre 2 e 5 anos, embora algumas fêmeas ainda se mantenham em produção para além dos 10 anos de idade (±10%). A maioria dos machos reprodutores são

entre os 2 e os 4 anos de idade, sendo apenas 3% dos machos pais depois dos 10 anos.

Nesta raça é comum a ocorrência de partos duplos bem-sucedidos e com alta taxa de sobrevivência dos borregos, devido ao reduzido número de animais por criador que permite um maior cuidado e atenção a cada animal. O peso médio ao nascimento é de 2,8 Kg para as fêmeas e 3,1 Kg para os machos. A prolificidade média registada, em 2020, foi de 1,33±0,53 borregos/parto.

O desmame dos borregos, quando não precoce (ao mês de idade), faz-se entre os 4 e os 5 meses, apresentando as carcaças geralmente um rendimento que ronda os 50%. Existem atualmente três procedimentos típicos para a venda destes animais:

- Abate ao mês de idade, sendo os borregos vendidos de imediato para restaurantes;
- Abate aos 4 a 5 meses de idade, altura em que são tradicionalmente desmamados e vendidos, produzindo carcaças com um peso médio que ronda os 8 a 12 Kg. O peso médio ao desmame, em 2020, foi de 10,48±1,58 kg;
- Na festa anual da aldeia, ou no S. João (finais de junho), em que os borregos são abatidos com 7 a 12 meses de idade e um peso que ronda, em média, os 15 kg por carcaça.

A raça é tida como de boa índole, sem dúvida moldada pela intervenção e convívio diários com os criadores.

pais entre os 2 e os 4 anos de idade, sendo apenas 3% dos machos pais depois dos 10 anos.

Nesta raça é comum a ocorrência de partos duplos bem-sucedidos e com alta taxa de sobrevivência dos borregos, devido ao reduzido número de animais por criador que permite um maior cuidado e atenção a cada animal. O peso médio ao nascimento é de 2,8 Kg para as fêmeas e 3,1 Kg para os machos. A prolificidade média registada, em 2020, foi de 1,33±0,53 borregos/parto.

O desmame dos borregos, quando não precoce (ao mês de idade), faz-se entre os 4 e os 5 meses, apresentando as carcaças geralmente um rendimento que ronda os 50%. Existem atualmente três procedimentos típicos para a venda destes animais:

- *Abate ao mês de idade, sendo os borregos vendidos de imediato para restaurantes;*
- *Abate aos 4 a 5 meses de idade, altura em que são tradicionalmente desmamados e vendidos, produzindo carcaças com um peso médio que ronda os 8 a 12 Kg. O peso médio ao desmame, em 2020, foi de 10,48±1,58 kg;*
- *Na festa anual da aldeia, ou no S. João (finais de junho), em que os borregos são abatidos com 7 a 12 meses de idade e um peso que ronda, em média, os 15 kg por carcaça.*

A raça é tida como de boa índole, sem dúvida moldada pela intervenção e convívio diários com os criadores.



Leite *Leite*

Embora as raças do tipo bordaleiro sejam utilizadas essencialmente para a produção de leite, na raça BEDM a produção de leite é exclusivamente usada para a amamentação dos borregos.

A composição química do leite de ovelha varia ao longo do tempo e entre os animais dependendo de vários fatores, como estádio de lactação, número e tipo de parto, estação do ano, temperatura ambiente, eficiência da lactação, idade e nutrição do animal, doenças do úbere e fatores genéticos (espécie e raça). O leite da Bordaleira tem altos níveis proteína (6,304 ± 0,395 % m/m) e gordura (6,222± 0,596 % m/m), que contém um dos maiores níveis de ácido linoleico conjugado e uma fonte rica em minerais, nomeadamente cálcio, fósforo, magnésio, zinco, manganês e cobre.

A composição de ácidos gordos tem grande variações sazonais devido às mudanças na composição da forragem de animais alimentados em pastagem. Ovelhas em pastoreio tiveram uma redução no conteúdo de ácidos gordos de cadeia média e um conteúdo aumentado de C18: 3 e CLA, e dietas à base de pasto aumentam a salubridade do leite de ovelha.

Embora as raças do tipo bordaleiro sejam utilizadas essencialmente para a produção de leite, na raça BEDM a produção de leite é exclusivamente usada para a amamentação dos borregos.

A composição química do leite de ovelha varia ao longo do tempo e entre os animais dependendo de vários fatores, como estádio de lactação, número e tipo de parto, estação do ano, temperatura ambiente, eficiência da lactação, idade e nutrição do animal, doenças do úbere e fatores genéticos (espécie e raça). O leite da Bordaleira tem altos níveis proteína (6,304 ± 0,395 % m/m) e gordura (6,222± 0,596 % m/m), que contém um dos maiores níveis de ácido linoleico conjugado e uma fonte rica em minerais, nomeadamente cálcio, fósforo, magnésio, zinco, manganês e cobre.

A composição de ácidos gordos tem grande variações sazonais devido às mudanças na composição da forragem de animais alimentados em pastagem. Ovelhas em pastoreio tiveram uma redução no conteúdo de ácidos gordos de cadeia média e um conteúdo aumentado de C18: 3 e CLA, e dietas à base de pasto aumentam a salubridade do leite de ovelha.

Composição do leite (+Ureia) (% m/m) *Composição do leite (+Ureia) (% m/m)*	**Média ± DP** *Média ± DP*	
MATÉRIA GORDA MATÉRIA GORDA	6,222	± 0,596
MATÉRIA PROTEICA MATÉRIA PROTEICA	6,304	± 0,395
EXTRATO SECO DESENGORDURADO EXTRATO SECO DESENGORDURADO	11,926	± 0,386
LACTOSE LACTOSE	4,531	± 0,201
UREIA (mg/L) UREIA (mg/L)	550,618	± 23,284

Ácidos Gordos (g/Kg) **Método de Ensaio LIPP012 (Ed.6)]** *Ácidos Gordos (g/Kg))* *[Método de Ensaio LIPP012 (Ed.6)]*	**Média ± DP** *Média ± DP*	
ÁCIDOS GORDOS SATURADOS ÁCIDOS GORDOS SATURADOS	437,1	± 196,0
Ácido mirístico (C14:0) *Ácido mirístico (C14:0)*	64,8	± 28,3
Ácido palmítico (C16:0) *Ácido palmítico (C16:0)*	148,5	± 71,4
Ácido esteárico (C18:0) *Ácido esteárico (C18:0)*	60,8	± 27,1
ÁCIDOS GORDOS INSATURADOS ÁCIDOS GORDOS INSATURADOS	154,1	± 67,4
ÁCIDOS GORDOS MONOINSATURADOS ÁCIDOS GORDOS MONOINSATURADOS	157,7	± 61,6
Ácido oleico (C18:1) *Ácido oleico (C18:1)*	114,2	± 54,4
ÁCIDOS GORDOS POLINSATURADOS ÁCIDOS GORDOS POLINSATURADOS	29,4	± 13,4
Ácidos gordos de cadeia curta *Ácidos gordos de cadeia curta*	128,7	± 58,5
Ácidos gordos de cadeia média *Ácidos gordos de cadeia média*	181,6	± 79,7
Ácidos gordos de cadeia longa *Ácidos gordos de cadeia longa*	195,5	± 86,7
ÁCIDOS GORDOS TRANS ÁCIDOS GORDOS TRANS	16,8	± 11,1





Lã *Lã*

O velo é heterogéneo, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. O velo é medianamente fechado e compacto, de madeixas cilíndricas e sugosas devido à lanolina e constituídas por fibras finas, macias e sugosas, com alguns curtos pelos cábrios (popularmente denominados de pelo morto) que variam consoante o exemplar. As madeixas possuem um frisado irregular, com pontas definidas e por vezes encaracoladas com presença de lanolina, com alguma elasticidade e brilho. A coloração da lã é geralmente branca e, com menos frequência, castanha.

Os velos dos machos têm um peso médio de 2,5kg a 3,5kg e o das fêmeas de 1,5kg a 2,5kg. O diâmetro médio das fibras varia entre os 21-30 µm. O comprimento das madeixas varia entre os 8 e os 13 cm, dependendo da zona do velo, sendo as madeixas mais longas das cochas, canelas e braços.

A lã da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, do tipo Bordaleiro, é considerada de mediana qualidade e encontra-se muito desvalorizada. Tal como outras raças, acaba por representar mais um encargo do que um rendimento, uma vez que a lã tem um valor comercial residual e os custos da tosquia atingem o triplo do valor obtido com a sua venda. Tradicionalmente é utilizada para a confeção de tapetes e cobertores, vendidos em feiras locais.

O velo é heterogéneo, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. O velo é medianamente fechado e compacto, de madeixas cilíndricas e sugosas devido à lanolina e constituídas por fibras finas, macias e sugosas, com alguns curtos pelos cábrios (popularmente denominados de pelo morto) que variam consoante o exemplar. As madeixas possuem um frisado irregular, com pontas definidas e por vezes encaracoladas com presença de lanolina, com alguma elasticidade e brilho. A coloração da lã é geralmente branca e, com menos frequência, castanha.

Os velos dos machos têm um peso médio de 2,5kg a 3,5kg e o das fêmeas de 1,5kg a 2,5kg. O diâmetro médio das fibras varia entre os 21-30 µm. O comprimento das madeixas varia entre os 8 e os 13 cm, dependendo da zona do velo, sendo as madeixas mais longas das cochas, canelas e braços.

A lã da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho, do tipo Bordaleiro, é considerada de mediana qualidade e encontra-se muito desvalorizada. Tal como outras raças, acaba por representar mais um encargo do que um rendimento, uma vez que a lã tem um valor comercial residual e os custos da tosquia atingem o triplo do valor obtido com a sua venda. Tradicionalmente é utilizada para a confeção de tapetes e cobertores, vendidos em feiras locais.





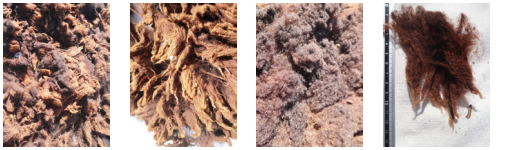
Velos de ovelhas de raça Bordaleira Entre Douro e Minho, branco (esquerda) e castanho (direita). *Fleeces from Bordaleira de Entre Douro e Minho, white (left) and brown (right).*

Madeixas de velo branco *Strands of white fleece*



Dorso *Back* | **Coxa** *Thigh* | **Interior** *Interior* | **Pormenor fibras** *Fiber detail*

Madeixas de velo preto (castanho) *Strands of brown fleece*



Dorso *Back* | **Coxa** *Thigh* | **Interior** *Interior* | **Pormenor fibras** *Fiber detail*



II

RAÇA CHURRA DO MINHO

— Churra do Minho Breed

No dia 27 de setembro de 2007, após a descrição, caracterização e inventariação das ovelhas, conhecidas na região como "bravas" ou "galegas" (animais de porte ligeiro, com velo de lã grosseira tipo churro, de grande rusticidade, com pastoreio livre, constituindo rebanhos mais ou menos numerosos, muitas das vezes acompanhados de caprinos de raça Bravia, que ainda hoje seguem as ancestrais regras da vezeira, foi reconhecida e aprovada a raça Churra do Minho, pela Direção Geral de Veterinária (atual DGAV).

As razões apontadas para o reconhecimento desta raça foram baseadas na "circunstância desta população Churra do Minho, estar integrada em seletivas e restritivas condições edafo-climáticas e a escassez de alimento em determinadas épocas do ano, têm de alguma forma impedido a introdução de raças de maior produtividade neste solar de montanha do Noroeste, onde a Churra do-Minho é explorada, mantendo características fenotípicas muito específicas e próprias". Era, assim, "importante manter a especificidade desta população Ovina, evitando a tentação do lucro fácil, via cruzamentos indiscriminados, pondo-a em risco de extinção".

Naquele ano, a distribuição geográfica, abrangia os concelhos dos distritos de Braga, Viana do Castelo e Vila Real, tendo a AMIBA contabilizado um total de 3.351 animais adultos e 4.500 borregos, distribuídos por 91 criadores. A raça Chur-

No dia 27 de setembro de 2007, após a descrição, caracterização e inventariação das ovelhas, conhecidas na região como "bravas" ou "galegas" (animais de porte ligeiro, com velo de lã grosseira tipo churro, de grande rusticidade, com pastoreio livre, constituindo rebanhos mais ou menos numerosos, muitas das vezes acompanhados de caprinos de raça Bravia, que ainda hoje seguem as ancestrais regras da vezeira, foi reconhecida e aprovada a raça Churra do Minho, pela Direção Geral de Veterinária (atual DGAV).

As razões apontadas para o reconhecimento desta raça foram baseadas na "circunstância desta população Churra do Minho, estar integrada em seletivas e restritivas condições edafo-climáticas e a escassez de alimento em determinadas épocas do ano, têm de alguma forma impedido a introdução de raças de maior produtividade neste solar de montanha do Noroeste, onde a Churra do-Minho é explorada, mantendo características fenotípicas muito específicas e próprias". Era, assim, "importante manter a especificidade desta população Ovina, evitando a tentação do lucro fácil, via cruzamentos indiscriminados, pondo-a em risco de extinção".

Naquele ano, a distribuição geográfica, abrangia os concelhos dos distritos de Braga, Viana do Castelo e Vila

ra do Minho, brava ou do monte, pelas características do seu sistema produtivo, encontrava-se confinada às zonas mais altas de algumas das serras do Noroeste de Portugal.
Esta raça, apesar de tudo, mantém, uma população bastante homogénea e pouco adulterada por influência externa de raças exóticas, devido principalmente à sua elevada rusticidade e adaptação a este tipo de sistema de produção, sendo quase exclusivamente criadas nos baldios das zonas onde residem os seus proprietários.

Real, tendo a AMIBA contabilizado um total de 3.351 animais adultos e 4.500 borregos, distribuídos por 91 criadores. A raça Churra do Minho, brava ou do monte, pelas características do seu sistema produtivo, encontrava-se confinada às zonas mais altas de algumas das serras do Noroeste de Portugal.
Esta raça, apesar de tudo, mantém, uma população bastante homogénea e pouco adulterada por influência externa de raças exóticas, devido principalmente à sua e.



Caraterização das Explorações
Caraterização das Explorações

A raça Churra do Minho é criada atualmente em rebanhos de dimensão considerável (para o território de minifúndio), mantendo a forma de pastoreio ancestral, em que se usa essencialmente a área de terrenos comunitários florestais ou incultos – os baldios. Até há pouco tempo, estes rebanhos de ovinos (e caprinos), pertenciam normalmente a vários criadores da aldeia, que se organizavam em Vezeiras, sob códigos e regulamentos seculares que designam as regras de pastoreio, os responsáveis e até as áreas e modos de pastoreio.

Neste sistema comunitário os animais eram guardados à vez, sendo o número de dias de guarda do rebanho, proporcionais ao número de fêmeas que cada pastor possui nesse rebanho. Esta prática antiga, que sustentou a conservação da raça Churra do Minho está atualmente em franco declínio, devendo-se principalmente ao êxodo rural, por emigração ou imigração para os centros urbanos, em busca de melhores condições de vida.

Em tempos antigos, neste sistema de organização, existia um processo de identificação dos ovinos, que se baseava na amputação ou corte estético das orelhas esquerda, direita ou ambas conferindo um carácter único e permanente, exclusivo de cada criador. Tal procedimento hoje não se realiza dado a existência de outros métodos de identificação e do cumprimento das regras de bem-estar animal.

A raça Churra do Minho apascenta normalmente nas zonas mais altas, caraterizadas por solos graníticos esqueléticos, com uma flora predominantemente arbustiva e com algumas gramíneas pouco desenvolvidas. Esta região possui um clima atlântico com influências marcadamente continentais, caracterizado por Invernos muito frios, com prolongados pe-

A raça Churra do Minho é criada atualmente em rebanhos de dimensão considerável (para o território de minifúndio), mantendo a forma de pastoreio ancestral, em que se usa essencialmente a área de terrenos comunitários florestais ou incultos – os baldios. Até há pouco tempo, estes rebanhos de ovinos (e caprinos), pertenciam normalmente a vários criadores da aldeia, que se organizavam em Vezeiras, sob códigos e regulamentos seculares que designam as regras de pastoreio, os responsáveis e até as áreas e modos de pastoreio.

Neste sistema comunitário os animais eram guardados à vez, sendo o número de dias de guarda do rebanho, proporcionais ao número de fêmeas que cada pastor possui nesse rebanho. Esta prática antiga, que sustentou a conservação da raça Churra do Minho está atualmente em franco declínio, devendo-se principalmente ao êxodo rural, por emigração ou imigração para os centros urbanos, em busca de melhores condições de vida.

Em tempos antigos, neste sistema de organização, existia um processo de identificação dos ovinos, que se baseava na amputação ou corte estético das orelhas esquerda, direita ou ambas conferindo um carácter único e permanente, exclusivo de cada criador. Tal procedimento hoje não se realiza dado a existência de outros métodos de identificação e do cumprimento das regras de bem-estar animal.

A raça Churra do Minho apascenta normalmente nas zonas mais altas, caraterizadas por solos graníticos esqueléticos, com uma flora predominantemente arbustiva e com algumas gramíneas pouco desenvolvidas. Esta região possui um clima atlântico com influências marcadamente continentais, caracterizado por Invernos muito frios, com prolongados

ríodos de neve, numerosos dias de geada e grande precipitação, que condicionam todo o coberto vegetal das serras.
A alimentação destes rebanhos é feita em sistema de pastoreio livre pelas serras em zonas de baldio, podendo ser complementado nos estábulos (instalações construídas com esta finalidade, ou casebres de pedra, denominados "cortes") com fenos, de vegetação espontânea, produzidos nos chamados lameiros (pequenas parcelas de terra organizadas em leiras, localizadas nas margens das linhas de água ao longo das encostas das serras).
Esta rigorosa e restritiva base alimentar, de baixa qualidade e digestibilidade, condiciona grandemente o desenvolvimento e a sobrevivência dos animais que dela se alimentam, bem como das populações que dependem destes. Assim, aliada à silvo-pastorícia praticada nestas regiões, podem encontrar-se, em superfícies arrancadas aos montes e rodeadas por imensas penedias, culturas agrícolas esporádicas (milho, batata e hortícolas) e forragens espontâneas para complemento alimentar dos rebanhos, nos dias de Inverno.
Apesar de haver alguns criadores com um reduzido número de animais, habitualmente a criação desta raça é feita em explorações de média dimensão com um efetivo reprodutor aproximado de 100 animais. A média de ovelhas por cada macho é de 21 fêmeas, mas ainda é usual encontrar-se um número de machos relativamente pequeno para beneficiar um elevado número de fêmeas, atingindo por vezes a proporção de 1 macho para 40 ou 50 fêmeas. Este sistema de organização permitiu, durante várias décadas, economizar nas despesas inerentes à manutenção dos machos reprodutores revertendo, por outro lado, a favor da fixação das suas particulares características étnicas.

períodos de neve, numerosos dias de geada e grande precipitação, que condicionam todo o coberto vegetal das serras.
A alimentação destes rebanhos é feita em sistema de pastoreio livre pelas serras em zonas de baldio, podendo ser complementado nos estábulos (instalações construídas com esta finalidade, ou casebres de pedra, denominados "cortes") com fenos, de vegetação espontânea, produzidos nos chamados lameiros (pequenas parcelas de terra organizadas em leiras, localizadas nas margens das linhas de água ao longo das encostas das serras).
Esta rigorosa e restritiva base alimentar, de baixa qualidade e digestibilidade, condiciona grandemente o desenvolvimento e a sobrevivência dos animais que dela se alimentam, bem como das populações que dependem destes. Assim, aliada à silvo-pastorícia praticada nestas regiões, podem encontrar-se, em superfícies arrancadas aos montes e rodeadas por imensas penedias, culturas agrícolas esporádicas (milho, batata e hortícolas) e forragens espontâneas para complemento alimentar dos rebanhos, nos dias de Inverno.
Apesar de haver alguns criadores com um reduzido número de animais, habitualmente a criação desta raça é feita em explorações de média dimensão com um efetivo reprodutor aproximado de 100 animais. A média de ovelhas por cada macho é de 21 fêmeas, mas ainda é usual encontrar-se um número de machos relativamente pequeno para beneficiar um elevado número de fêmeas, atingindo por vezes a proporção de 1 macho para 40 ou 50 fêmeas. Este sistema de organização permitiu, durante várias décadas, economizar nas despesas inerentes à manutenção dos machos reprodutores revertendo, por outro lado, a favor da fixação das suas particulares características étnicas.



Número de Criadores, Fêmeas e Machos na classe de Adultos
Breeders, Females and Males in Adults Class

Distrito *District*	Criadores *Breeders*	Fêmeas *Females*	Machos *Males*	Total *Total*	%
BEJA	2	576	34	610	11%
BRAGA	23	1118	62	1180	20%
ÉVORA	2	331	22	353	6%
PORTO	5	48	5	53	1%
VIANA DO CASTELO	24	1126	49	1175	20%
VILA REAL	28	1976	74	2050	36%
VISEU	2	314	13	327	6%
TOTAL	86	5489	259	5748	

Concelho *County*	Criadores *Breeders*	Fêmeas *Females*	Machos *Males*	Total *Total*	%
BARRANCOS	2	576	34	610	11%
CABECEIRAS DE BASTO	7	733	31	764	13%
ÉVORA	2	331	22	353	6%
ARCOS DE VALDEVEZ	13	297	16	313	5%
MELGAÇO	2	337	13	350	6%
PONTE DE LIMA	5	269	12	281	5%
BOTICAS	6	372	11	383	7%
MONTALEGRE	5	493	19	512	9%
SANTA MARTA DE PENAGUIÃO	3	639	22	661	11%
VILA POUCA DE AGUIAR	3	205	8	213	4%
CINFÃES	2	314	13	327	6%
TOTAL	50	4566	201	4767	83%

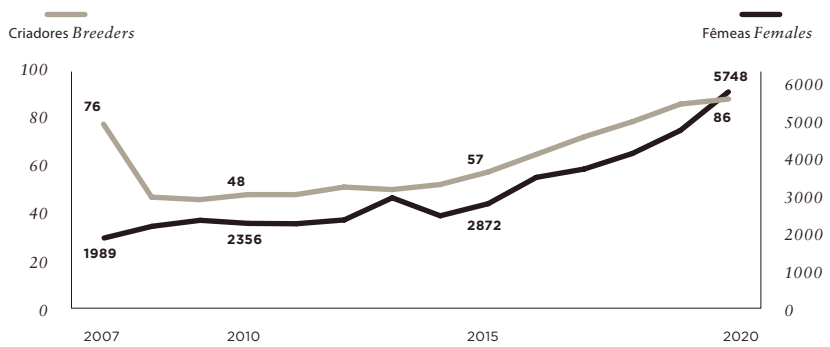


Demografia *Demografia*

A raça Churra do Minho tem mais de 5.700 animais inscritos na Classe de Adultos, da seção Principal do Livro Genealógico, detidos por 86 criadores, circunscritos aos distritos de Vila Real, Viana do Castel e Braga, e de forma mais residual em Beja, Évora, Viseu e Porto.
Tanto o número de criadores como de animais tem demonstrado uma ligeira tendência de subida (mais acentuada no número de animais), resultado do interesse dos criadores por animais pequenos, de grande rusticidade e resistência, que podem rentabilizar melhor os territórios de montanha, de fraca produção forrageira, incultos ou baldios.

A raça Churra do Minho tem mais de 5.700 animais inscritos na Classe de Adultos, da seção Principal do Livro Genealógico, detidos por 86 criadores, circunscritos aos distritos de Vila Real, Viana do Castel e Braga, e de forma mais residual em Beja, Évora, Viseu e Porto.
Tanto o número de criadores como de animais tem demonstrado uma ligeira tendência de subida (mais acentuada no número de animais), resultado do interesse dos criadores por animais pequenos, de grande rusticidade e resistência, que podem rentabilizar melhor os territórios de montanha, de fraca produção forrageira, incultos ou baldios.

Número de Criadores e Fêmeas na classe de Adultos
Breeders and Females in Adults Class



Padrão e biometria
Padrão e biometria

O padrão de uma raça, em Livros Genealógicos de animais domésticos, é um conjunto de diretrizes usadas para garantir que os animais criados estão em conformidade com as especificidades da raça. Na raça Churra as caraterísticas físicas ideais, étnicas e morfológicas, são sugeridas pelo seguinte padrão:

- ASPECTO GERAL Animais de pequeno porte, de pelagem branca ou preta, sendo estes últimos mais raros.
- CABEÇA Pequena e adelgaçada para o focinho. Perfil reto. Em geral, sem lã com poupa no frontal. Olhos grandes e salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos sempre com cornos médios, em espiral, apertada junto à cabeça (em foice). Fêmeas sempre sem cornos.
- PESCOÇO Comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes uma ligeira barbela.
- TRONCO De reduzidas dimensões transversais. Costelas pouco arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e descaída.
- ÚBERE Pequeno, mas globular, com tetos bem implantados.
- MEMBROS Curtos e finos, dando-lhe um aspeto atarracado. Sem lã abaixo dos joelhos e nos curvilhões. Nádegas pouco musculadas.
- VELO Heterogéneo, revestindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. Composto predominantemente por pelos grossos, compridos, lisos, reunidos em madeixas pontiagudas. A coloração do velo é branca ou raramente preta.
- TAMANHO De baixa estatura, possuem uma média de pesos para os machos de 30Kg, para as fêmeas de 22Kg e de 2 Kg ao nascimento

O padrão de uma raça, em Livros Genealógicos de animais domésticos, é um conjunto de diretrizes usadas para garantir que os animais criados estão em conformidade com as especificidades da raça. Na raça Churra as caraterísticas físicas ideais, étnicas e morfológicas, são sugeridas pelo seguinte padrão:

- ASPECTO GERAL *Animais de pequeno porte, de pelagem branca ou preta, sendo estes últimos mais raros.*
- CABEÇA *Pequena e adelgaçada para o focinho. Perfil reto. Em geral, sem lã com poupa no frontal. Olhos grandes e salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos sempre com cornos médios, em espiral, apertada junto à cabeça (em foice). Fêmeas sempre sem cornos.*
- PESCOÇO *Comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes uma ligeira barbela.*
- TRONCO *De reduzidas dimensões transversais. Costelas pouco arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e descaída.*
- ÚBERE *Pequeno, mas globular, com tetos bem implantados.*
- MEMBROS *Curtos e finos, dando-lhe um aspeto atarracado. Sem lã abaixo dos joelhos e nos curvilhões. Nádegas pouco musculadas.*
- VELO *Heterogéneo, revestindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. Composto predominantemente por pelos grossos, compridos, lisos, reunidos em madeixas pontiagudas. A coloração do velo é branca ou raramente preta.*
- TAMANHO *De baixa estatura, possuem uma média de pesos para os machos de 30Kg, para as fêmeas de 22Kg e de 2 Kg ao nascimento*

Medidas biométricas (cm) *Medidas biométricas (cm)*	**Fêmeas** *Fêmeas*	**Machos** *Machos*
ALTURA DO GARROTE ALTURA DO GARROTE	49,60	55,33
ALTURA A MEIO DO DORSO ALTURA A MEIO DO DORSO	49,03	55,28
ALTURA NO INÍCIO DA GARUPA ALTURA NO INÍCIO DA GARUPA	49,80	55,97
ALTURA DO PEITO ALTURA DO PEITO	28,03	34,95
COMPRIMENTO ESCÁPULO-ISQUIAL COMPRIMENTO ESCÁPULO-ISQUIAL	56,01	60,11
COMPRIMENTO DA GARUPA COMPRIMENTO DA GARUPA	16,97	18,05
COMPRIMENTO DO TRONCO COMPRIMENTO DO TRONCO	48,83	54,07
LARGURA DO PEITO LARGURA DO PEITO	17,83	19,67
LARGURA BI-ILÍACA LARGURA BI-ILÍACA	15,71	16,09
LARGURA BI-ISQUIÁTICA LARGURA BI-ISQUIÁTICA	10,53	10,67
PERÍMETRO TORÁCICO PERÍMETRO TORÁCICO	70,45	74,67
PERÍMETRO DA CANELA PERÍMETRO DA CANELA	7,31	8,01
PESO VIVO PESO VIVO (KG)	21,99	29,53



Características produtivas e reprodutivas
Características produtivas e reprodutivas

Os objetivos produtivos das explorações limitam-se à produção do tradicional borrego de leite, que possui uma carne de excecional qualidade, reconhecida em toda a região do Minho. No entanto o rendimento das explorações é reduzido, pois os borregos desta raça são vendidos como anhos (mais baratos), mas são consumidos muitas vezes infelizmente, como carne de cabrito (mais cara).

Para além da produção de carne destes animais (anhos ou cordeiros), não se deve menosprezar a produção de estrume e o importante papel que estes animais têm na limpeza de campos, barrancos e serras, fatores que de algum modo têm mantido o interesse na sua criação.

As borregas atingem a maturidade sexual tardiamente, sendo colocadas à cobrição geralmente depois do primeiro ano, ocorrendo os partos quase sempre a partir dos dezassete meses.

A cobrição, embora não tenha uma época fixa, apresenta períodos mais ou menos definidos, embora se observe uma acumulação de partos em dezembro. Normalmente,

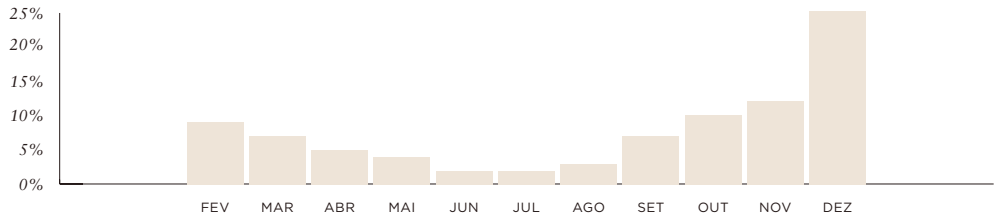
Os objetivos produtivos das explorações limitam-se à produção do tradicional borrego de leite, que possui uma carne de excecional qualidade, reconhecida em toda a região do Minho. No entanto o rendimento das explorações é reduzido, pois os borregos desta raça são vendidos como anhos (mais baratos), mas são consumidos muitas vezes infelizmente, como carne de cabrito (mais cara).

Para além da produção de carne destes animais (anhos ou cordeiros), não se deve menosprezar a produção de estrume e o importante papel que estes animais têm na limpeza de campos, barrancos e serras, fatores que de algum modo têm mantido o interesse na sua criação.

As borregas atingem a maturidade sexual tardiamente, sendo colocadas à cobrição geralmente depois do primeiro ano, ocorrendo os partos quase sempre a partir dos dezassete meses.

A cobrição, embora não tenha uma época fixa, apresenta períodos mais ou menos definidos, embora se observe uma acumulação de partos em dezembro. Normalmente,

Nascimentos por mês (%)
Births per month (%)



o ritmo reprodutivo é de um parto por ano e a principal época de cobrição inicia-se na primavera, observando-se os partos a partir do outono.

A distribuição da idade das fêmeas ao parto é típica dos ovinos, em que a maioria dos partos se regista quando as fêmeas têm entre 2 e 4 anos, embora algumas fêmeas ainda se mantenham em produção para além dos 10 anos de idade. A maioria dos machos reprodutores são pais até aos 3 anos de idade, sendo apenas 3,7% dos machos pais depois dos 10 anos.

Por norma, os partos são simples, sendo os animais muitas vezes selecionados para esta característica, uma vez que a sobrevivência de dois borregos nas condições de criação destes ovinos é muito difícil. O valor da prolificidade média verificado em 2020 foi de 1,17±0,39 borregos por parto.

O desmame dos borregos faz-se normalmente entre os 4 e os 5 meses de idade e a venda de cordeiros, para consumo, está geralmente associada a dois períodos:

- Aos dois meses de idade, altura em que os anhos são vendidos e abatidos para consumo em restaurantes. Este sistema é o que atualmente permite a maior valorização da carne destes animais, podendo atingir preços que rondam os €40 por animal vivo, correspondendo a carcaças de 4 a 6 kg de peso médio;
- Com quatro a cinco meses de idade, altura em que geralmente se pratica o desmame, coincidindo normalmente com as épocas festivas do Natal ou Páscoa, podendo atingir um peso de carcaça que ronda os 6 a 8 kg. Peso médio ao desmame registado em 2020 foi de 9,27±1,53 kg

Estes ovinos são caracterizados por uma extrema rusticidade, comparável à dos caprinos de raça Bravia que consigo frequentemente coabitam, conseguindo sobreviver e produzir nas precárias condições alimentares e de maneio a que são sujeitos.

o ritmo reprodutivo é de um parto por ano e a principal época de cobrição inicia-se na primavera, observando-se os partos a partir do outono.

A distribuição da idade das fêmeas ao parto é típica dos ovinos, em que a maioria dos partos se regista quando as fêmeas têm entre 2 e 4 anos, embora algumas fêmeas ainda se mantenham em produção para além dos 10 anos de idade. A maioria dos machos reprodutores são pais até aos 3 anos de idade, sendo apenas 3,7% dos machos pais depois dos 10 anos.

Por norma, os partos são simples, sendo os animais muitas vezes selecionados para esta característica, uma vez que a sobrevivência de dois borregos nas condições de criação destes ovinos é muito difícil. O valor da prolificidade média verificado em 2020 foi de 1,17±0,39 borregos por parto.

O desmame dos borregos faz-se normalmente entre os 4 e os 5 meses de idade e a venda de cordeiros, para consumo, está geralmente associada a dois períodos:

- Aos dois meses de idade, altura em que os anhos são vendidos e abatidos para consumo em restaurantes. Este sistema é o que atualmente permite a maior valorização da carne destes animais, podendo atingir preços que rondam os €40 por animal vivo, correspondendo a carcaças de 4 a 6 kg de peso médio;

- Com quatro a cinco meses de idade, altura em que geralmente se pratica o desmame, coincidindo normalmente com as épocas festivas do Natal ou Páscoa, podendo atingir um peso de carcaça que ronda os 6 a 8 kg. Peso médio ao desmame registado em 2020 foi de 9,27±1,53 kg

Estes ovinos são caracterizados por uma extrema rusticidade, comparável à dos caprinos de raça Bravia que consigo frequentemente coabitam, conseguindo sobreviver e produzir nas precárias condições alimentares e de maneio a que são sujeitos.

Leite *Leite*

O leite produzido pela raça Churra do Minho é exclusivamente para a amamentação do borrego nascido. Esta raça tem uma produção de leite muito limitada, principalmente pela escassa alimentação que obtém, no modo extensivo e de pastoreio livre em que é explorada. Apesar da pouca quantidade, o seu leite é mais rico nutricionalmente do que o da Bordaleira de Entre Douro e Minho.

Os sistemas de produção baseados em pastagens naturais produzem leite rico em gordura e em microelementos, que são benéficos para a saúde humana (ácidos gordos e vitaminas), e em componentes voláteis (sabor e terpenos). O leite da Churra do Minho tem altos níveis proteína (7,003 ± 0,348% m/m) e gordura (6,773± 0,524% m/m), que contém um dos maiores níveis de ácido linoleico conjugado e uma fonte rica em minerais e vitaminas.

Os ácidos gordos, mono e polinsaturados no leite de ovelha, podem contribuir para a prevenção de doenças cardiovasculares devido aos índices aterogénicos e trombogénicos. A biodisponibilidade do cálcio no leite está fortemente relacionada aos altos níveis de caseína, sendo os oligoelementos no leite de ovelha de considerável interesse nutricional e, mesmo, para a saúde humana.

O leite produzido pela raça Churra do Minho é exclusivamente para a amamentação do borrego nascido. Esta raça tem uma produção de leite muito limitada, principalmente pela escassa alimentação que obtém, no modo extensivo e de pastoreio livre em que é explorada. Apesar da pouca quantidade, o seu leite é mais rico nutricionalmente do que o da Bordaleira de Entre Douro e Minho.

Os sistemas de produção baseados em pastagens naturais produzem leite rico em gordura e em microelementos, que são benéficos para a saúde humana (ácidos gordos e vitaminas), e em componentes voláteis (sabor e terpenos). O leite da Churra do Minho tem altos níveis proteína (7,003 ± 0,348% m/m) e gordura (6,773± 0,524% m/m), que contém um dos maiores níveis de ácido linoleico conjugado e uma fonte rica em minerais e vitaminas.

Os ácidos gordos, mono e polinsaturados no leite de ovelha, podem contribuir para a prevenção de doenças cardiovasculares devido aos índices aterogénicos e trombogénicos. A biodisponibilidade do cálcio no leite está fortemente relacionada aos altos níveis de caseína, sendo os oligoelementos no leite de ovelha de considerável interesse nutricional e, mesmo, para a saúde humana.

Composição do leite (+Ureia) (% m/m) *Composição do leite (+Ureia) (% m/m)*	**Média ± DP** *Média ± DP*	
MATÉRIA GORDA MATÉRIA GORDA	6,773	± 0,524
MATÉRIA PROTEICA MATÉRIA PROTEICA	7,003	± 0,348
EXTRATO SECO DESENGORDURADO EXTRATO SECO DESENGORDURADO	12,415	± 0,339
LACTOSE LACTOSE	4,204	± 0,177
UREIA (mg/L) UREIA (mg/L)	488,045	± 20,468

Ácidos Gordos (g/Kg) **Método de Ensaio LIPP012 (Ed.6)]** *Ácidos Gordos (g/Kg)* *[Método de Ensaio LIPP012 (Ed.6)]*	**Média ± DP** *Média ± DP*	
ÁCIDOS GORDOS SATURADOS ÁCIDOS GORDOS SATURADOS	419,0	± 119,8
Ácido mirístico (C14:0) *Ácido mirístico (C14:0)*	57,8	± 14,7
Ácido palmítico (C16:0) *Ácido palmítico (C16:0)*	132,1	± 63,4
Ácido esteárico (C18:0) *Ácido esteárico (C18:0)*	70,6	± 21,2
ÁCIDOS GORDOS INSATURADOS ÁCIDOS GORDOS INSATURADOS	224,5	± 71,0
ÁCIDOS GORDOS MONOINSATURADOS ÁCIDOS GORDOS MONOINSATURADOS	217,1	± 67,6
Ácido oleico (C18:1) *Ácido oleico (C18:1)*	166,3	± 54,1
ÁCIDOS GORDOS POLINSATURADOS ÁCIDOS GORDOS POLINSATURADOS	32,4	± 8,1
Ácidos gordos de cadeia curta *Ácidos gordos de cadeia curta*	100,6	± 26,2
Ácidos gordos de cadeia média *Ácidos gordos de cadeia média*	179,6	± 52,0
Ácidos gordos de cadeia longa *Ácidos gordos de cadeia longa*	300,6	± 95,5
ÁCIDOS GORDOS TRANS ÁCIDOS GORDOS TRANS	21,7	± 10,8



Lã *Lã*

A pelagem é heterogénea, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. O velo é fechado e compacto, composto predominantemente por pelos grossos, compridos e lisos reunidos em madeixas pontiagudas, com pelos mais curtos junto à base criando um velo com duas camadas, com alguns pelos cábrios (popularmente denominados de pelo morto) que variam consoante o exemplar. As fibras são baças e com pouca elasticidade. A coloração da lã é geralmente branca e, com menos frequência, castanha.

Os velos dos machos têm um peso médio de 1,5kg a 2,5Kg e o das fêmeas de 1,0 kg a 2,0 kg. O diâmetro médio das fibras varia entre os 24-37 µm. O comprimento das madeixas varia entre os 20 e os 30 cm, dependendo da zona do velo, sendo as madeixas mais longas das cochas, canelas e braços.

A lã da raça Churra do Minho é considerada de fraca qualidade, tendo um calor comercial muito baixo ou nulo. Tal como outras raças, acaba por representar mais um encargo do que um rendimento, não cobrindo sequer os custos da tosquia. Tradicionalmente era utilizada para a confeção de meias e caneleiras utilizadas pelos pastores.

A pelagem é heterogénea, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. O velo é fechado e compacto, composto predominantemente por pelos grossos, compridos e lisos reunidos em madeixas pontiagudas, com pelos mais curtos junto à base criando um velo com duas camadas, com alguns pelos cábrios (popularmente denominados de pelo morto) que variam consoante o exemplar. As fibras são baças e com pouca elasticidade. A coloração da lã é geralmente branca e, com menos frequência, castanha.

Os velos dos machos têm um peso médio de 1,5kg a 2,5Kg e o das fêmeas de 1,0 kg a 2,0 kg. O diâmetro médio das fibras varia entre os 24-37 µm. O comprimento das madeixas varia entre os 20 e os 30 cm, dependendo da zona do velo, sendo as madeixas mais longas das cochas, canelas e braços.

A lã da raça Churra do Minho é considerada de fraca qualidade, tendo um calor comercial muito baixo ou nulo. Tal como outras raças, acaba por representar mais um encargo do que um rendimento, não cobrindo sequer os custos da tosquia. Tradicionalmente era utilizada para a confeção de meias e caneleiras utilizadas pelos pastores.





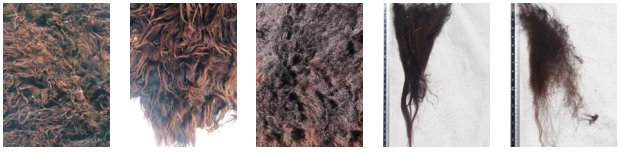
Velos de ovelhas de raça Churra do Minho, branco (esquerda) e castanho (direita). *Fleeces from Churra do Minho, white (left) and brown (right).*

Madeixas de velo branco *Strands of white fleece*



Dorso *Back* | **Coxa** *Thigh* | **Interior** *Interior* | **Fibras coxa** *Thigh fibers* | **Fibras dorso** *Back fibers*

Madeixas de velo preto (castanho) *Strands of brown fleece*



Dorso *Back* | **Coxa** *Thigh* | **Interior** *Interior* | **Fibras coxa** *Thigh fibers* | **Fibras dorso** *Back fibers*

1 TOSQUIAR



2 LAVAR



3 ESGUEDELHAR



4 CARDAR



5 FIAR



6 ENSARILHAR



7 DOBAR



8 CANELEIRO



9 TECER



10 PEÇAS





Balindo pelos montes, ou à mesa com prazer

— Bleating through the hills, or at the table with pleasure

Vestem a cor da pureza. Pintam de branco os prados, os montes, as pastagens. Vivem em grupo, como se de uma grande fraternidade se tratasse.

São muito humildes: não apenas se baixam para comer, ruminando e limpando o chão verde; como também aceitam ser comandadas, pelo pastor, que com elas se delicia e de quem elas são a delícia.

A democracia é enorme. Também cabe a "ovelha negra", tem assento, come, adentra-se no curral, tem espaço entre todas as outras. É uma entre as demais.

E que dizer do cão? – É amigo, protege, arrebita as orelhas para melhor ouvir, ladra para os perigos afugentar, tem no uivo o sinal de alarme, faz frente a inimigo que se aproxime. É que esta coisa de vaguear por descampados, por terrenos amplos, por montes e valados, por prados e campos, traz ameaças. As ovelhas gostam muito dele, do cão; vivem com ele em grande cumplicidade. Adoram vê-lo a abanar a cauda. Sentem-se serenas quando ele se descansa, vigilante - pois claro, numa estratégica porção de terreno.

Às vezes acontecem desgraças: lá vêm matilhas de cães, ou raposas, ou lobos e entra tudo em confusão. Quantas vezes se tornam infrutíferos os esforços do fiel amigo, ou do próprio pastor. É tão triste assistir a funerais desses. As sobreviventes ficam sem forças para cantar "mé", "mé", o pastor fica com a voz embargada, os olhos da comunidade inteira descobrem nevoeiro na mais colorida das paisagens. Mais cinco meses de espera, depois mais outros cinco e,

Vestem a cor da pureza. Pintam de branco os prados, os montes, as pastagens. Vivem em grupo, como se de uma grande fraternidade se tratasse.

São muito humildes: não apenas se baixam para comer, ruminando e limpando o chão verde; como também aceitam ser comandadas, pelo pastor, que com elas se delicia e de quem elas são a delícia.

A democracia é enorme. Também cabe a "ovelha negra", tem assento, come, adentra-se no curral, tem espaço entre todas as outras. É uma entre as demais.

E que dizer do cão? – É amigo, protege, arrebita as orelhas para melhor ouvir, ladra para os perigos afugentar, tem no uivo o sinal de alarme, faz frente a inimigo que se aproxime. É que esta coisa de vaguear por descampados, por terrenos amplos, por montes e valados, por prados e campos, traz ameaças. As ovelhas gostam muito dele, do cão; vivem com ele em grande cumplicidade. Adoram vê-lo a abanar a cauda. Sentem-se serenas quando ele se descansa, vigilante - pois claro, numa estratégica porção de terreno.

Às vezes acontecem desgraças: lá vêm matilhas de cães, ou raposas, ou lobos e entra tudo em confusão. Quantas vezes se tornam infrutíferos os esforços do fiel amigo, ou do próprio pastor. É tão triste assistir a funerais desses. As sobreviventes ficam sem forças para cantar "mé", "mé", o pastor fica com a voz embargada, os olhos da comunidade inteira descobrem nevoeiro na mais colorida das paisagens. Mais cinco meses de espera, depois mais outros cinco e,

←

Pintura de óleo sobre madeira "Os Provérbios Neerlandeses" de Pieter Brueghel, o Velho. 1559. *Oil painting on wood "The Dutch Proverbs" by Pieter Brueghel the Elder. 1559.*

quase um ano volvido, o rebanho volta a estar composto.
Esses bebés que vão nascendo são batizados e recebem bonitos nomes. A uns chamam-lhe ovelhinha, mas a outros chamam cordeirinhos, ou simplesmente cordeiro, ou então, anhos, ou ainda, borregos…
Não é difícil levá-los à "pia batismal". De facto, não pesam assim tanto. Os músculos dos que adoram vê-los nascer podem bem com dois, ou três, ou quatro quilos.
O pai do recém-nascido chama-se carneiro. Como ele se engalana para a festa, com o seu pelo bem ondulado. Cônscio da sua responsabilidade, ele aí está, garboso, pronto a "pedir meças" a quem se lembre de o provocar a si ou aos seus; a mãe – a ovelha – é mais pacata, bonita no seu cabelo caído, que tão bem lhe define os contornos do corpo.
Mas estas filhotas e estes filhotes são muito bem-comportados. Aliás, seguindo o exemplo dos pais. Sempre domesticados. Há muitos séculos domesticados. Desde a idade do bronze – oh que já lhe perdi a memória, domesticados.
Por falar nisso, se há coisa que a ovelha tem é memória. Pode não ter ouvidos para assistir a concertos; pode não ter olhos para ler o Harry Potter; pode não ter faro para descobrir a Bairrada dos leitões; mas tem um "disco duro" que rivaliza com um bom computador, em função de "guardar como".
Nós gostamos tanto das ovelhinhas. Não, não é só por serem branquinhas (salvo as raras exceções em que topamos com o oposto). Pudera! Delas recebemos a lã; delas recebemos o leite; ainda nos dão a carne; e o couro. Tanta generosidade. Obrigado! A mãe natureza, que as cobre a elas e a nós, bem merece o hino do nosso coração agradecido.
Delicadeza com delicadeza se deve pagar. É tão giro, então, esse cuidado que o pastor tem de as tosquiar no verão.

quase um ano volvido, o rebanho volta a estar composto.
Esses bebés que vão nascendo são batizados e recebem bonitos nomes. A uns chamam-lhe ovelhinha, mas a outros chamam cordeirinhos, ou simplesmente cordeiro, ou então, anhos, ou ainda, borregos…
Não é difícil levá-los à "pia batismal". De facto, não pesam assim tanto. Os músculos dos que adoram vê-los nascer podem bem com dois, ou três, ou quatro quilos.
O pai do recém-nascido chama-se carneiro. Como ele se engalana para a festa, com o seu pelo bem ondulado. Cônscio da sua responsabilidade, ele aí está, garboso, pronto a "pedir meças" a quem se lembre de o provocar a si ou aos seus; a mãe – a ovelha – é mais pacata, bonita no seu cabelo caído, que tão bem lhe define os contornos do corpo.
Mas estas filhotas e estes filhotes são muito bem-comportados. Aliás, seguindo o exemplo dos pais. Sempre domesticados. Há muitos séculos domesticados. Desde a idade do bronze – oh que já lhe perdi a memória, domesticados.
Por falar nisso, se há coisa que a ovelha tem é memória. Pode não ter ouvidos para assistir a concertos; pode não ter olhos para ler o Harry Potter; pode não ter faro para descobrir a Bairrada dos leitões; mas tem um "disco duro" que rivaliza com um bom computador, em função de "guardar como".
Nós gostamos tanto das ovelhinhas. Não, não é só por serem branquinhas (salvo as raras exceções em que topamos com o oposto). Pudera! Delas recebemos a lã; delas recebemos o leite; ainda nos dão a carne; e o couro. Tanta generosidade. Obrigado! A mãe natureza, que as cobre a elas e a nós, bem merece o hino do nosso coração agradecido.
Delicadeza com delicadeza se deve pagar. É tão giro, então, esse cuidado que o pastor tem de as tosquiar no verão.

Retábulo de Ghent de Jan van Eyck. 1432. *Ghent altarpiece by Jan van Eyck. 1432.*



Assim elas – sem deixarem de ser sumamente generosas – aproveitam para andarem mais fresquinhas no tempo de calor e, em chegando o inverno, já uma nova camisola foi urdida e cobre, abundante, toda a pele.

Ter muitas ovelhas é ter muita lã, muito leite, muita carne, muito couro. É ter muita riqueza. Pelo número de "cabeças" se mede o poderio económico do pastor.

Mas também com base nesse critério se estabelecem ou não alianças, casamentos, ligações de famílias. Quando lemos livros antigos – os da Bíblia fazem parte desse espólio, como bem percebemos isso.

Estou a lembrar-me de Moisés. Acabou por encontrar casamento com Séfora, tendo-a conhecido quando esta procurava água para dar de beber ao rebanho do pai que se chamava Jetro e que era sacerdote de Madian. Apascentando o rebanho de Jetro, Moisés dirigiu-se ao monte de Deus, o Horeb, seguindo-se uma grande aventura.

Claro que os hebreus, como os gregos e tantos outros povos antigos, viviam da pastorícia, marcando por aí as suas migrações a reboque de melhores pastos ou agasalho para o rebanho, encantados com essa relação bucólica que entre o pastor e as ovelhas inevitavelmente se estabelece.

Essa relação foi instintivamente aplicada à cumplicidade existente entre quem crê e Aquele em quem se acredita. Os judeus, na verdade, rezam muitas vezes, e agora os cristãos também (cfr Sl 23): "O Senhor é meu pastor: nada me falta. Em verdes prados me faz descansar e conduz-me às águas refrescantes. Reconforta a minha alma e guia-me por caminhos retos, por amor do seu nome. Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me confiança".

Para os hebreus, o cordeiro tornou-se alimento fundamental, sempre presente quando celebram a maior das suas festas – a Páscoa. Nessa ocasião, recordando a epopeia do regresso do Egito (terra da escravidão) para a terra de Canã

Assim elas – sem deixarem de ser sumamente generosas – aproveitam para andarem mais fresquinhas no tempo de calor e, em chegando o inverno, já uma nova camisola foi urdida e cobre, abundante, toda a pele.

Ter muitas ovelhas é ter muita lã, muito leite, muita carne, muito couro. É ter muita riqueza. Pelo número de "cabeças" se mede o poderio económico do pastor.

Mas também com base nesse critério se estabelecem ou não alianças, casamentos, ligações de famílias. Quando lemos livros antigos – os da Bíblia fazem parte desse espólio, como bem percebemos isso.

Estou a lembrar-me de Moisés. Acabou por encontrar casamento com Séfora, tendo-a conhecido quando esta procurava água para dar de beber ao rebanho do pai que se chamava Jetro e que era sacerdote de Madian. Apascentando o rebanho de Jetro, Moisés dirigiu-se ao monte de Deus, o Horeb, seguindo-se uma grande aventura.

Claro que os hebreus, como os gregos e tantos outros povos antigos, viviam da pastorícia, marcando por aí as suas migrações a reboque de melhores pastos ou agasalho para o rebanho, encantados com essa relação bucólica que entre o pastor e as ovelhas inevitavelmente se estabelece.

Essa relação foi instintivamente aplicada à cumplicidade existente entre quem crê e Aquele em quem se acredita. Os judeus, na verdade, rezam muitas vezes, e agora os cristãos também (cfr Sl 23): "O Senhor é meu pastor: nada me falta. Em verdes prados me faz descansar e conduz-me às águas refrescantes. Reconforta a minha alma e guia-me por caminhos retos, por amor do seu nome. Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me confiança".

Para os hebreus, o cordeiro tornou-se alimento fundamental, sempre presente quando celebram a maior das suas festas – a Páscoa. Nessa ocasião, recordando a epopeia do regresso do Egito (terra da escravidão) para a terra de Canã

(onde jorram o leite e o mel), os judeus imolam sempre um cordeiro, de um ano, sem manha, sem defeito, inteirinho, para recordarem esse grande caminho de libertação.

Para os cristãos, a simbólica permanece. Jesus recebeu as ovelhinhas quando ainda estava na manjedoura (como é bonito vê-las no presépio). Depois, apresentou-se como o Bom Pastor, que entra no curral pela porta, que conhece e chama as ovelhas pelo seu próprio nome, as conduz a prados verdejantes, vai diante delas e elas seguem-n'O, conhecem a Sua voz, escutam-n'O. Este Pastor é dos bons, não é mercenário, pelo contrário, dá a vida pelas Suas ovelhas. Não foge quando vem o lobo. Não abandona qualquer das ovelhas. Pelo contrário: se alguma se extravia, sai à sua procura. Encontrando-a, coloca-a aos ombros e trá-la de regresso. Uma vez reintegrada no rebanho, tudo a seguir é festa.

Oferecendo-se até ao limite pelo alimento, pelo bem-estar e pela salvação das suas ovelhas, o Pastor resolve – sublime milagre de amor – tornar-se Ele mesmo cordeio e imolar-se nos altares, pela redenção da humanidade.

À imagem do que sucede com o Pastor que é Cristo, quantos, depois d'Ele, são chamados a cuidar do rebanho de Deus, recebem também o nome de pastores e são chamados à imitação do modelo primeiro. Assim sucede com Papa, Bispos, Presbíteros. Assim sucede com os Pastores dentro do protestantismo… Quanto as ovelhas inspiram, acolitadas pelos respetivos pastores. Sirvam sempre de delícia, pontuando de beleza os pastos onde se alimentam, aquecendo com sua lã quantos ajudam a vestir, deliciando os seus donos com a obediência carinhosa e a sonoridade do seu balir, consolando os que gostam de queijo, ou de leite, ou de doces… ou de um bom anho assado, de preferência regado a bom espumante.

Sim, à saúde das ovelhas e dos borregos, em felicitação agradecida, levanto a minha taça!

(onde jorram o leite e o mel), os judeus imolam sempre um cordeiro, de um ano, sem manha, sem defeito, inteirinho, para recordarem esse grande caminho de libertação.

Para os cristãos, a simbólica permanece. Jesus recebeu as ovelhinhas quando ainda estava na manjedoura (como é bonito vê-las no presépio). Depois, apresentou-se como o Bom Pastor, que entra no curral pela porta, que conhece e chama as ovelhas pelo seu próprio nome, as conduz a prados verdejantes, vai diante delas e elas seguem-n'O, conhecem a Sua voz, escutam-n'O. Este Pastor é dos bons, não é mercenário, pelo contrário, dá a vida pelas Suas ovelhas. Não foge quando vem o lobo. Não abandona qualquer das ovelhas. Pelo contrário: se alguma se extravia, sai à sua procura. Encontrando-a, coloca-a aos ombros e trá-la de regresso. Uma vez reintegrada no rebanho, tudo a seguir é festa.

Oferecendo-se até ao limite pelo alimento, pelo bem-estar e pela salvação das suas ovelhas, o Pastor resolve – sublime milagre de amor – tornar-se Ele mesmo cordeio e imolar-se nos altares, pela redenção da humanidade.

À imagem do que sucede com o Pastor que é Cristo, quantos, depois d'Ele, são chamados a cuidar do rebanho de Deus, recebem também o nome de pastores e são chamados à imitação do modelo primeiro. Assim sucede com Pssim sucede com os Pastores dentro do protestantismo… Quanto as ovelhas inspiram, acolitadas pelos respetivos Sirvam sempre de delícia, pontuando de beleza os pastos onde se alimentam, aquecendo com sua lã quantos ajudam a vestir, deliciando os seus donos com a obediência carinhosa e a sonoridade do seu balir, consolando os que gostam de queijo, ou de leite, ou de doces… ou de um bom anho assado, de preferência regado a bom espumante.

Sim, à saúde das ovelhas e dos borregos, em felicitação agradecida, levanto a minha taça!

JOSÉ PAULO ABREU
Cónego da Arquidiocese de Braga
Canon of the Archdiocese of Braga



↑

Altar da Igreja Paroquial da Ribeira (S. João). Ponte de Lima. *Altar of the Parish Church of Ribeira (S. João). Ponte de Lima.*

5

HISTÓRIA, TRADIÇÃO E GASTRONOMIA

— History, Traditions and Gastronomy

"O pastor ditoso envelheceu ridente
Por despenhadeiros, alcantis, calvários,
E na fronte augusta de ermitão, de crente,
Lhe geavam anos luminosamente
Como as pombas brancas sobre os campanários!

Das ovelhas meigas-íntimas heranças –
Recolhera toda a abnegação cristã;
Oh, sejais benditas, ovelhinhas mansas,
Que com vosso leite sustentais crianças,
E vestis os pobres com a vossa lã!"

GUERRA JUNQUEIRO
Os Simples



5

HISTÓRIA, TRADIÇÕES E GASTRONOMIA

— História, Tradições e Gastronomia

A História constrói-se e as Tradições iniciam-se. E se a origem e a dispersão das duas raças ovinas do Minho por zonas de diferentes altitudes, meia encosta e montanha, dependeram da ocupação das raças bovinas, mais produtivas, das zonas de várzea. Simultaneamente, os usos e costumes foram-se ajustando a uma sociedade rural, em que o estatuto social se media, igualmente, pela posse de animas (em particular cabeças de gado bovino).

Percorrendo a província do Minho, principalmente as freguesias rurais, ouvindo os agricultores e as pessoas ligadas à vida do campo, que nos falam de hábitos e costumes do passado, das vivências quotidianas e dos animais que existiam nessas aldeias, ouvimos relatos da existência, entre outros, de bovinos, de caprinos e de ovinos. Destes últimos, dão-nos conta de uma raça predominante no assento de lavoura dos agricultores residentes nas zonas de várzea e baixa encosta, deste território de minifúndio, que é a raça Bordaleira, e outra com presença preponderante nas zonas de montanha, principalmente nas zonas de meia encosta ou de planalto, a Churra do Minho ou Churra Galega.

A História constrói-se e as Tradições iniciam-se. E se a origem e a dispersão das duas raças ovinas do Minho por zonas de diferentes altitudes, meia encosta e montanha, dependeram da ocupação das raças bovinas, mais produtivas, das zonas de várzea. Simultaneamente, os usos e costumes foram-se ajustando a uma sociedade rural, em que o estatuto social se media, igualmente, pela posse de animas (em particular cabeças de gado bovino).

Percorrendo a província do Minho, principalmente as freguesias rurais, ouvindo os agricultores e as pessoas ligadas à vida do campo, que nos falam de hábitos e costumes do passado, das vivências quotidianas e dos animais que existiam nessas aldeias, ouvimos relatos da existência, entre outros, de bovinos, de caprinos e de ovinos. Destes últimos, dão-nos conta de uma raça predominante no assento de lavoura dos agricultores residentes nas zonas de várzea e baixa encosta, deste território de minifúndio, que é a raça Bordaleira, e outra com presença preponderante nas zonas de montanha, principalmente nas zonas de meia encosta ou de planalto, a Churra do Minho ou

←

Pintura de óleo sobre tela de Josefa de Óbidos. 1660-1670. *Oil painting on canvas by Josefa de Óbidos. 1660-1670.*

Duas raças autóctones existentes nesta província, com valores diferentes tanto no que respeita à produção de carne como à qualidade da lã, cabendo, assim, ao agricultor ou pastor decidir qual a raça de ovino que queria ter no seu rebanho atendendo ao terreno onde iriam pastorear, ao clima da região e ao produto final que poderiam ter, considerando também a disponibilidade alimentar do rebanho.

Em zonas agricolamente mais ricas, com a utilização de juntas de vacas ou de bois para os trabalhos de campo ou transporte, os pequenos rebanhos de Bordaleiras acompanhavam os bovinos. Era nas feiras tradicionais e locais, que os pequenos agricultores ou caseiros agrícolas mercavam a rês mais jovem, aumentando o rebanho de um outro produtor ou, então, intermediado por um comerciante ao sacrifício. Este momento de abate era sobretudo relacionado com datas particulares de cada região ou concelho, não só na Páscoa, mas igualmente na festa da padroeira ou do lugar, ou em momentos festivos comunitários, como as bodas ou comunhões.

Uma outra função que este rebanho tinha era o de produção de lã, que fiada era usada na tecelagem de cobertura para as camas, ou no tricotar de meias, usadas no Inverno, para quem calçava chancas ou socos. Permitia, ainda, aquecer os mais novos com camisolas tricotadas pelas mãos experientes das lavradeiras.

Os ovinos da raça Churra do Minho, também conhecida por galega na Serra Amarela, mais rústicos e menos corpulentos, têm uma lã mais grosseira, de menor qualidade, após tecida. Esta era utilizada para produzir rolos de tecido, que posteriormente serviam para a produção de aventais de costas, de frente, de trás, de capucho, usados habitualmente nas mulheres aldeãs de montanha. Estas peças de tecelagem iam ao pisão, para bater o tecido, de forma a fechar a malha e não permitir que a chuva se infiltrasse.

Churra Galega.

Duas raças autóctones existentes nesta província, com valores diferentes tanto no que respeita à produção de carne como à qualidade da lã, cabendo, assim, ao agricultor ou pastor decidir qual a raça de ovino que queria ter no seu rebanho atendendo ao terreno onde iriam pastorear, ao clima da região e ao produto final que poderiam ter, considerando também a disponibilidade alimentar do rebanho.

Em zonas agricolamente mais ricas, com a utilização de juntas de vacas ou de bois para os trabalhos de campo ou transporte, os pequenos rebanhos de Bordaleiras acompanhavam os bovinos. Era nas feiras tradicionais e locais, que os pequenos agricultores ou caseiros agrícolas mercavam a rês mais jovem, aumentando o rebanho de um outro produtor ou, então, intermediado por um comerciante ao sacrifício. Este momento de abate era sobretudo relacionado com datas particulares de cada região ou concelho, não só na Páscoa, mas igualmente na festa da padroeira ou do lugar, ou em momentos festivos comunitários, como as bodas ou comunhões.

Uma outra função que este rebanho tinha era o de produção de lã, que fiada era usada na tecelagem de cobertura para as camas, ou no tricotar de meias, usadas no Inverno, para quem calçava chancas ou socos. Permitia, ainda, aquecer os mais novos com camisolas tricotadas pelas mãos experientes das lavradeiras.

Os ovinos da raça Churra do Minho, também conhecida por galega na Serra Amarela, mais rústicos e menos corpulentos, têm uma lã mais grosseira, de menor qualidade, após tecida. Esta era utilizada para produzir rolos de tecido, que posteriormente serviam para a produção de aventais de costas, de frente, de trás, de capucho, usados habitualmente nas mulheres aldeãs de montanha. Estas peças de tecelagem iam ao pisão, para bater o tecido, de forma





Refere-nos D. Luís de Castro e Bernardino Cincinnati da Costa, no inico do século passado (1900) no seu tratado "*Portugal au point de vue agricole*" que "*Dans la province du Minho la plupart des moutons appartiennent à la race bordaleira et, dans cette race, ce sont les bêtes churras et les feltrosas qui dominent. Ces animaux sont ceux de leur espèce qui ont le moins de valeur. On leur donne le nom de gallegos, par lequel on veut signifier leur infériorité. On les nomme aussi caréos, pour, exprimer que leur tête est dépourvue de laine. Et, comme ces bêtes vivent ordinairement sur les plus maigres pâturages des montagnes ou. serras et des landes ou charnecas, on les appelle encore serranos et charnequeiros*".

Apesar de pior qualidade, esta lã era igualmente utilizada para tricotar meias, camisolas e tecer cobertores e, especialmente na lã provenientes de ovelhas castanhas, esta era destinada a tecelagem de aventais usados pelas mulheres em tarefas no campo ou no guardar do rebanho, e nos coletes, calças e casacos usados pelos jovens e adultos do sexo masculino.

"*Les moutons les plus typiques de la sous-race churra se trouvent dans la province du Minho, où ils se tiennent presque toute l'année sur les montagnes du Suajo et du Gérez. Ces animaux, très-rustiques, produisent une toison jarreuse, formée de poils raides'et longs, tantôt blancs, tantôt noirs. Cette laine est employée dans la province pour la fabrication de tissus grossiers destinés aux paysans. La viande des moutons est savoureuse, et les brebis fournissent du lait qui n'est transformé en fromage que depuis quelques années.*"

A presença dos rebanhos de ovinos da Churra do Minho nos montes, conjuntamente com rebanhos de caprinos e as manadas de bovinos de raça Cachena, contribuíam para controlar o crescimento da vegetação, prevenindo incêndios de grandes dimensões e o desenvolvimento ou

a fechar a malha e não permitir que a chuva se infiltrasse.

Refere-nos D. Luís de Castro e Bernardino Cincinnati da Costa, no inico do século passado (1900) no seu tratado "Portugal au point de vue agricole" que "Dans la province du Minho la plupart des moutons appartiennent à la race bordaleira et, dans cette race, ce sont les bêtes churras et les feltrosas qui dominent. Ces animaux sont ceux de leur espèce qui ont le moins de valeur. On leur donne le nom de gallegos, par lequel on veut signifier leur infériorité. On les nomme aussi caréos, pour, exprimer que leur tête est dépourvue de laine. Et, comme ces bêtes vivent ordinairement sur les plus maigres pâturages des montagnes ou. serras et des landes ou charnecas, on les appelle encore serranos et charnequeiros".

Apesar de pior qualidade, esta lã era igualmente utilizada para tricotar meias, camisolas e tecer cobertores e, especialmente na lã provenientes de ovelhas castanhas, esta era destinada a tecelagem de aventais usados pelas mulheres em tarefas no campo ou no guardar do rebanho, e nos coletes, calças e casacos usados pelos jovens e adultos do sexo masculino.

"Les moutons les plus typiques de la sous-race churra se trouvent dans la province du Minho, où ils se tiennent presque toute l'année sur les montagnes du Suajo et du Gérez. Ces animaux, très-rustiques, produisent une toison jarreuse, formée de poils raides'et longs, tantôt blancs, tantôt noirs. Cette laine est employée dans la province pour la fabrication de tissus grossiers destinés aux paysans. La viande des moutons est savoureuse, et les brebis fournissent du lait qui n'est transformé en fromage que depuis quelques années."

A presença dos rebanhos de ovinos da Churra do Minho nos montes, conjuntamente com rebanhos de caprinos e as manadas de bovinos de raça Cachena, contribuíam

aparecimentos de algumas infestantes. Nas serras de toda a província do Minho era frequente encontrarem-se rebanhos de ovinos de raça Churra, no entanto, em número inferior aos rebanhos de caprinos.

Nas zonas de meia encosta, junto aos lugares, onde existia giesta, era habitual fazerem-se os barbeitos de 13 ou de 15 em 15 anos, seguidos de um ou dois anos de cultivo de centeio e zona de pastagem. Este terreno, sob a sombra da giesta adulta (após as primeiras podas), era o espaço ideal para pastagens abundantes e tenras, sendo escolhido para o pastoreio dos bovinos de raça Cachena e dos ovinos de raça Churra, principalmente quando a serra estava com neve.

Os bovinos de raça Barrosã e os ovinos de raça Bordaleira, geralmente pastoreavam nos campos, utilizando, por vezes, as pastagens serranas de baixa altitude, entre os meses de junho e setembro, fazendo, essencialmente os animais de raça Barrosã, em algumas zonas do Minho, a transumância para as serras durante este período – subida da vezeira.

O tipo de comercialização da raça Churra diferia do da Bordaleira, muito devido ao isolamento geográfico da sua produção. A Churra do Minho era vendida ou trocada por outros géneros, entre a população residente na aldeia, principalmente em épocas festivas, e com destino ao repovoamento de rebanhos ou à alimentação familiar. Após o abate, a pele era tirada, sem cortes, para ser seca e utilizada, de seguida, como odreiros no transporte de vinho de maçã, de água ou de farinha entre os moinhos de rodízio e as casas dos lavradores. Os odres, depois de utilizados, ficavam com a pele demasiado seca para serem reutilizados e eram reciclados para o fabrico de chinelos, para as mulheres ou os mais jovens, com uma base de madeira mais fina do que as chancas ou socos.

Referem ainda D. Luís de Castro e Cincinnati da Costa a presença de alguns animais da raça merina que "*La race*

para controlar o crescimento da vegetação, prevenindo incêndios de grandes dimensões e o desenvolvimento ou aparecimentos de algumas infestantes. Nas serras de toda a província do Minho era frequente encontrarem-se rebanhos de ovinos de raça Churra, no entanto, em número inferior aos rebanhos de caprinos.

Nas zonas de meia encosta, junto aos lugares, onde existia giesta, era habitual fazerem-se os barbeitos de 13 ou de 15 em 15 anos, seguidos de um ou dois anos de cultivo de centeio e zona de pastagem. Este terreno, sob a sombra da giesta adulta (após as primeiras podas), era o espaço ideal para pastagens abundantes e tenras, sendo escolhido para o pastoreio dos bovinos de raça Cachena e dos ovinos de raça Churra, principalmente quando a serra estava com neve.

Os bovinos de raça Barrosã e os ovinos de raça Bordaleira, geralmente pastoreavam nos campos, utilizando, por vezes, as pastagens serranas de baixa altitude, entre os meses de junho e setembro, fazendo, essencialmente os animais de raça Barrosã, em algumas zonas do Minho, a transumância para as serras durante este período – subida da vezeira.

O tipo de comercialização da raça Churra diferia do da Bordaleira, muito devido ao isolamento geográfico da sua produção. A Churra do Minho era vendida ou trocada por outros géneros, entre a população residente na aldeia, principalmente em épocas festivas, e com destino ao repovoamento de rebanhos ou à alimentação familiar. Após o abate, a pele era tirada, sem cortes, para ser seca e utilizada, de seguida, como odreiros no transporte de vinho de maçã, de água ou de farinha entre os moinhos de rodízio e as casas dos lavradores. Os odres, depois de utilizados, ficavam com a pele demasiado seca para serem reutilizados e eram reciclados para o fabrico de chinelos,



mérine a aussi quelques représentants, mais non des meilleurs, dans le Minho. Ils y sont nommés meirinhos, et d'habitude ils accompagnent les bœufs au pâturage et à l'étable."

Os agricultores dos vales geralmente tratavam em exclusivo do seu efetivo animal, fosse ele composto por bovinos e ovinos, só por bovinos ou, ainda, só por ovinos, o que não acontecia com os pastores residentes nas aldeias de montanha, que se organizavam para reunirem vários rebanhos, como acontecia com os caprinos, de forma rotativa, para em cada dia ser um pastor responsável pelo rebanho de vários proprietários. No Minho, nas aldeias de montanha, geralmente existiam vezeiras, sendo as dos caprinos conduzidas por homens e a dos ovinos, na sua maioria, acompanhadas por mulheres jovens. As jovens mulheres, no seu dia de guarda à vezeira, após guiarem o rebanho até à serra e este permanecer na sua pastagem, aproveitavam esses momentos para fiar lã, para tricotar, ou para bordar um lenço, muitas vezes e à escondida dos pais, para oferecer ao seu namorado, onde dava asas à sua imaginação para, com linhas de cor, escrever um verso dedicado ao seu amado.

E se a história sociológica da agricultura minhota muito tem ainda para se estudar e aprofundar, no que respeita aos ovinos, estes desempenharam sempre um papel menos significativo, apesar de Ramalho Ortigão, nas Farpas, bem traduzir a realidade do minifúndio minhoto e da importância da mulher na economia agrária: "Não é rara a rapariga que na feira de Viana vende simultaneamente todos estes produtos da sua indústria: as galinhas, os ovos, a manteiga, o pano de linho, o pano de lã, a sirguilha, os

Referem ainda D. Luís de Castro e Cincinnati da Costa a presença de alguns animais da raça merina que "La race mérine a aussi quelques représentants, mais non des meilleurs, dans le Minho. Ils y sont nommés meirinhos, et d'habitude ils accompagnent les bœufs au pâturage et à l'étable."

Os agricultores dos vales geralmente tratavam em exclusivo do seu efetivo animal, fosse ele composto por bovinos e ovinos, só por bovinos ou, ainda, só por ovinos, o que não acontecia com os pastores residentes nas aldeias de montanha, que se organizavam para reunirem vários rebanhos, como acontecia com os caprinos, de forma rotativa, para em cada dia ser um pastor responsável pelo rebanho de vários proprietários. No Minho, nas aldeias de montanha, geralmente existiam vezeiras, sendo as dos caprinos conduzidas por homens e a dos ovinos, na sua maioria, acompanhadas por mulheres jovens. As jovens mulheres, no seu dia de guarda à vezeira, após guiarem o rebanho até à serra e este permanecer na sua pastagem, aproveitavam esses momentos para fiar lã, para tricotar, ou para bordar um lenço, muitas vezes e à escondida dos pais, para oferecer ao seu namorado, onde dava asas à sua imaginação para, com linhas de cor, escrever um verso dedicado ao seu amado.

E se a história sociológica da agricultura minhota muito tem ainda para se estudar e aprofundar, no que respeita aos ovinos, estes desempenharam sempre um papel menos significativo, apesar de Ramalho Ortigão, nas Farpas,

→

Pintura "Guardando o rebanho" de Silva Porto. 1893. *Painting "Guarding the flock" by Silva Porto. 1893.*



bordados e a renda. Além do que, está dos pés à cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ela só executou desde a primeira manipulação das substâncias primas tomadas à matéria bruta até o último ponto da costura e a última malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e de um punhado de semente ela extrai, pela sua aptidão e pelo seu talento, todo o enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua família."

«Il est bon de ne pas confondre, dit M. Ramalho Ortigâo, dans la notable description de la femme du Minho, ce qu'on appelle dans le Minho, la tecedeira, la tisseuse, avec ce qu'on entend généralement par l'ouvrier tisserand. La tisseuse de Vianna ne travaille pas dans une fabrique et ne possède pas, à proprement parler, un atelier. Elle sait tisser tout simplement, comme la demoiselle de Lisbonne sait faire du crochet. Près de sa fenêtre, enguirlandée par un pied de treille, son petit métier domestique comme celui de la chaste Pénéloppe, a l'aspect décoratif d'un meuble de famille, tel qu'un chevalet du peintre, ou un orgue à pédales dans un recoin du salon."

Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Rocha Peixoto e alguma produção literária de Aquilino Ribeiro, caracterizaram a riqueza sociológica dos costumes minhotos. Os dois primeiros investigaram e estudaram as vivências e a etnologia de um território mais vasto enquanto Rocha Peixoto estudou mais a etnografia do Alto e Baixo Minho. Aquilino Ribeiro enquanto esteve por Romarigães passeou pela Serra de Arga e pela Serra e Monte de S. Lourenço, onde descreve a presença de raparigas a bordar os seus panos de linho enquanto estavam a guardar os pequenos rebanhos de ovelhas.

Para além de escritores e investigadores, também temos imagens passadas para tela, por pintores portugueses célebres, como Silva Porto, que para além da obra aqui reproduzida, tem um outro quadro, onde retrata uma jovem mulher,

bem traduzir a realidade do minifúndio minhoto e da importância da mulher na economia agrária: "Não é rara a rapariga que na feira de Viana vende simultaneamente todos estes produtos da sua indústria: as galinhas, os ovos, a manteiga, o pano de linho, o pano de lã, a sirguilha, os bordados e a renda. Além do que, está dos pés à cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ela só executou desde a primeira manipulação das substâncias primas tomadas à matéria bruta até o último ponto da costura e a última malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e de um punhado de semente ela extrai, pela sua aptidão e pelo seu talento, todo o enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua família."

«Il est bon de ne pas confondre, dit M. Ramalho Ortigâo, dans la notable description de la femme du Minho, ce qu'on appelle dans le Minho, la tecedeira, la tisseuse, avec ce qu'on entend généralement par l'ouvrier tisserand. La tisseuse de Vianna ne travaille pas dans une fabrique et ne possède pas, à proprement parler, un atelier. Elle sait tisser tout simplement, comme la demoiselle de Lisbonne sait faire du crochet. Près de sa fenêtre, enguirlandée par un pied de treille, son petit métier domestique comme celui de la chaste Pénéloppe, a l'aspect décoratif d'un meuble de famille, tel qu'un chevalet du peintre, ou un orgue à pédales dans un recoin du salon."

Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Rocha Peixoto e alguma produção literária de Aquilino Ribeiro, caracterizaram a riqueza sociológica dos costumes minhotos. Os dois primeiros investigaram e estudaram as vivências e a etnologia de um território mais vasto enquanto Rocha Peixoto estudou mais a etnografia do Alto e Baixo Minho. Aquilino Ribeiro enquanto esteve por Romarigães passeou pela Serra de Arga e pela Serra e Monte de S. Lourenço, onde descreve a presença de raparigas a bordar os seus panos de

com roupa minhota, a conduzir um pequeno rebanho de ovelhas e duas vacas barrosãs, sob uma ramada de uvas tintas, junto ao casario de arquitetura tipicamente minhota, António Carneiro, imortalizou um campo com uma meda de palha de centeio ou trigo, uma meda de erva para semente, segura numa oliveira, com um homem no cimo da meda e uma mulher a colocar molhos de erva com um forcado, um carro de bois, duas vacas, ovelhas, tendo como fundo uma paisagem campestre e uma serra, Artur Loureiro pintou um rebanho de churras a entrar na Serra Amarela, que tinha como fundo parte da Aldeia de Vilarinho da Furna, tendo ainda retratado a Ponte do Couço, em Vilarinho da Furna, com a aldeia do seu lado direito, onde uma mulher vestida de escuro passa sobre a ponte com duas vacas de raça Cachena e algumas ovelhas de raça churra[2].

Em 1947, Miranda do Vale, refere, relativamente aos ovinos, que os distritos minhotos são classificados como regressivos com flutuações, ou seja, os que em 1940 apresentaram menor arrolamento do que nos anteriores e, classifica, os ovinos como maioritariamente bordaleiros feltrosos.

"Les moutons feltrosos sont préférés pour leur toison plus laineuse; les fabriques de la ville de Braga utilisent beaucoup cette laine pour la confection de feutres. Ces animaux, moins rustiques, sont au pâturage pendant le jour et rentrent le soir dans des abris.

La tonte, toujours en suint, est pratiquée au mois de mars ou d'avril pour toutes les bêtes ovines; mais pour les bordaleiros

com roupa minhota, a conduzir um pequeno rebanho de ovelhas e duas vacas barrosãs, sob uma ramada de uvas tintas, junto ao casario de arquitetura tipicamente minhota, António Carneiro, imortalizou um campo com uma meda de palha de centeio ou trigo, uma meda de erva para semente, segura numa oliveira, com um homem no cimo da meda e uma mulher a colocar molhos de erva com um forcado, um carro de bois, duas vacas, ovelhas, tendo como fundo uma paisagem campestre e uma serra, Artur Loureiro pintou um rebanho de churras a entrar na Serra Amarela, que tinha como fundo parte da Aldeia de Vilarinho da Furna, tendo ainda retratado a Ponte do Couço, em Vilarinho da Furna, com a aldeia do seu lado direito, onde uma mulher vestida de escuro passa sobre a ponte com duas vacas de raça Cachena e algumas ovelhas de raça churra2.

Em 1947, Miranda do Vale, refere, relativamente aos ovinos, que os distritos minhotos são classificados como regressivos com flutuações, ou seja, os que em 1940 apresentaram menor arrolamento do que nos anteriores e, classifica, os ovinos como maioritariamente bordaleiros feltrosos.

2 António Carneiro (António Teixeira Carneiro Júnior, n. 1872 Amarante – f. 1930 Porto); Silva Porto (António Carvalho da Silva, n. 1850 Porto – f. 1893 Lisboa); Artur Loureiro (Artur José de Sousa Loureiro, n. 1853 Porto – f. 1932 Gerês)

Animalia castrata.



Animalia castrata. oplo. frigida sunt ipis nō castratis. Electō arietū. pēa vrine. aīāl' cessū. pēa
utilie. ⁊ ibi sunt gradus virtutū int̄ castrū aīalia. minuūtur hȳ digerunt̄. nocent̄ lassant̄ ebrīos.
Remō nocumēti cum fuco fructuum aurantiorū. Ob̄ grāt̄ sanguīē rēpārū. Conuenit
mag. tpans. ⁊ cal. iuuenib. nem. ⁊ orientalib.

al' animalia

Lac dulce.



Lac dulce. oplo. omīs q̄ nocumt tpāt. oplōms rectāns ad cā. Electō precipuū. minuūt
pectoris ⁊ pulmōis. Aquūt. febricitantib. ⁊ dolentib. cap. Remō nocūt cum passul' sine mulcis.
Quod grā. ⁊ nutrimentum bonum. Conuenit. ⁊ tempatis adolescētib. estate ⁊ multo alib.

Carnes pecudum.



Carnes pecudum. oplōcā. ⁊ huia. an. ⁊. Electō animalis pinguis. minuūtum p̄stant. stō.
Acuūtum facit. ⁊ fluctus pati nauseā. Remō nocumīa cū bracis thymicis. Quod grāne
nutrimentum multum bonum. tardius ad buām ⁊ flegmaticum cū sit. pinguis grāuei
sue ortus. ⁊ conuenit mag. pinguis tpāte. iuuenib. ⁊ cet. ⁊ regionib. orientis.

Capita.



Capita alalium. ca. ⁊ huia. ⁊. Electō q̄ sūt ex alīa tēpato. minuūt. laxāt. nocent̄ ⁊ pucrit. Acu.
leum facit. ponderosa ⁊ trāt digerunt̄. pp. corī duritiē ptib; suis. ⁊ io. nocēt stō ⁊ crupeum
facit. Remo. noc. cum datis. pipe ⁊ aromatib. ⁊ mastice nocēt mastag. pp. cor. accidēm. qp
grāt. humores. ⁊ potum. conuenit mag. cal. iuuenib. hyeme ⁊ montanis.

on répète cette opération en octobre, de crainte que la pluie de l'hiver ne gâte et ne fasse tomber leur longue toison."

Os ovinos, desde tempo ancestrais, têm tido um papel relevante na alimentação. Na mensa dos romanos, preparada para os grandes banquetes, incluía-se porcellus (porco ou leitão), aper (javali), borrego, lepus (lebre), cuniculus (coelho), galinha, tordo, faisão, ganso, pato, pombo, pavão, avestruz, urso ou camelo. Estes últimos, no entanto, com menos frequência.

As referências a animais de criação ou de caça, na documentação medieval portuguesa são abundantes: boi, vaca, carneiro, ovelha, cabra, porco, leitões, animais de capoeira, caça, são as muitas referências que todos conhecemos. Todavia, uma coisa é considerar os animais, outra a sua utilização na alimentação.

Os ovinos teriam, no seu processo de confeção nos tempos medievais, várias formas de aproveitamento: assados (no espeto ou no forno) ou guisados, em picado e ensopado, como parece poder concluir-se da presença de outros géneros, como cebolas, alhos e outros condimentos. Além de abundante, o carneiro seria bem apreciado; com ele e outras carnes se faria um preparado cozido durante largas horas, antepassado do bazulaque ou badulaque.

Em tempos de influência francesa, o comportamento à mesa da nobreza e burguesia alterou-se positivamente, muito por causa das inovações introduzidas no modo de preparar, cozinhar e apresentar os alimentos. Lucas Rigaud, em 1780, publicou "Cozinheiro Moderno, ou Nova

"Les moutons feltrosos sont préférés pour leur toison plus laineuse; les fabriques de la ville de Braga utilisent beaucoup cette laine pour la confection de feutres. Ces animaux, moins rustiques, sont au pâturage pendant le jour et rentrent le soir dans des abris.

La tonte, toujours en suint, est pratiquée au mois de mars ou d'avril pour toutes les bêtes ovines; mais pour les bordaleiros on répète cette opération en octobre, de crainte que la pluie de l'hiver ne gâte et ne fasse tomber leur longue toison."

Os ovinos, desde tempo ancestrais, têm tido um papel relevante na alimentação. Na mensa dos romanos, preparada para os grandes banquetes, incluía-se porcellus (porco ou leitão), aper (javali), borrego, lepus (lebre), cuniculus (coelho), galinha, tordo, faisão, ganso, pato, pombo, pavão, avestruz, urso ou camelo. Estes últimos, no entanto, com menos frequência.

As referências a animais de criação ou de caça, na documentação medieval portuguesa são abundantes: boi, vaca, carneiro, ovelha, cabra, porco, leitões, animais de capoeira, caça, são as muitas referências que todos conhecemos. Todavia, uma coisa é considerar os animais, outra a sua utilização na alimentação.

Os ovinos teriam, no seu processo de confeção nos tempos medievais, várias formas de aproveitamento: assados (no espeto ou no forno) ou guisados, em picado e ensopado, como parece poder concluir-se da presença de outros

←

Iluminuras do livro "Tacuinum Sanitatis". Final do Séc. XIV. Norte de Itália. *Illustrations of book "Tacuinum Sanitatis". End of the 14th century. Northern Italy.*

Arte de Cozinha", obra marcante, de rutura com um estilo de cozinha prisioneira da ortodoxia nas Cozeduras, com molhos grossos, eivados de gordura animal e o excessivo emprego de especiarias. O livro de Riguad coloca a ênfase no recurso expressivo de aromas campestres, com trinta e sete receitas, de ervas aromáticas no enaltecimento dos pratos de peixe e mariscos, oitenta e oito receitas de peixe, vinte e quatro de mariscos, trinta e sete de vaca, quarenta e cinco de vitela e no desvalimento das já referidas especiarias, da carne de porco, apenas cinco receitas, e de borrego, cabrito e carneiro, vinte e nove receitas. Nesta obra, naturalmente, o destaque foi para as receitas de aves e caça, com oitenta e três fórmulas.

No Minho, em casas solarengas ou de agricultores abastados, era tradição possuir dois fornos aquecidos a lenha, um para cozer o pão (broa de milho), de maiores dimensões e um segundo, mais reduzido, para os assados, era sinal de opulência e fartura. A preservação destes detalhes arquitetónicos é fundamental para a conservação da memória coletiva de uma época.

Nos tempos que decorreram até ao início do século XIX, o receituário minhoto, nas mãos de famílias nobres ou de ordens religiosas, apresentava uma diversidade de receitas onde o carneiro ou o cordeiro eram os protagonistas. "*Sopa de assado", "arroz à antiga portuguesa", arroz de carneiro", estufado de carneiro", "carneiro com batatas", "mãos de carneiro com molho de tomate", "quarto de carneiro assado", "picado de carneiro", "miolos de carneiro"*, eram algumas das diversas iguarias elaboradas com a carne dos ovinos.

Nos arquivos do Mosteiro de Tibães existe uma receita de "Almondegas de Anho e Galinha", sendo esta "*preparada pelos monges como forma de utilização das carnes mais duras, uma vez que este processo reduzia o tempo de cozedura e permitia a conservação dos géneros, como cebolas, alhos e outros condimentos. Além de abundante, o carneiro seria bem apreciado; com ele e outras carnes se faria um preparado cozido durante largas horas, antepassado do bazulaque ou badulaque.*

Em tempos de influência francesa, o comportamento à mesa da nobreza e burguesia alterou-se positivamente, muito por causa das inovações introduzidas no modo de preparar, cozinhar e apresentar os alimentos. Lucas Rigaud, em 1780, publicou "Cozinheiro Moderno, ou Nova Arte de Cozinha", obra marcante, de rutura com um estilo de cozinha prisioneira da ortodoxia nas Cozeduras, com molhos grossos, eivados de gordura animal e o excessivo emprego de especiarias. O livro de Riguad coloca a ênfase no recurso expressivo de aromas campestres, com trinta e sete receitas, de ervas aromáticas no enaltecimento dos pratos de peixe e mariscos, oitenta e oito receitas de peixe, vinte e quatro de mariscos, trinta e sete de vaca, quarenta e cinco de vitela e no desvalimento das já referidas especiarias, da carne de porco, apenas cinco receitas, e de borrego, cabrito e carneiro, vinte e nove receitas. Nesta obra, naturalmente, o destaque foi para as receitas de aves e caça, com oitenta e três fórmulas.

No Minho, em casas solarengas ou de agricultores abastados, era tradição possuir dois fornos aquecidos a lenha, um para cozer o pão (broa de milho), de maiores dimensões e um segundo, mais reduzido, para os assados, era sinal de opulência e fartura. A preservação destes detalhes arquitetónicos é fundamental para a conservação da memória coletiva de uma época.

Nos tempos que decorreram até ao início do século XIX, o receituário minhoto, nas mãos de famílias nobres ou de ordens religiosas, apresentava uma diversidade de receitas onde o carneiro ou o cordeiro eram os protagonistas. "Sopa de assado", "arroz à antiga portuguesa", arroz de

zedura e melhorava a consistência da carne". Estas almondegas geralmente eram fritas em banha de porco e acompanhadas com arroz de feijão ou milho traçado com feijão.
Os miolos de carneiro ou de anho eram muito utilizados, no Minho, para a alimentação das crianças e jovens, porque existia a crença ancestral de que estes miolos aumentavam a inteligência de quem os comia. Era habitual quando um lavrador matava um carneiro, cordeiro ou anho e não tinha na família jovens, que este oferecesse os miolos a um vizinho ou familiar que tivesse filhos ainda jovens, de modo a ser cozinhados e destinados à sua alimentação. Quando o carneiro, cordeiro ou anho era assado ou estufado, geralmente a cabeça também o era, para, de seguida, serem retirados os miolos, e quando eram oferecidos a um vizinho ou familiar geralmente eram fritos em unto de porco
Muito do receituário desta altura, mostrava-se muito elaborado, pelo que exigia estar ligado a cozinhas com maior disponibilidade, fossem elas urbanas, senhoriais ou conventuais. "É sabido que nas aldeias não há carne de vaca tão frequentemente como nas cidades, e por isso pode fazer-se caldo com carneiro ou porco, mas as partes gelatinosas não são tão abundantes nesseas carnes como na da vaca, acrescentam-se-lhes vitela e augmentam-se os temperos". Foram as diferenças existentes entre estes mundos que estimularam a criatividade, inventando novos sabores, consistências e apresentações.
E é, ainda, nas tradições e no mundo rural que se celebra (também gastronomicamente) o cordeiro. A Páscoa é uma das datas comemorativas mais importantes entre as culturas ocidentais, embora assumindo diferentes significados, relaciona-se sempre com a esperança de uma vida nova, de um recomeço. Ancestralmente, nas culturas pagãs, a época da Páscoa comemorava a chegada da primavera, e o início de um novo ciclo produtivo e de fertilidade.

carneiro", estufado de carneiro", "carneiro com batatas", "mãos de carneiro com molho de tomate", "quarto de carneiro assado", "picado de carneiro", "miolos de carneiro", eram algumas das diversas iguarias elaboradas com a carne dos ovinos.
Nos arquivos do Mosteiro de Tibães existe uma receita de "Almondegas de Anho e Galinha3", sendo esta "preparada pelos monges como forma de utilização das carnes mais duras, uma vez que este processo reduzia o tempo de cozedura e melhorava a consistência da carne". Estas almondegas geralmente eram fritas em banha de porco e acompanhadas com arroz de feijão ou milho traçado com feijão.
Os miolos de carneiro ou de anho eram muito utilizados, no Minho, para a alimentação das crianças e jovens, porque existia a crença ancestral de que estes miolos aumentavam a inteligência de quem os comia. Era habitual quando um lavrador matava um carneiro, cordeiro ou anho e não tinha na família jovens, que este oferecesse os miolos a um vizinho ou familiar que tivesse filhos ainda jovens, de modo a ser cozinhados e destinados à sua alimentação. Quando o carneiro, cordeiro ou anho era assado ou estufado, geralmente a cabeça também o era, para, de seguida, serem retirados os miolos, e quando eram oferecidos a um vizinho ou familiar geralmente eram fritos em unto de porco
Muito do receituário desta altura, mostrava-se muito elaborado, pelo que exigia estar ligado a cozinhas com maior disponibilidade, fossem elas urbanas, senhoriais ou conventuais. "É sabido que nas aldeias não há carne de vaca tão frequentemente como nas cidades, e por isso pode fazer-se caldo com carneiro ou porco, mas as partes gelatinosas não são tão abundantes nesseas carnes como na da vaca, acrescentam-se-lhes vitela e augmentam-se

Na cultura judaica, de origem hebraica, a Páscoa significa passagem, a libertação do povo de Israel da opressão egípcia, e celebra-se com uma refeição, o *Sêder de Pessach* que inclui um cordeiro assado e pães ázimos, sem fermento, para lembrar a pressa com que abandonaram o Egipto, acompanhada de ervas amargas, como símbolo do sofrimento do povo no deserto.

Na cultura cristã, a Páscoa celebra a passagem da morte para a vida eterna, através da Ressurreição de Jesus de Nazaré. Sendo a Páscoa a principal e provavelmente a mais antiga comemoração do ano litúrgico cristão, ainda hoje em muitas regiões, o almoço do Domingo de Páscoa celebra a Ressurreição de Cristo e tem como prato principal o cordeiro ou o cabrito assado, tal como acontece no Norte de Portugal.

No entanto, os séculos XIX e XX trouxeram-nos o abandono progressivo do consumo de ovinos e caprinos, ficando dessa memória ancestral apenas o consumo de cabrito, cordeiro e anho. Atualmente, o anho é essencialmente assado no forno em alguidar ou pingadeira de barro vermelho sobre arroz, que dá origem ao arroz pingado. O arroz leva geralmente estames de açafrão que lhe dá a cor amarelada e um sabor único, ficando humedecido com a gordura do anho, que assa sobre uma grade de paus de loureiro.

Encontramos, como referência, no Receituário Gastronómico do Minho, apenas duas receitas de cordeiro ou anho: anho grelhado à moda dos carvoeiros da Serra de Agra e cordeiro à moda de Monção.

A tradição do cordeiro surge, na região de Monção, ligado às celebrações Pascais, e o papel que o Almoço de Páscoa

os temperos". Foram as diferenças existentes entre estes mundos que estimularam a criatividade, inventando novos sabores, consistências e apresentações.

E é, ainda, nas tradições e no mundo rural que se celebra (também gastronomicamente) o cordeiro. A Páscoa é uma das datas comemorativas mais importantes entre as culturas ocidentais, embora assumindo diferentes significados, relaciona-se sempre com a esperança de uma vida nova, de um recomeço. Ancestralmente, nas culturas pagãs, a época da Páscoa comemorava a chegada da primavera, e o início de um novo ciclo produtivo e de fertilidade.

Na cultura judaica, de origem hebraica, a Páscoa significa passagem, a libertação do povo de Israel da opressão egípcia, e celebra-se com uma refeição, o Sêder de Pessach que inclui um cordeiro assado e pães ázimos, sem fermento, para lembrar a pressa com que abandonaram o Egipto, acompanhada de ervas amargas, como símbolo do sofrimento do povo no deserto.

Na cultura cristã, a Páscoa celebra a passagem da morte para a vida eterna, através da Ressurreição de Jesus de Nazaré. Sendo a Páscoa a principal e provavelmente a mais antiga comemoração do ano litúrgico cristão, ainda hoje em muitas regiões, o almoço do Domingo de Páscoa celebra a Ressurreição de Cristo e tem como prato principal o cordeiro ou o cabrito assado, tal como acontece no Norte de Portugal.

No entanto, os séculos XIX e XX trouxeram-nos o abandono progressivo do consumo de ovinos e caprinos, ficando dessa memória ancestral apenas o consumo de cabrito,

→

Sacrário da Igreja do Mosteiro de Tibães. Na porta Agnus Dei e glória com anjo. *Church of the Tibães Monastery Sacrarium. At the door Agnus Dei and glory with an angel.*



assumia (e assume) no seio das famílias monçanenses. Tradicionalmente na região de Monção, quem não tinha rebanho, umas semanas antes da Páscoa, ia à feira escolher e comprar o animal que seria o repasto no Domingo de Páscoa. Surge, assim, a Feira de Pias, também conhecida como a Feira da Rês que, com mais de 215 anos de existência, é tradicionalmente dedicada à comercialização de gado ovino e caprino, e que se realiza anualmente em março, no lugar de Cristelo.

Reconhecer o património gastronómicos é uma viagem única de sabores e qualidade, em particular dos produtos endógenos e/ou locais, que permitem referenciar a identidade de um povo e a notoriedade das diferentes geografias que compõem Portugal. Identificar as diferenças gastronómicas é valorizar a diversidade das regiões, das suas tradições e História.

Também as ovelhas do Minho merecem ser parte deste percurso. Com História, procuram ainda a sua identidade produtiva, com as suas Tradições necessitam de se reinventar (mesmo que seja num regresso ao Passado ajustado a novos hábitos e consumos), com a sua Gastronomia ser um forte contributo ao desenvolvimento local.

Dadiva da natureza, a domesticação criou uma relação única entre as diferentes espécies animais e o Homem. De forma única, muito nos deram – o seu produto, a adaptação a diferentes sistemas agroecológicos, mesmo a sua companhia. As ovelhas, ainda, como símbolo de religião, oferenda e sacrifício. Mas com tanto sacrifício que esta espécie foi tendo desde a Antiguidade, não está na altura de a valorizarmos?

cordeiro e anho. Atualmente, o anho é essencialmente assado no forno em alguidar ou pingadeira de barro vermelho sobre arroz, que dá origem ao arroz pingado. O arroz leva geralmente estames de açafrão que lhe dá a cor amarelada e um sabor único, ficando humedecido com a gordura do anho, que assa sobre uma grade de paus de loureiro.

Encontramos, como referência, no Receituário Gastronómico do Minho, apenas duas receitas de cordeiro ou anho: anho grelhado à moda dos carvoeiros da Serra de Agra e cordeiro à moda de Monção.

A tradição do cordeiro surge, na região de Monção, ligado às celebrações Pascais, e o papel que o Almoço de Páscoa assumia (e assume) no seio das famílias monçanenses. Tradicionalmente na região de Monção, quem não tinha rebanho, umas semanas antes da Páscoa, ia à feira escolher e comprar o animal que seria o repasto no Domingo de Páscoa. Surge, assim, a Feira de Pias, também conhecida como a Feira da Rês que, com mais de 215 anos de existência, é tradicionalmente dedicada à comercialização de gado ovino e caprino, e que se realiza anualmente em março, no lugar de Cristelo.

Reconhecer o património gastronómicos é uma viagem única de sabores e qualidade, em particular dos produtos endógenos e/ou locais, que permitem referenciar a identidade de um povo e a notoriedade das diferentes geografias que compõem Portugal. Identificar as diferenças gastronómicas é valorizar a diversidade das regiões, das suas tradições e História.



Receita de Cordeiro à Moda de Monção

— Receita de Cordeiro à Moda de Monção

O Cordeiro à Moda de Monção é um prato que requer preparação prévia, os chamados banhos, pelo que todo o processo de preparação do prato, entre banhos e cozedura, decorre durante mais de 24 horas.

Para os banhos é necessário:

→ Sal;
→ Dentes de alho;
→ Pimenta branca;
→ Vinagre e/ou vinho; o mais frequente é utilizar vinagre, ou então uma mistura de vinagre com o tradicional vinho verde da região, pela acidez característica que confere;
→ Açafrão para barrar o cordeiro apos o último banho;

Para a calda do arroz é necessário:

→ Carne de porco: nomeadamente, presunto e chouriço e/ou salpicão
→ Carne de galinha (preferencialmente gorda);
→ Carne de vaca;
→ Sal;
→ Pimenta branca;
→ Açafrão;
→ Salsa.

Banhos

O cordeiro, que deverá ser oriundo preferencialmente das explorações de Monção, não ultrapassando os 10 kg pós-morte, depois de devidamente limpo, sem as gorduras indesejadas, é submetido aos banhos durante 24 horas.

Assim, durante as 24 horas que precedem a sua cozedura, o cordeiro deverá ser esfregado várias vezes com a calda do banho. Este banho contém sal, alho, pimenta branca e vinagre e/ou vinho, ficando o cordeiro a marinar nesta calda de um dia para o outro. O último banho, imediatamente antes de o cordeiro ser colocado no forno, é feito com a adição de açafrão, de forma a dar cor ao cordeiro.

Calda do arroz

As quantidades relativas de cada condimento utilizado, bem como o tempo de cozedura das carnes na calda para o arroz, diferem de produtor para produtor, o que permite aos bons apreciadores diferenciar o cordeiro de um produtor para outro. O arroz a usar deverá ser preferencialmente arroz extra longo branqueado.

A carne de vaca, porco e galinha, para a calda de arroz, deverá ferver durante o tempo que o produtor considerar necessário para que adquira as características organolépticas pretendidas. Após a cozedura, a água deverá ser coada e temperada com sal, pimenta e açafrão. Depois de preparada a calda para o arroz, este é colocado em alguidar de barro vermelho de loiça de Barcelos, ovalado, e com o dobro da quantidade da calda.

O cordeiro inteiro é colocado por cima do alguidar de forma a pingar no arroz, e é levado ao forno de lenha, previamente aquecido. Quem não tem o forno em casa, pode utilizar o forno comunitário que serve toda a aldeia, o importante é na Páscoa comer este soberbo manjar dos deuses. O forno, durante o processo de confeção é aberto uma vez, para se virar o cordeiro permitindo uma cozedura uniforme.



In "Cordeiro à moda de Monção". Edição IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo. 2014. *In "Monção style lamb". Edition IPVC – Polytechnic Institute of Viana do Castelo. 2014.*

AGRADECIMENTOS

— *Acknowledgements*

As Feiras Novas de Ponte de Lima como Grande Festa de Tradições Populares e forte preponderância rural, apresentam uma importante componente dedicada às nossas raças autóctones, seja ela expositiva/promocional ou técnica/científica. Em 2018, nas raças de galinhas autóctones, tal como aconteceu com a raça Garrana em 2017 e com a raça Minhota em 2016, teremos, em 2021, o lançamento do Livro "Ovelhas do Minho" no sentido de inserir esta espécie autóctone nos próximos concursos pecuários.
De assinalar e enaltecer o apoio entusiasta que o Município de Ponte de Lima, em particular o seu Presidente, Eng.º Victor Mendes, tem dedicado a todas estas manifestações que valorizam o conhecimento da nossa identidade e património,
Aos criadores das raças autóctones e à AMIBA, seus técnicos e dirigentes, à Senhora Dr.ª Susana Pombo, Diretora-Geral de Alimentação e Veterinária, ao Cónego Paulo Abreu da Arquidiocese de Braga, ao Projeto "Salva a Lã Portuguesa" e à Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto pelas fotografias disponibilizadas, uma palavra de forte incentivo e de apreço por um trabalho louvável na defesa do património genético animal e que engrandece Portugal.
Agradecemos também a todos os que contribuíram para a edição desta publicação, fotógrafos, gráfica e colaboradores, com especial ênfase no design gráfico da Maria João Novo,

As Feiras Novas de Ponte de Lima como Grande Festa de Tradições Populares e forte preponderância rural, apresentam uma importante componente dedicada às nossas raças autóctones, seja ela expositiva/promocional ou técnica/científica. Em 2018, nas raças de galinhas autóctones, tal como aconteceu com a raça Garrana em 2017 e com a raça Minhota em 2016, teremos, em 2021, o lançamento do Livro "Ovelhas do Minho" no sentido de inserir esta espécie autóctone nos próximos concursos pecuários.
De assinalar e enaltecer o apoio entusiasta que o Município de Ponte de Lima, em particular o seu Presidente, Eng.º Victor Mendes, tem dedicado a todas estas manifestações que valorizam o conhecimento da nossa identidade e património,
Aos criadores das raças autóctones e à AMIBA, seus técnicos e dirigentes, à Senhora Dr.ª Susana Pombo, Diretora-Geral de Alimentação e Veterinária, ao Cónego Paulo Abreu da Arquidiocese de Braga, ao Projeto "Salva a Lã Portuguesa" e à Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto pelas fotografias disponibilizadas, uma palavra de forte incentivo e de apreço por um trabalho louvável na defesa do património genético animal e que engrandece Portugal.
Agradecemos também a todos os que contribuíram para a edição desta publicação, fotógrafos, gráfica e colaborado-

sempre criativo, único e exemplar, o nosso muito obrigado.
Uma palavra final, propositada, aos Autores. Reconheço como Presidente da Associação Concelhia das Feiras Novas, o interesse pessoal, profissional e académico dos Autores que muito valorizam e dignificam as Feiras Novas, com este apontamento cultural sobre um património dos limianos, mas sobretudo dos portugueses. A todos os Autores, na pessoa do nosso muito estimado Professor Nuno Vieira e Brito, o nosso mais sincero: Obrigada!

res, com especial ênfase no design gráfico da Maria João Novo, sempre criativo, único e exemplar, o nosso muito obrigado.
Uma palavra final, propositada, aos Autores. Reconheço como Presidente da Associação Concelhia das Feiras Novas, o interesse pessoal, profissional e académico dos Autores que muito valorizam e dignificam as Feiras Novas, com este apontamento cultural sobre um património dos limianos, mas sobretudo dos portugueses.

Ana Maria Machado

Presidente da Associação Concelhia das Feiras Novas
President of the Municipal Association of Feiras Novas



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

— *Literature Reviewed*

- AA, 1894. "O Cozinheiro indispensavel: repositorio dos melhores processos de preparar as mais saborosas iguarías". Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Porto.
- ALBERTO, F.J. et al., 2018. "Convergent genomic signatures of domestication in sheep and goats". Nat Commun 9, 813.
- ALVES, M., et al. 2015. "Sabores Contados. A gastronomia Tradicional no Entre Douro e Minho". ATAHCA.
- AMIBA, 2018. "Manual de Classificação Morfológica Linear. Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho". AMIBA. Vila Verde.
- AMIBA, 2018. "Manual de Classificação Morfológica Linear. Raça Churra do Minho". AMIBA. Vila Verde.
- ARBUCKLE, B. S., 2014. "Pace and process in the emergence of animal husbandry in Neolithic Southwest Asia". Bioarchaeology of the Near East. 8. pp.53-81.
- BALASSE, M., et al., 2017. "Animal Board Invited Review: Sheep birth distribution in past herds: A review for prehistoric Europe (6th to 3rd millennia BC)". Animal, 11.
- BRITO, N. V., et al., 2020. "The Environment and the Biometry in the Northwest Portuguese Sheep Breeds". Apresentação online de poster na EAAP 2020 Virtual Meeting.
- BRITO, N.V., et al., 2018. "Galinhas de Portugal". Município de Ponte de Lima.
- BRUFORD, M., et al., 2003. "DNA markers reveal the complexity of livestock domestication". Nature Reviews Genetics 4, 900–910.
- BUNCH, T., et al., 1976. "Translocations of acrocentric chromosomes and their implications in the evolution of sheep (Ovis)". Cytogenet Genome Res. 17. pp.122-136.
- CAROLINO, N., Dantas, R. e Silveira, M. 2020. "Raça ovina Churra do Minho – Avaliação Genética 2020". Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária.
- CAROLINO, N., Dantas, R. e Silveira, M., 2020. "Raça ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho – Avaliação Genética 2020". Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária.
- CAROLINO, N., et al., 2020. "Raça ovina Bordaleira de Entre Douro e Minho - Caracterização Genética por Análise Demográfica – 2020". Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária.
- CAROLINO, N., et al., 2020. "Raça ovina Churra do Minho - Caracterização Genética por Análise Demográfica – 2020". Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária.
- DANTAS, R., 2003. "Raça ovina bordaleira de Entre Douro e Minho". ANCABRA. Nº5. Ano 2003.
- DARWIN, C., 1859. "On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life". D. Appleton and company. New York.
- DAVIS, S. J. M., 1993. "The zoo-archaeology of sheep and goat in mesopotamia". Bulletin on Sumerian Agriculture.
- DAVIS, S. J. M., 2007. "Zooarchaeological evidence for Moslem and Christian improvements of sheep and cattle in Portugal". Elsevier Ltd. Journal of Archaeological Science 35.
- DESCAMPS, P., 1935. "Le Portugal; La vie sociale actuelle". Firmin Didot. Paris.
- DGAV, 2013. "Raças Autóctones Portuguesas". DGAV. Lisboa.
- DGAV, 2019. "Normas para Aplicação em Programas de Conservação Genética Animal e Programas de MelhoramentoGenético Animal". Gabinete de Recursos Genéticos Animais. Lisboa.
- FAO, 2020. "Status and Trends of Animal Genetic Resources". Inf. 6. Rome.
- GARCÍA J.E.Y., 2002. "Catálogo de Raças Autóctones de Castela e Leão (Espanha) — Região Norte de Portugal. II Espécies ovina, caprina, porcina, cães de gado e galinhas". Fundação Rei Afonso Henriques.
- HACHID, M., 2015. "La domestication des ovins, caprins et boeufs domestiques au Maghreb et un âge pour l'art rupestre de L'afrique du Nord : 8000 ans Cal BP". INORA, n.73.
- HASELGROVE, C. and POPE, R., 2007. "The Earlier Iron Age in Britain and the Near Continent". Oxbow Books. Oxford.
- HIENDLEDER, S., et al., 1998. "Analysis of mitochondrial DNA indicates that domestic sheep are derived from two different ancestral maternal sources: no evidence for contributions from urial and argali sheep". Journal of Heredity. Volume 89. Issue 2. March 1998. pp.113–120.
- HIENDLEDER, S., et al., 2002. "Molecular analysis of wild and domestic sheep questions current nomenclature and provides evidence for domestication from two different subspecies". Proc. R. Soc. Lond. B.269. pp.893–904.

- HOWE, T., 2014. "The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life. Chapter 6. Domestication and Breeding of Livestock: Horses, Mules, Asses, Cattle, Sheep, Goats, and Swine". Oxford University Press.
- MARSHALL, F. and CAPRILES, J. M., 2014. "Animal Domestication and Pastoralism: Socio-Environmental Contexts". Encyclopedia of Global Archaeology. Department of Archaeology. Flinders University. Australia.
- MEDEIROS, F., 1987. "Grupos domésticos e habitat rural no Norte de Portugal — o contributo da escola de Le Play". 1908-34. Análise Social, Vol. XXIII (95).
- NADLER, C.F., et al., 1973. "G-band patterns as chromosomal markers, and the interpretation of chromosomal evolution in wild sheep (Ovis)". Experientia 29. pp.117–119.
- NIGEL, C., 2007. "Animal interface: the generosity of domestication". Cassidy, Rebecca and Mullin, Molly eds. Where the wild things are now: domestication reconsidered. Wenner-Gren International Symposium Series. Oxford. Berg Publishers, pp. 49–70.
- OLIVEIRA, E. V., 1988. "Festividades Cíclicas em Portugal". Publicações D. Quixote.
- ORTIGÃO, R., 2020. "As Farpas. Escritos sobre política. Antologia". Manufatura.
- PACHECO, L. F. G., 1993. "Guia para identificação de raças caprinas e ovinas no Entre Douro e Minho". Formação Profissional Agrária nº 20. DRAEDM.
- PEDROSA, S., et al., 2006. "Mitochondrial diversity and the origin of Iberian sheep". Genet. Sel. Evol. 39. INRA. EDP Sciences. pp.91–103.
- PEREIRA, F., et al., 2006. "Genetic Signatures of a Mediterranean Influence in Iberian Peninsula Sheep Husbandry". Society for Molecular Biology and Evolution. 3(7). pp.1420–1426.
- PETER, C., et al., 2007. "Genetic diversity and subdivision of 57 European and Middle-Eastern sheep breeds". Animal Genetics. 38 (1): pp.37-44.
- QUITÉRIO, J., 1987. "Livro de bem comer. Crónicas de Gastronomia Portuguesa". Assírio & Alvim. Lisboa.
- RIBEIRO, A., 2012. "A casa grande de Romarigães". Editora 11x17.
- SABATINI, S., et al., 2019. "Approaching sheep herds origins and the emergence of the wool economy in continental Europe during the Bronze Age". Archaeological and Anthropological Sciences.
- SAMPAIO, F., 2009. "A religiosidade e a gastronomia no Alto Minho". Cad. Vianenses.43, 233-260.
- SAÑA SEGUÍ, M., 2005. "Animal domestication: subject of study and subject of historical knowledge". Revue de Paléobiologie, Genève. Vol. spéc. 10. pp.149-154.
- TEIXEIRA, A., 1994. "Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses. Uma perspectiva morfométrica". ISPB. Série Estudos n.25.
- VIGNE, J.-D., PETERS, and HELMER, D., 2002. "First Steps of Animal Domestication. New archaeozoological approaches". Proceedings of the 9th Conference of the International Council of Archaeozoology. Durham.
- ZEDER, M. A., 2017. "Human Dispersal and Species Movement: From Prehistory to the Present". Chapter 11. Out of the Fertile Crescent: The dispersal of Domestic Livestock Through Europe and Africa. pp.261-290.
- ZEDER, M., 2012. "The Domestication of Animals". Journal of Anthropological Research. 68 (2). pp.161-190.
- ZOHARY, D., et al., 2012. "Domestication of Plants in the Old World. The origin and spread of domesticated plants in southwest Asia, Europe, and the Mediterranean Basin". Fourth Edition. Oxford University Press.








MUNICÍPIO PONTE DE LIMA
TERRA RICA DA HUMANIDADE
FEIRAS NOVAS
PONTE DE LIMA
AMIBA